



FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Ana Isabel Correia Duarte

2º Ciclo de Estudos em Ciências da Comunicação

O Público e o Jornalismo de Referência

2013

Orientador: Professor Doutor Paulo Frias da Costa

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/Projeto/IPP:

Versão definitiva

# Índice

Agradecimentos	Pág. 3
I. Introdução	Pág. 4
II. Jornalismo de referência	Pág. 5
2.1. Breve história do jornalismo impresso e do conceito de imprensa de referência	Pág. 6
Jornais de referência	Pág. 18
2.2. Jornalismo de referência vs. jornalismo popular	Pág. 25
2.3. A importância da ética	Pág. 28
2.4. Os desafios do jornalismo de referência	Pág. 31
2.5. O panorama atual e perspectivas do jornalismo de referência	Pág. 37
2.6. O que faz do <i>Público</i> um jornal de referência	Pág. 39
2.7. Comparação do <i>Público</i> com outros jornais de referência	Pág. 54
III. Em síntese/considerações finais	Pág. 60
IV. Conclusão e conselhos para futuras investigações	Pág. 62
V. Jornal <i>Público</i>	Pág. 63
5.1. Breve contextualização histórica	Pág. 63
5.2. Organização interna	Pág. 71
VI. Atividades realizadas durante o estágio: Análise e balanço	Pág. 72
VII. Reflexão	Pág. 80
VIII. Referências bibliográficas	Pág. 81
Anexos	

## **Agradecimentos**

Este trabalho não pode deixar de referir as várias pessoas que contribuíram para que o mesmo se concretizasse. Agradeço então:

Aos meus pais, que sempre me deram a liberdade, e também a responsabilidade, para escolher o que devia estudar e a profissão que ia seguir; Sem eles não imagino como tinha chegado até onde estou agora.

Ao professor e orientador Paulo Frias, pela disponibilidade e o acompanhamento contínuo na elaboração deste relatório. Aos jornalistas do *Público*: Abel Coentrão, Patrícia Carvalho, Sérgio Costa Andrade, Inês Nadais, José Augusto Moreira, Manuel Carvalho, Andreia Azevedo Soares e Amílcar Correia, do P3, e em especial ao editor e orientador de estágio, Álvaro Vieira. Todos me ajudaram a integrar na redação e a perceber e adotar as práticas quotidianas de um jornalista. Ao meu colega de curso e de estágio, João Ribeiro, por também me ter ajudado na adaptação na redação. Ao diretor adjunto do *Público*, Nuno Pacheco, e ao professor e jornalista que fez parte da fundação do *Público*, Joaquim Fidalgo, por terem partilhado comigo algumas das suas ideias sobre o jornal. À cidade da Covilhã, e à Universidade da Beira interior, que me viram dar os primeiros passos em direção à missão que é o jornalismo. Ao professor João Canavilhas, professor José Ricardo Carvalheiro e professora Anabela Gradim, que foram os meus primeiros mentores no jornalismo. A todos os meus amigos que me acompanharam durante a minha vida académica, em especial: Mariana, Margarida, Paula, Francisco, Joana, Rui, Tânia Carreira, Inês Rato, Lúcia. À minha prima Rita, por toda a paciência e amizade. Aos meus amigos que já me conhecem desde a infância: Tânia, Manu, Catarina, Magda, Hugo, Tiago, Margarida, Raquel, Diana, Eduardo e João. À Raquel Loureiro, colega de curso e de trabalhos, companheira de casa e de tantas outras aventuras; Mais do que isso, uma amiga que muito admiro e que partilha objetivos comigo.

À Inês, que desde que me conheceu soube qual era a minha vocação e sempre me encorajou a segui-la, especialmente quando eu tinha dúvidas.

Aos meus primos Pedro e Marta pela companhia enquanto escrevia o relatório.

Por fim, quero dedicar este trabalho à minha avó.

## **I. Introdução**

"Journalism is printing what someone else does not want printed: everything else is public relations." George Orwell

Atualmente vive-se em Portugal um período de crise que se estende a todos os setores: económico, social e cultural. Recentemente, o setor dos media também tem sofrido com a onda de crise que assola o país. Em outubro de 2012 assistiu-se a fechos de publicações, cortes, vendas e as consequentes greves e manifestações. A Impresa, de Francisco Pinto Balsemão, fechou a *Casa Cláudia*, *Casa Cláudia Ideias*, *Arquitectura & Construção*, do segmento de decoração, e os títulos *Autosport* e *Volante*, do setor automóvel. A Cofina (detentora do *Correio da Manhã* e do *Record*) encerrou a revista *Automotor*, também ligada aos automóveis. A agência Lusa sofreu um corte de 30% por parte do Governo, devido ao Orçamento de Estado de 2013. Estes cortes motivaram uma greve histórica por parte dos jornalistas que durou quatro dias e teve uma adesão acima dos 90%, segundo o Sindicato dos Jornalistas (in Rádio Renascença, 2012). No jornal *Público*, foram despedidos, em Outubro, 48 trabalhadores, 36 dos quais jornalistas, com vista em reduzir as despesas (3,5 milhões de euros de custos fixos), o que também provocou uma greve no jornal que coincidiu com a greve da Agência Lusa. O grupo Controlinveste, por outro lado, não anunciou cortes nem fechos mas, a empresa de Joaquim de Oliveira que detém o *Jornal de Notícias*, o *Diário de Notícias*, *O Jogo* e a TSF, foi vendida a um fundo de capital de risco, liderado pelo empresário angolano António Mosquito, que passará a deter mais de 50% do capital da Controlinveste.

Este relatório foi escrito para relatar a experiência de um estágio efetuado no âmbito do 2º ano de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Estudos dos Media e Jornalismo, no jornal *Público*, de 3 de dezembro de 2012 a 1 de março de 2013, na editoria Local Porto enquanto o diário vivia uma das piores fases da sua história.

A primeira parte deste relatório de estágio é mais teórica e debruça-se sobre a temática do jornalismo de referência. A escolha do *Público* para efetuar o estágio deu-se devido ao facto de ser um periódico conceituado, que se assume diretamente desde a sua fundação como um jornal de referência. Como já foi referido, 2012 foi um ano crítico para o setor dos media em Portugal, e o *Público* não escapou ileso a essa crise. Assim sendo, surgiu a ideia de perceber o que é o jornalismo de referência, o que torna o *Público*

num diário de referência, e se esse ainda é um estatuto que o jornal consegue sustentar nos dias correntes.

Este documento apresenta depois uma breve história do *Público* como instituição, bem como da organização interna da redação do Porto, onde o estágio foi realizado.

A última parte do relatório refere-se à apresentação e descrição detalhada do trabalho que foi efetuado como jornalista estagiária da editoria Local Porto do *Público*, durante três meses, bem como à reflexão e ao balanço acerca dessas tarefas.

## **II. Jornalismo de referência**

O jornalismo de referência é, como o nome indica, um jornalismo que serve de referência para a informação, análise e produção de opinião. O *Público* assume-se, desde a sua fundação, como um diário de referência que pratica um estilo que se enquadra no mesmo tipo de jornalismo praticado por outros periódicos de referência de todo o mundo. Este capítulo pretende definir e explicar o conceito de jornalismo de referência (ou de qualidade e de elite, termos mais próprios de autores americanos), passando primeiro por uma abordagem às raízes do jornalismo impresso e imprensa ocidental, explicitar o panorama atual deste tipo de jornalismo e perceber o que torna o *Público* num periódico de referência, e se ainda se insere nesse estatuto após o período difícil que atravessa, nomeadamente, desde o despedimento coletivo de outubro de 2012.

Neste capítulo são identificados também vários jornais de referência de todo o mundo, extintos ou não. Após citados esses títulos, é dada uma pequena história de cada publicação, percebendo o que os tornou em jornais de referência. Começam a surgir aqui alguns dos indicadores para a imprensa de referência.

É estabelecida a distinção entre imprensa popular e de referência, desde a génese de ambas. Faz-se ainda um balanço de como é trabalhar num jornal de referência num período de crise e de tensão na redação. Procura-se enquadrar o *Público* no estatuto de diário de referência com base em critérios e indicadores elaborados por vários autores. Existem duas maneiras de designar o tipo de jornalismo estudado neste relatório: Jornalismo de referência (no caso de autores portugueses), e jornalismo de qualidade (no

caso de autores brasileiros e, de língua inglesa e espanhola). Todavia, ambas as expressões se referem ao mesmo objeto.

## **II. 1. Breve história do jornalismo impresso e do conceito de imprensa de referência**

Uma sociedade informada e instruída inserida numa democracia tem na sua sombra uma imprensa funcional e de qualidade. O papel do jornalismo é fundamental para a organização do sistema social e político. A definição de jornalismo não é linear nem consensual, mas jornalismo não deixa de ser uma vontade de contar histórias, histórias presas à verdade e à atualidade, vigiando e denunciando. E contar histórias sempre fez parte da natureza do ser humano enquanto animal social. “É óbvio que o jornalismo não está unicamente relacionado com a vigilância dos agentes de poder. O jornalismo deve ser comunicação útil. Informar, jornalisticamente falando, também significa noticiar sobre todos os acontecimentos, questões úteis e problemáticas socialmente relevantes, estejam ou não relacionadas com a ação dos agentes de poder” (Sousa, 2005).

As necessidades de relatar, contar, registrar e arquivar surgem desde muito cedo. Como confirma Sousa (2008: 20), “desde o alvorecer das civilizações históricas que os povos procuraram registrar, para memória futura, os acontecimentos notáveis da sua vida, em especial as façanhas dos seus líderes”.

Desde o tempo dos primitivos homens das cavernas que era notória a vontade de comunicar, que o faziam então através de mensagens pintadas nas paredes das cavernas. A história do jornalismo ocidental<sup>1</sup> terá tido o seu berço na Grécia antiga, através de Tucídides, que se acredita ser o primeiro repórter, autor de *História da Guerra do Peloponeso*. Segundo Sousa (2005), foi na Grécia que nasceu a prática do registo de acontecimentos vividos, o que era um híbrido entre realidade e ficção, jornalismo e história. Júlio César e Homero tomam o mesmo caminho que Tucídides e começam a construir alguns dos seus textos com base na técnica ainda hoje ensinada nas

---

<sup>1</sup> Não há um consenso académico quanto à génese do jornalismo. A origem do jornalismo pode ser analisada de acordo com contextos socioculturais e com contextos técnicos. O jornalismo pode ter nascido na Grécia antiga porque é nessa altura que surge o primeiro repórter, que partilha histórias e acontecimentos; pode-se considerar que o jornalismo surge no séc. XV, com a invenção da imprensa por Gutenberg. Pode ainda o aparecimento do jornalismo ser associado apenas à imprensa industrial, no séc. XIX, com a distribuição em massa dos jornais, que marca o aparecimento do jornalismo tal como hoje é conhecido.

universidades e cursos de jornalismo, a pirâmide invertida. Textos compilados a relatar acontecimentos surgem, presumivelmente, no século II a.C. na Roma antiga, sob a forma de *Atas Diurnas*<sup>2</sup>, elaboradas por escribas (equiparados a jornalistas) a mando de Júlio César. Sousa (2005), projetou que as atas serviam para relatar sessões do Senado Romano e procedimentos judiciais. Mais tarde, as mesmas atas, que eram periódicas e publicadas no *Fórum*, “passaram a referenciar uma panóplia de assuntos, como acontecimentos importantes para o Império, combates de gladiadores, atos públicos da família imperial, etc” (Sousa, 2005: 15). Assim, estes documentos podem ser considerados, em termos de estrutura e intenção informativa, como os ancestrais do que hoje é considerado um jornal. Cuadrado (2007:11), citado por Sousa (2008: 34), acentua que as atas são “o primeiro exemplo seguro de jornalismo na história da humanidade, ainda que, como é lógico, não reúna todas as características que se exigem atualmente, mas muitas mais do que sem os dados contrastados de uma investigação rigorosa se pudesse pensar, aparece em Roma”. A sua periodicidade, o caráter público, a existência de escribas e os temas de foro noticioso são algumas características das *Atas Diurnas* semelhantes ao jornalismo atual.

Desde então que o jornalismo, rudimentar ou não, assumiu um papel central na sociedade. A civilização grega, bem como a romana, ficou na História pela importância que dava à filosofia, às artes e ao cultivo das letras e das ciências (tendo sido a literatura o ponto de partida para o jornalismo). Em Roma, onde estava implementada a democracia, havia o *Fórum*, e na Grécia a *Ágora*. Ambos funcionavam como espaço público no qual os cidadãos debatiam ideias. O jornalismo encaixa-se nestes espaços, como norteador de opinião pública.

Todo o auge cultural e intelectual que a Europa ocidental vivia através da Grécia e Roma deu lugar a um declínio que travou os impulsos que se tinham vindo a registar nos campos das letras e das artes. Este declínio começou a dar-se de forma gradual a partir do século III, e viria a conduzir à queda do Império romano. “Com a queda de Roma às mãos dos bárbaros e com a Igreja Católica a ver crescer a sua obscurantista importância, o que lhe permitiu impor a toda a Europa Ocidental regimes quase teocráticos, extinguiu-se quase por completo a luz da razão e de um humanismo precoce com que a Grécia, primeiro, e Roma, depois, tinham iluminado a humanidade” (Sousa, 2008: 43-44).

Contudo, não era só no ocidente que se caminhava em direção ao jornalismo. Na China, em Pequim, apareceu o “jornal” *Pao*, traduzido para *Gazeta de Pequim*. Esta

---

<sup>2</sup> Ata Diurna romana, ver anexo 1, na página 1 dos Anexos.

publicação era primeiro impressa em placas de madeira e depois em papel, e terá surgido em 618, tendo durado até 1911, mudando de designação. Segundo Sousa (2008: 44), “continha notícias oficiais e respostas dadas pelos funcionários do Imperador a questões que lhe eram colocadas. Era lido pelos funcionários e homens cultos”.

Com a chegada da Idade Média, entre o séculos IV e XIV, a Europa ocidental viu travados os avanços culturais que começaram a germinar na antiguidade clássica. Como descreve Sousa (2008: 44), “Ao longo de mil anos, a Europa entrou num processo de declínio que obscureceu quer o conhecimento racional construído durante o período da antiguidade clássica, quer as conquistas educativas, sociais, políticas e culturais dos povos da Grécia e do Império Romano”. A hegemonia da Igreja Católica, de carácter conservador e opressor não incentivava ao progresso, ou pelo menos a retoma do desenvolvimento do pré-jornalismo desenvolvido por gregos e romanos. “A conjuntura medieval pouco incentivou o aparecimento ou desenvolvimento de fenómenos pré-jornalísticos” (Sousa, 2008: 44). Apesar de pouco contribuir para os desenvolvimentos jornalísticos, a Idade Média não foi totalmente desprovida da configuração de géneros escritos pré-jornalísticos. Apareceram as crónicas medievais<sup>3</sup>, cujos cronistas, segundo Sousa (2008: 45), “registavam, essencialmente, os acontecimentos protagonizados por nobres e monarcas.

A história da imprensa, em termos mais técnicos de redação, impressão e distribuição, começa no século XV, já depois do Renascimento (que consolidou o desenvolvimento do comércio e da indústria do papel, entre outras), com a proliferação das trocas comerciais que, juntamente com “as inovações tecnológicas, a centralização real e as querelas religiosas constituíram o fundamento das redes de textos manuscritos e impressos que surgiram a partir do século XV” (Machuco Rosa, 2008: 18).

Em 1456, Gutenberg cria um método mecânico móvel que permite a impressão de cópias em série. Surgem publicações com fortes impactos sociais e religiosos, como as teses, newsletters, e gazetas. De acordo com Machuco Rosa (2008: 20), “a formação de redes através da cópia de nós é realmente um traço característico do século XVII e vai orientar a imprensa em direção à periodicidade”. A circulação de jornais começa então a funcionar a partir do século XVII.

É difícil identificar com exatidão aquele que terá sido o primeiro jornal impresso propriamente dito. Sousa (2005: 16) indica, através de Costella (1984: 83), que “para

---

<sup>3</sup> Herdeiras dos *Annali* romanos, que por sua vez foram absorvidos pelas *Atas Diurnas*.



alguns historiadores o mais antigo jornal impresso da história é o *Noviny Poradné Celého Mesice Zari Léta 1597 (Jornal Completo do Mês Inteiro de Setembro 1597)*, mensário editado em Praga por Daniel Sedltchansky, a partir de 1597. Mary Bellis (2013) aponta o *Notizie Scritte* como o primeiro jornal (após as *Atas Diurnas*), que foi publicado mensalmente em Veneza, em 1556.

*La Gazette Français*<sup>4</sup> é criada em 1604 por Marcellin Allard e Pierre Chevalier, marcando assim o aparecimento das gazetas.

Outros autores, de acordo com Sousa (2005) dizem ser o semanário *Nieuwe Tijdinghen* o primeiro jornal impresso, fundado na Antuérpia, em 1605, por Abraão Verhoeven. Na Alemanha surge o *Relation: Aller Fuernemmen und gedenckwuerdigen Historien*<sup>5</sup>, em Estrasburgo, 1609, criado por Johann Carolus. Segundo Sousa (2005) seguem-se o *Mercure Français*, em 1611 e *Weekly News*, em Inglaterra, 1622.

Começavam a ser construídos os alicerces para o jornalismo moderno. “A sociedade, sujeita a transformações, instabilidade e mudanças, necessitava de informação. Por isso, havia não só recetividade para as notícias, mas também matéria-prima informativa suficiente para sustentar o aparecimento dos primeiros jornais “eminentemente jornalísticos”, correntemente denominados gazetas, nome que deriva da moeda veneziana “gazeta”, quantia paga para se ouvirem as notícias das folhas volantes e dos primeiros jornais em atos de leitura pública. Esses primeiros jornais, ou gazetas, na sua essência, correspondem a uma evolução do conceito de “livro noticioso” para uma publicação mais frequente, muito menos volumosa, de menor custo e com notícias mais atuais” (Sousa, 2008: 75).

A publicação de gazetas, caracterizadas por serem textos simples, informativos, e que saíam regularmente num determinado local, começou a ser cada vez mais generalizada por toda a Europa e depois pela América. Servir os regimes absolutistas e contar o que se passava nas cortes era o principal objetivo das publicações. Em 1631 surgiu a *Gazete de France*, que servia o Cardeal de Richelieu, sendo criada pouco tempo depois a *London Gazette*, para o rei Carlos II. Em Portugal é fundada, por Manuel de Galhegos, em 1641, a *Gazeta em Que se Relatam as Novas Todas, Que Ouve Nesta Corte, e Que Vieram de Várias Partes no Mês de Novembro de 1641*.

---

<sup>4</sup> Distinta de *La Gazette*, publicada a partir de 1931

<sup>5</sup> Páginas de uma edição deste jornal podem ser consultadas em [http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/relation1609/0001/thumbs?sid=85b617c9eaba0be717075d9d9192b5cf#current\\_page](http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/relation1609/0001/thumbs?sid=85b617c9eaba0be717075d9d9192b5cf#current_page)

A tendência destes periódicos atinge a América em 1690, através do *Public Occurrences Both Foreign and Domestic*, que daria lugar ao *Boston News-Letter*<sup>6</sup>.

“O aparecimento das gazetas permite afirmar que o jornalismo noticioso é uma invenção europeia dos séculos XVI e XVII, com raízes remotas na antiguidade clássica e antecedentes imediatos na Idade Média e no Renascimento” (Sousa, 2008: 80). Começaram a surgir, na Europa, duas distintas formas de jornalismo por parte de dois países rivais: Inglaterra e França. Como observa Sousa (2008: 81), “o primeiro consagra a liberdade de imprensa; o segundo impõe o controlo sobre a imprensa. O primeiro propõe o paradigma em que se fundará o jornalismo ocidental contemporâneo (Modelo Ocidental de Jornalismo); o segundo alicerça a forma de fazer jornalismo em ditadura (Modelo Autoritário de Jornalismo, influenciando também os modelos Socialista e Desenvolvimentista de jornalismo). No entanto, o jornalismo, em ambos os modelos (britânico e francês), alimentar-se-á, essencialmente, de notícias, embora no modelo inglês da “imprensa de partido” o artigo de cariz opinativo tenha tido uma importância relevante, tendência que, de resto, alastrou à imprensa de todo o continente”.

Da mesma forma que não é possível precisar com acribia o nome do primeiro jornal impresso, também não há consenso em relação àquele que terá sido o primeiro periódico diário impresso. Apesar de existirem indícios de jornais alemães mais antigos, de acordo com Sousa (2005: 16), “o *Daily Courant*<sup>7</sup>, criado em Inglaterra por Elizabeth Mallet, em 1702, é, muitas vezes, apontado como o primeiro diário”. Em Portugal, é a *Gazeta de Lisboa*<sup>8</sup> o primeiro diário, lançada a 1 de maio de 1809.

No século XVIII, uma época influenciada pelo Iluminismo, surgiam periódicos em Inglaterra como o *Tatler*<sup>9</sup> e o *Spectator*<sup>10</sup> que marcaram “uma nova configuração da imprensa periódica; um real afastamento da tradicional imprensa centrada em notícias com impacto objetivo sem envolver as relações diretas entre indivíduos” (Machuco Rosa, 2008: 27). Estas duas publicações transmitiam o prazer, histórias da vida social e o galante, publicando textos com origens em conversas de cafés e salões. Eram títulos mais ligados ao sensacionalismo e não à informação direta e dura. Em França, seguindo a

---

<sup>6</sup> Ver anexo 2, na página 1 dos Anexos

<sup>7</sup> Ver anexo 3, na página 2 dos Anexos

<sup>8</sup> Várias edições da Gazeta de Lisboa podem ser consultadas em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetadeLisboa/GazetadeLisboa.htm>

<sup>9</sup> Ver anexo 4, na página 3 dos Anexos

<sup>10</sup> Ver anexo 5, na página 4 dos Anexos

mesma linha editorial, surgia o *Mercure Galant*<sup>11</sup>. Esta imprensa é uma imprensa do foro social, popular, sensacionalista e parcial. É o oposto à imprensa de referência, de qualidade, que se assume como livre, séria e isenta. “Novidade histórica e absoluta, a imprensa livre surge como a derradeira e absoluta das instituições tradicionais. Noutros termos, emerge a ideia, se bem que ainda não o termo, de *quarto poder*” (Machuco Rosa, 2008: 33).

Sousa (2008: 89) explica que, “segundo Habermas (1984), o conceito de espaço público pode aplicar-se às democracias ateniense e romana (no tempo da República Romana), uma vez que os cidadãos participavam no processo de discussão política de informações e opiniões que levava à tomada de decisões. Mas, segundo o mesmo autor, é apenas no século XVIII que verdadeiramente começa a nascer o espaço público moderno (ou esfera pública) e que surgem os conceitos de público (no sentido do que deve ser publicitado, tornado público) e privado” (Sousa, 2008: 89).

Auxiliada por progressos tecnológicos impulsionados por Gutenberg, surge, no século XIX, a imprensa industrial, que trazia consigo não só alterações a nível de distribuição como também em termos do teor dos conteúdos publicados. Aparece o *La Presse*, em França, e o *Diário de Notícias*, em Portugal, em 1865. Estes jornais tinham como objetivo o universalismo, sendo destinados a todos “e eliminando tanto quanto possível qualquer polémica” (Machuco Rosa, 2008: 39). As relações diretas humanas passam a ser o tópico central, começando a ser frequente a publicação de *fait-divers*. “Assim, no seguimento de *La Presse* surge a imprensa dita «sensacionalista»” (Machuco Rosa, 2008: 40). Na realidade anglo-saxónica emergia a *penny press*, numa linha semelhante à francesa, onde os crimes e os sentimentos eram notícia. Um estilo antecessor dos tabloides. Para Sousa (2005: 17), “no início do século XIX, a imprensa dominante era opinativa, ideológica ou de partido”. Foi neste século que o jornalismo enfrentou novas mudanças, tendo começado a entrar na modernidade. Se a imprensa até agora era opinativa, passava a exibir-se mais factual. “Por volta dos anos trinta do século XIX começaram a aparecer nos Estados Unidos alguns jornais menos opinativos e mais factuais e noticiosos, opção que em Portugal encontrará eco no *Diário de Notícias*” (Sousa, 2005: 17). Os Estados Unidos afirmavam-se assim o palco das mudanças jornalísticas, que se viriam a refletir na Europa. Começaram a estreitar-se as relações entre jornalismo e política, não só devido ao interesse dos políticos em se promoverem

---

<sup>11</sup> Edições do *Mercure Galant* podem ser consultadas em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb40216887k/date.r=mercure+galant.langEN>

através da imprensa, mas também porque a imprensa surgia como um vigilante que denunciava a corrupção nos sistemas políticos (emerge então a imprensa como “Quarto Poder”). “Em suma, a questão das relações entre jornalismo e política não tinha nem tem a ver com a existência de periódicos (e outros meios) assumidamente políticos e partidários, como, de resto, aconteceu e acontece desde o século XVII, mas sim com a existência de um jornalismo supostamente independente e livre, popular e predominantemente noticioso, mas que, insidiosamente, se tornou em promotor de interesses políticos” (Sousa, 2008: 104).

No final do século XIX começa a haver um aumento da literacia das populações, o que faz com o que o jornalismo adquira novos contornos. “Em geral, a história do jornalismo seguiu o padrão europeu ocidental de desenvolvimento profissional, sendo uma resposta à crescente alfabetização, ao aumento de riqueza e aos desenvolvimentos nas técnicas de comunicação e imprensa que a industrialização trouxe” (O’Boyle, 1968: 290 *apud* Traquina, 2007: 46). As lutas contra a censura, a contratação de repórteres e a implementação da lei sobre a liberdade de imprensa, no final do século XIX foram alguns dos fatores que contribuíram para uma mudança no paradigma da imprensa. “A expansão da imprensa veio com o crescimento do que era designado «imprensa respeitável», os grandes jornais diários como *The Times*. A imprensa respeitável era ela própria um produto da industrialização em Inglaterra” (Traquina, 2007: 46). O público começou a ser mais exigente com a informação que queria consumir, e o aumento de anunciantes e da literacia permitiu que os jornais se tornassem em instituições mais sólidas e autossustentáveis, adquirindo profissionais. “Estabeleceu-se a ideia de que a primeira função de um jornal era noticiar com exatidão e não distorcer as notícias com propósitos políticos” (Traquina, 2007: 47). Esta é a noção precursora de um diário de referência: construir a realidade através de jornalistas qualificados, reportando a informação verificada e com rigor, sem dependências de qualquer ordem.

O século XIX marca então a génese dos ideais jornalismo de referência, também ligados à liberdade de imprensa. Públicos mais alfabetizados, interessados e informados que exigiam uma imprensa mais elitista. Como refere Sousa (2008: 105), “o século XIX foi, também, como se disse, um século de expansão das ideias liberais e do espírito burguês, a que se associa a ideia da liberdade de imprensa. Esse fenómeno levou ao florescimento da imprensa política (que, entre outras designações, também pode ser denominada opinativa, combativa ou “de partido” – “party press”), apesar de, frequentemente, essa imprensa ser simultaneamente noticiosa, literária e divulgadora de

ideias e descobertas. Era uma imprensa de elites, e para as elites alfabetizadas e envolvidas no combate político e ideológico, uma imprensa cara, inacessível aos cidadãos comuns”. Este tipo de imprensa era a imprensa predominante durante a primeira metade do século XIX na Europa e América Latina enquanto que, nos Estados Unidos, na mesma altura o cenário jornalístico dominante eram os jornais populares<sup>12</sup> que, de acordo com Sousa (2008: 105) eram “jornais predominantemente noticiosos, baratos, politicamente independentes, com um discurso acessível, direcionados para as pessoas comuns, encarados essencialmente como negócio empresarial, que começaram a competir com os jornais de elite dominantes”. Em suma, na Europa e América latina começava a erguer-se o conceito de imprensa de referência, que promovia um jornalismo independente, livre, isento, elitista e factual; nos Estados Unidos surgia, paralelamente o oposto – um jornalismo popular, que era tendencioso, parcial e muito acessível às massas. No entanto, é de ressaltar que estes dois polos jornalísticos não se neutralizavam, coexistindo sem que um ofuscasse o outro. Estes dois polos, de um lado o jornalismo popular, e de outro a imprensa de referência, estão hoje igualmente vivos no mundo do jornalismo. Sousa (2008: 152), aponta, através de Schudson (1978: 88-120) as principais diferenças: “Por contraposição ao Novo Jornalismo, emotivo e que tudo promovia à condição de insólito ou sensacional, os jornais e revistas “de qualidade” procuravam apelar à razão, oferecendo uma informação mais rigorosa, “objetiva” e profunda, por vezes analítica, mais sóbria no grafismo, mais voltada para o público do que para o privado (ou seja, orientada para o interesse público e não para o interesse do público) e mais devotada à exploração estrutural dos grandes temas da política, da economia, da sociedade e das relações internacionais do que à superficial menção a crimes, escândalos e a outros atos singulares e ações desviantes”.

Sousa (2005: 21) cita Álvarez esclarecendo que “a imprensa de referência herdou ao mesmo tempo as qualidades da *party press* e as qualidades da imprensa de negócios do século XXI. Rigor, exatidão, sobriedade gráfica e de conteúdos, análise e opinião, independência e culto da objetividade foram e ainda são as marcas do jornalismo de

---

<sup>12</sup> O jornalismo popular surgiu, em primeira instância, através da *penny press*, modelo de Pulitzer e Hearst nos Estados Unidos e depois na Europa, na década de trinta do século XIX. Eram jornais baratos e acessíveis que procuravam sobretudo o lucro económico. A segunda geração do jornalismo popular aparece no final do século XIX: é a imprensa de massas, também conhecida como “Novo Jornalismo”. Eram jornais mais noticiosos, mas que davam mais atenção ao interesse humano, eram publicações sensacionalistas. (Traquina, 2007).

referência. Entre os jornais de referência que subsistem desde o século XIX, contam-se, por exemplo, *The Times* e *The New York Times*”.

O século XIX é ainda fundamental para o jornalismo devido à invenção do telégrafo, à criação das agências de notícias, à consolidação dos jornalistas como classe profissional e, portanto, à fundação de instituições que davam cursos de jornalismo<sup>13</sup>.

O século XX foi muito rico em reconfigurações na imprensa. As duas grandes guerras mundiais (de 1914 a 1918, e de 1939 a 1945) foram dois acontecimentos que moldaram muito a forma de fazer jornalismo no ocidente. Foram dois eventos que lançaram o jornalismo de declarações, com vista a melhor relatar o que acontecia durante os períodos de guerra. Este modelo sofreria, de acordo com Sousa (2005: 22), alterações a partir dos meados dos anos sessenta, quando, especialmente o jornalismo de referência, viria a transfigurar-se “para um modelo de análise que pressupõe a especialização dos jornalistas” (v.g., Barnhurst e Mutz; Pinto, 1997).

Opondo-se ao jornalismo descritivo e generalista, começa então a despontar um jornalismo de referência virado para um modelo de análise mais especializado mas que, segundo Sousa (2005: 22), citando Schudson (1978; 1988), relembra que “já se fazia jornalismo interpretativo nos jornais de referência norte-americanos”. Esta especialização por parte dos jornalistas começou a germinar graças ao jornalista e editor proprietário norte-americano Horace Greely, ainda no século XIX. De acordo com Sousa (2008: 140), foi o primeiro editor a preocupar-se em dividir a redação por secções, com um responsável em cada uma delas.

Voltando à mudança de modelos, Sousa (2005: 22) dá, através de Schudson (1978, 1988), um simples e prático exemplo de como foram notórias estas alterações nos jornais. Em síntese, primeiro, quando um presidente discursava, o seu discurso era reproduzido na íntegra. Em meados do século XIX, esse discurso era integrado numa notícia sobre os trabalhos do Congresso desse dia, cronologicamente. No final do século XIX, as notícias já mal versavam o conteúdo do discurso, mas sim as reações dos congressistas. No princípio do século XX começou-se a destacar os principais aspetos da mensagem do presidente, o que já pressupunha seleção, organização e interpretação da informação. A partir de 1910 já se contextualizava o discurso, e em 1920 este era analisado, tentando-se perceber o que era referido nas entrelinhas e o que ficava por dizer. Isto traduziu uma grande mudança no que era o jornalismo e em quem era o jornalista. “O que mudou não

---

<sup>13</sup> “Datando de 1806 a primeira experiência de formação superior de jornalistas, protagonizada pela Universidade de Breslau, na Alemanha (hoje Polónia - Wrocław)” (Sousa, 2008: 113).

foi o reconhecimento da importância do presidente, mas antes a ideia do que deveria ser uma notícia e do que deveria fazer um repórter. (...) Isto (...) ajudou a construir um novo mundo político que aceitou o repórter como intérprete de acontecimentos políticos” (Schudson, 1988: 18 *apud* Sousa, 2005: 22). Estas alterações que moldavam o jornalismo demoraram um pouco mais a atingir a Europa. “Talvez não se possa falar de uma americanização da imprensa europeia, mas pode, seguramente, falar-se da interação entre os diferentes modelos jornalísticos ocidentais, que se tornaram crescentemente convergentes, num mundo, também ele, crescentemente globalizado (até nas guerras, mundiais!)” (Sousa, 2008: 168).

Deste modo, pode-se dizer que o século XX foi um século próspero para a imprensa. Não só porque se verificavam importantes alterações sociais e culturais, mas também porque havia mais a comunicar (aparecimento de regimes totalitários, guerras, terrorismo, colonizações, globalização, revoluções tecnológicas). Foi também no século XX que emergiram as revistas, cujo sucesso foi atingido. A “rivalidade” entre imprensa popular e de referência era notória: “Os conteúdos apelativos e os baixos preços dos jornais populares afetaram, um pouco por toda a Europa, os jornais mais “sérios” (Sousa, 2008: 177).

No final do século XX, e no princípio do século XXI, a imprensa viu-se contaminada em força pela imprensa sensacionalista. “A procura “no lixo” deu lugar à procura “do lixo” e, principalmente, do “lixo privado”, como aconteceu com a ampla cobertura que mereceu o caso Clinton-Lewinski, entre 1997 e 1998, mesmo na imprensa “séria” e “de qualidade” (Sousa, 2008: 192).

Todavia, a imprensa de referência não estava abalada. Houve a emergência de novos periódicos de referência “quer pelo jornalismo em profundidade que praticam, quer pelo seu carácter interpretativo, que configura a “grande imprensa”, quer pelo impulso à investigação de iniciativa jornalística, quer mesmo, em alguns casos, pelo seu assumido alinhamento ideológico” (Sousa, 2008: 193). Sousa (2008: 193) faz uma lista dos periódicos de referência fundados no período pós II Guerra Mundial: “*Le Monde* (jornal, França, 1944), *Le Nouvel Observateur* (newsmagazine, França, 1964), *Libération* (jornal, França, 1973), *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (Alemanha, 1946), *Die Zeit* (Alemanha, 1946), *Der Spiegel* (newsmagazine, Alemanha, 1947), *Stern* (newsmagazine gráfica, Alemanha, 1948), *Il Manifesto* (jornal, Itália, 1971), *La Repubblica* (jornal, Itália, 1976), *The Independent* (jornal, Reino Unido, 1986), *El Pais* (jornal, Espanha, 1976), *El Mundo*

(jornal, Espanha, 1989), *Expresso* (jornal semanário, Portugal, 1973), *Público* (jornal, Portugal, 1990)”.

A partir dos anos oitenta os órgãos de comunicação social passaram a ser detidos por grandes grupos multimidiáticos. “Assistiu-se, inclusivamente, à convergência dos setores das telecomunicações, da informática e dos conteúdos (jornalísticos e não jornalísticos)” (Sousa, 2005: 25).

Durante os anos noventa deram-se grandes alterações no jornalismo. Não só pelo aparecimento, nomeadamente em Portugal, de vários órgãos de comunicação social, mas também pelos progressos tecnológicos, e porque o jornalismo estava mais envolvente. Os leitores eram mais convidados a participar na vida dos jornais. No entanto, os jornais perderam leitores devido à supremacia crescente de outros meios de comunicação como a rádio, a televisão e a internet, que ainda hoje é vista por muitos autores como o carrasco do jornalismo impresso. Assim, os periódicos, para subsistir, tiveram de se reinventar e adaptar à realidade para não ficar para trás. Começaram a criar suplementos e a editar colecionáveis; “Outros aprimoraram o seu tabloidismo, enquanto os diários “de qualidade” assumiram uma orientação mais interpretativa, cedendo, por exemplo, abundante espaço editorial a colunistas regulares” (Sousa, 2008: 192). Os leitores começaram a segmentar-se, o que resultou na especialização da imprensa (muito através dos diários económicos e desportivos).

O aparecimento da internet teve um grande impacto na vida dos jornais. Não só porque a esmagadora maioria dos jornais impressos criou uma página *online*, mas também porque as publicações tiveram de aprender a trabalhar com este novo meio. A internet é o meio de comunicação mais poderoso de sempre porque agrega em si todos os outros meios, e ainda oferece vantagens: multimédia, interatividade, instantaneidade e o hipertexto. E os seus conteúdos são, regra geral, gratuitos (há jornais que têm *paywalls* e onde a edição impressa do dia pode ser lida online se for paga, mas a grande parte dos conteúdos é grátis). Com isto, os jornais perderam muitos leitores não só porque as gerações mais jovens não têm o hábito de comprar os jornais, mas porque a informação que encontram na internet é gratuita e satisfatória. A internet originou a criação de jornais exclusivamente *online* e a blogosfera, um espaço público online de partilha de opiniões, comentários, vídeos, fotos e outros conteúdos. A crescente hegemonia do ciberjornalismo trouxe exigências para os profissionais da área que, apesar de cada ser cada vez mais uma profissão qualificada, requer atualização constante. O jornalista de hoje que trabalhe num



jornal, por exemplo, deve escrever para o impresso, saber adaptar para o *online*, editar fotografia, vídeo e áudio, bem como captar imagem e som.

Em síntese, a história do jornalismo nasce na Grécia e Roma antiga, através das *Atas Diurnas*, por volta do século II a.C. No entanto, o homem sempre mostrou vontade de comunicar e deixar registos pelo mundo. Depois do Renascimento, e aproveitando desenvolvimentos de comércio e industriais, Gutenberg cria um dispositivo mecânico móvel de impressão que vai permitir o aparecimento de várias publicações. Os jornais começam a circular no século XVII, altura em que também aparecem as gazetas. Não havendo consenso no seio académico, pode ser atribuído ao *Noviny Poradné Celého Mesice Zari Léta 1597 (Jornal Completo do Mês Inteiro de Setembro 1597)*, mensário editado em Praga por Daniel Sedltchansky, a partir de 1597, o título de primeiro jornal impresso. O principal produto dos jornais eram as notícias.

No século XVIII, a imprensa tomou um rumo mais virado para o social, mais sensacionalista, trazendo consigo a noção de espaço público. No século XIX surge a imprensa industrial, e com ela várias reconfigurações no panorama jornalístico. Começa-se a chegar à modernidade e aparece o conceito de imprensa de referência. O jornalismo popular (ou sensacionalista) e o jornalismo de referência são bem distintos e sempre coexistiram, sem se derrubarem mutuamente. Surgem importantes novidades como o telégrafo, as agências de notícias, e os jornalistas afirmam-se como classe profissional.

O século XX traz consigo novos suportes. É criada a rádio, a televisão e os computadores e a internet, que muito impacto trazem na imprensa. Surgem também as revistas, e os jornalistas começam a ser mais especializados. Emergem os grandes grupos multimédia que começam a deter órgãos de comunicação social.

Desde os primórdios que o jornalismo se tem reinventado, evoluindo. É uma atividade que nunca foi nem nunca poderá ser estática. Ao longo dos séculos são várias as alterações que conduziram ao que hoje conhecemos como imprensa. Como analisa Sousa (2008: 264): “A única tese que quisemos provar, e que nos parece provada, é a de que o jornalismo surgiu noticioso e sempre houve jornalismo noticioso, com dimensão e impacto, até porque o jornalismo não teria sobrevivido sem aquilo que é próprio dele - - as notícias”.

## **II. 2. Jornais de referência**

Jornal de referência, qualidade, sério, de elite e respeitável. São termos usados para caraterizar jornais que se assumem como publicações de referência, em oposição às

publicações populares ou sensacionalistas. Como já foi explicado anteriormente, o jornalismo de referência começou a despontar no século XIX.

Os jornais de referência pautam-se pelo rigor, exatidão, independência e objetividade no seu quotidiano, deixando de fora o sensacionalismo: Tudo o que possa ser mais humano, como as notícias sobre sentimentos, emoções, crimes insólitos, etc.

Os jornais que serão aqui elencados são, de acordo com Merrill (1968), os que representam o sério, informado, e influente jornalismo das respetivas nações.

Nos anos sessenta, segundo Merrill (1968), a maioria dos jornais no mundo eram ligados ao entretenimento e preocupados em atender, a diversos níveis, a necessidades superficiais das audiências de massa. A imprensa de referência convida à reflexão e à análise, tentando alertar o leitor para o que é realmente importante transmitir. Por outro lado, a imprensa popular (ou de miscelânea, para Merrill, 1968: 6) “alerta as pessoas para brincar, não as chamando para pensar, aceder, ficar envolvidas e preocupadas, exibindo um jornalismo fútil e irrefletido”.

Merrill (1968) cita então os seguintes periódicos como sendo de referência:

1) *Borba e Politika* – O *Borba* era um jornal croata, publicado pela primeira vez no Zagreb, em 1922. Abandonou de vez em bancas em 2009<sup>14</sup>. O *Politika*<sup>15</sup> foi fundado em Belgrado, em 1904 e ainda se mantém em circulação. Para Merrill (1968: 12), eram/são jornais sérios, influentes, gráficos imaculados, cuidadosamente escritos.

2) *Rudé Právo* – Jornal diário criado na então Checoslováquia em 1920. Era muitas vezes censurado e temporariamente suspenso e atingiu altas tiragens. Deu origem ao *Právo*<sup>16</sup>.

3) *Scinteia*<sup>17</sup> (“A Centelha”) – Jornal romeno publicado em Bucareste desde 1931 até 1989.

4) *Al Ahram*<sup>18</sup> (“As Pirâmides”) – Periódico egípcio fundado em 1875. É o diário com maior circulação no país.

---

<sup>14</sup> Ver mais informação em <http://www.balkaninsight.com/en/article/mystery-hangs-over-death-of-yugoslavia-s-flagship-paper>

<sup>15</sup> Ver edição online em <http://www.politika.rs/>

<sup>16</sup> Ver edição online em <http://www.pravo.cz/>

<sup>17</sup> Ver mais informação em <http://countrystudies.us/romania/73.htm>

<sup>18</sup> Ver edição online em <http://english.ahram.org.eg/Index.aspx>

5) *ABC* – Inicialmente um semanário criado em 1903, que passou a diário em 1905. Foi fundado em Madrid, é o terceiro maior jornal espanhol. Hoje afirma-se como independente, mas tem sido apoiante do Partido Popular de Espanha<sup>19</sup>.

6) *Central Daily News* – Jornal chinês publicado em Xangai em 1928. Deixou de circular em papel em 2006, sendo publicado agora apenas online<sup>20</sup>.

7) *L' Osservatore Romano*<sup>21</sup> (“O observador romano”) – Diário que faz as coberturas das atividades do Papa. É a voz do Clero, e foi criado em Roma em 1861.

8) *El Nacional* – Jornal mexicano extinto criado na Cidade do México, em 1929. Era o órgão de comunicação oficial do Partido Nacional Revolucionário, tendo depois passado a pertencer ao Governo.

9) *Komsomolskaya Pravda*<sup>22</sup> (“Jovem Liga Comunista da Verdade”) – Diário russo de Moscovo publicado em 1925 que funcionava como voz oficial da jovem liga comunista, uma divisão jovem do Partido Comunista da União Soviética.

As publicações até então citadas são, de acordo com Merrill (1968), bem editadas, sérias, influentes, bem escritas e com prestígio. Contudo, falham numa característica crucial para o jornalismo de referência: Não são/eram independentes e autónomas. *Borba*, *Politika*, *Rudé Právo* e *Scienteia* estavam ao serviço do regime comunista; o *Al Ahram* tem o governo local como acionista maioritário e o *Central Daily News* era o órgão de comunicação oficial do Governo Kuomintang da China (governo anticomunista e conservador). Para Merrill (1968), a ausência de liberdade categoriza estes jornais como uma classe mais baixa e menos desejada da elite. Neste sentido, o autor indicia dois principais tipos de jornais de elite: os periódicos livres de e para uma sociedade aberta (jornais de qualidade), e os restritos ou geridos por e para uma sociedade fechada (jornais de prestígio). As publicações identificadas até agora encaixam, por isso, nesta última categoria de imprensa de elite. Não o deixando de o ser, pecam por lhes faltar um ingrediente chave. Assim, pertencem a um extrato mais baixo da elite do jornalismo. Estes tipos de jornal de elite são classificados como jornais de prestígio porque são bons,

---

<sup>19</sup> Ver detalhes em <http://www.spain-newspaper.com/newspapers/abc.htm> e edição online em <http://www.abc.es/>

<sup>20</sup> Ver mais informação em [http://www.taiwannews.com.tw/etn/news\\_content.php?id=106952&lang=eng\\_news&cate\\_img=38.jpg&cate\\_rss=news\\_Politics](http://www.taiwannews.com.tw/etn/news_content.php?id=106952&lang=eng_news&cate_img=38.jpg&cate_rss=news_Politics)

<sup>21</sup> Ver edição online em <http://www.osservatoreromano.va/portal/dt?JSPTabContainer.setSelected=JSPTabContainer%252FHome&locale=pt>

<sup>22</sup> Ver edição online em <http://www.kp.ru/>

influentes e restritos e focam-se num dogma ou linha política, funcionando como porta-voz de um grupo ou entidade, numa sociedade fechada (Merrill, 1968).

Os jornais de qualidade diferem dos de prestígio por serem totalmente livres, por não servirem como veículo de informação para uma entidade ou instituição e por serem publicados em sociedades abertas.

Neste sentido, alguns dos jornais de referência e de qualidade apontados por Merrill (1968) são:

1) *Svenska Dagbladet*<sup>23</sup> (“Diário Sueco”) – Jornal de Estocolmo criado em 1884, que esteve entre 1940 e 1973 detido por uma empresa formada por membros da sociedade como as forças armadas e a Igreja. É subsidiado parcialmente pelo governo sueco, mas é uma publicação independente. Segue uma linha editorial moderadamente independente, aderindo ao conservadorismo liberal.

2) *The Times*<sup>24</sup> - Um dos mais antigos e influentes periódicos conservadores do Reino Unido. Foi fundado por John Walter em 1785 como *The Daily Universal Register*, tendo passado a Times em 1788. É propriedade, desde 1981, da News Corporation, de Rupert Murdoch.

3) *The Scotsman*<sup>25</sup> - Jornal de Edimburgo tido como exemplo de jornalismo responsável. Começou a circular como semanário em 1817, tendo passado a diário em 1855. Célebre pela inovação, foi o primeiro jornal na Europa a ter e operar equipamento *wirephoto* (transmissão de fotografias via satélite, telégrafo ou telefone). Sempre foi uma publicação independente.

4) *Berlingske*<sup>26</sup> - Diário dinamarquês de Copenhaga. É o jornal líder da Dinamarca, fundado em 1749 por um alemão. É diário desde 1841, e independente desde 1901, após ser apoiado pelo governo local durante quase 150 anos. Exibe um jornalismo sério, com destaque à cobertura internacional.

5) *St. Louis Post-Dispatch*<sup>27</sup> - Um dos mais prestigiados jornais americanos, talvez o melhor jornal local americano, criado em 1878 quando Joseph Pulitzer adquiriu o antigo e falido St. Louis Dispatch e o fundiu ao St. Louis Post. A publicação seguiu logo uma orientação independente e liberal.

---

<sup>23</sup> Ver edição online em <http://www.svd.se/>

<sup>24</sup> Ver edição online em <http://www.thetimes.co.uk/tto/news/>

<sup>25</sup> Ver edição online em <http://www.scotsman.com/>

<sup>26</sup> Ver edição online em <http://www.b.dk/>

<sup>27</sup> Ver edição online em <http://www.stltoday.com/>

6) *The Washington Post*<sup>28</sup> - Jornal dominante da capital dos EUA, e um dos maiores jornais americanos. Foi fundado em 1877 e aí começou como instrumento de comunicação do Partido Democrático, vínculo que rompeu em 1889. Ganhou reconhecimento internacional devido à investigação do caso Watergate, na década de setenta. Já venceu mais de 40 prémios Pulitzer.

7) *Die Welt*<sup>29</sup> (“O Mundo”) – É o porta estandarte de Axel Springer, magnata da imprensa alemã, dono também do sensacionalista *Bild*. Foi criado em 1946, e é sediado em Berlim. Pode ser comprado diariamente em mais de 130 países. Assume-me uma postura conservadora.

8) *The Guardian*<sup>30</sup> - Diário britânico editado em Londres, fundado em 1821. Começou como semanário, intitulado *The Guardian of Manchester* até 1959. Adquiriu reconhecimento internacional devido à investigação e debate de assuntos.

9) *Le Monde*<sup>31</sup> - Diário de francês de maior referência, e com muito reconhecimento no resto do mundo. Foi criado em Paris, em 1944, e desde então que foi uma publicação independente. Aposta na cobertura nacional e internacional, bem como na análise de ambas. De acordo com Merrill (1968: 8), tem um “gráfico pesado com escrita analítica do tipo «tudo o que queremos são os factos»”.

10) *Neue Zürcher Zeitung*<sup>32</sup> (“Jornal de Notícias de Zurique”) – Jornal suíço sediado em Zurique, escrito em alemão. Foi criado como semanário, em 1780, tendo passado a ser diário em 1869, saindo duas edições diárias. Em 1894 circulavam três edições diárias. Para Merrill (1968), é um dos “dois ou três melhores jornais do mundo”. Os editores desta publicação dizem que um jornal deve oferecer “uma imagem dos eventos, não um mosaico ofuscado, e um jornal deve tornar esses eventos mais claros e fáceis de entender, essa é a sua missão” (Merrill, 1968: 8). Graficamente, possui um aspeto austero e aborrecido. Os seus conteúdos são caracterizados por serem escritos com cuidado, por não serem sensacionalistas e revelarem um jornalismo informado e de profunda análise. Dedica muito espaço às notícias internacionais. É lido por intelectuais, membros do governo, líderes políticos e de negócios. “Os títulos são pequenos, há poucas

---

<sup>28</sup> Ver edição online em <http://www.washingtonpost.com/>

<sup>29</sup> Ver edição online em <http://www.welt.de/>

<sup>30</sup> Ver edição online em <http://www.guardian.co.uk/>

<sup>31</sup> Ver edição online em <http://www.lemonde.fr/>

<sup>32</sup> Ver edição online em <http://www.nzz.ch/>

fotos, não há puzzles de palavras cruzadas, não há página para as mulheres, não há secção de entretenimento ou há pouca, não há BD” (Merrill, 1968: 8).

11) *Asahi Shimbun*<sup>33</sup> (“Jornal Manhã Sol”) – Diário japonês com maior influência nipônica, editado em Tóquio. Possui uma edição diária impressa em inglês. Foi criado em 1879 e é reconhecido pela cobertura que faz de política e de assuntos estrangeiros. Segue uma linha liberal progressiva. A sua circulação é uma das maiores do mundo, contando com cerca de 12 milhões de assinantes no virar do século XXI.

12) *The New York Times*<sup>34</sup> - Diário de Nova Iorque mundialmente reconhecido. Foi criado em 1854 como um *penny paper* que evitava o sensacionalismo e reportava a informação de forma mais objetiva possível. Apelava a leitores mais cultos e intelectuais, e teve sucesso desde os primórdios. A cobertura das duas guerras mundiais e do afundamento do Titanic consolidou-o como uma publicação de excelência. Conta com mais de cem prêmios Pulitzer e é distribuído em muitos países.

13) *Le Figaro*<sup>35</sup> - Jornal francês sediado em Paris, criado em 1826. O seu nome é o mesmo de uma personagem da ópera “O Barbeiro de Sevilha”. Era o diário dominante até o início da II Guerra Mundial. Depois da guerra tornou-se na voz da classe média alta francesa, mantendo a independência.

14) *Helsingin Sanomat*<sup>36</sup> (“Notícias de Helsínquia”) – Jornal finlandês sediado em Helsínquia. É o maior diário finlandês em termos de circulação e o único de referência que não tem dependências partidárias. Foi fundado em 1889 como *Päivälehti*. A cobertura internacional é uma das melhores do mundo.

15) *Die Presse*<sup>37</sup> (“A Imprensa”) – Periódico austríaco de Viena. Foi criado em 1848 e é um dos jornais europeus de excelência. Classificava-se a ele mesmo como um “jornal de elite”. Dava importância à qualidade dos conteúdos, e ao equilíbrio entre os factos e os comentários, e à independência. Em 1864, a maioria dos funcionários do *Die Presse* abandonou o projeto e fundou o *Neue Freie Presse*, que assentava nos mesmos ideais de qualidade. Este jornal caiu nas mãos dos nazis, mas recuperou a independência depois da II Guerra Mundial. O *Die Presse* assume uma posição liberal e conservadora, dependendo dos tópicos, e é um defensor ativo da liberdade de imprensa.

---

<sup>33</sup> Ver edição online em <http://www.asahi.com/english/>

<sup>34</sup> Ver edição online em <http://www.nytimes.com/>

<sup>35</sup> Ver edição online em <http://www.lefigaro.fr/>

<sup>36</sup> Ver edição online em <http://www.hs.fi/english/>

<sup>37</sup> Ver edição online em <http://diepresse.com/>

16) *The Globe and Mail*<sup>38</sup> - O mais prestigiado e influente jornal do Canadá, sediado em Toronto. Surge da junção de dois periódicos que competiam entre si até 1936: *The Globe* (criado em 1844) e *The Mail* (fundado em 1872). Aparece então *The Globe and Mail*, uma publicação independente. A lista de correspondentes no estrangeiro confere grande destaque à cobertura internacional do diário.

17) *The Sydney Morning Herald*<sup>39</sup> - Um dos mais antigos e influentes jornais australianos. Sediado em Sydney, foi criado em 1831 como um semanário que passou a diário em 1840. Segue uma linha conservadora, e ganhou notoriedade como jornal responsável durante as décadas de cinquenta e sessenta, devido a apelar a várias audiências e à cobertura de artes.

Para além das publicações de referência até agora projetadas por Merrill (1968), existem ainda alguns importantes a referir:

1) *Il Manifesto*<sup>40</sup> - Diário italiano fundado em 1969 por intelectuais comunistas. É independente, apesar de seguir uma linha de esquerda. Foi o primeiro jornal de Itália a ter uma versão online.

2) *La Repubblica*<sup>41</sup> - Considerado o diário italiano das elites intelectuais e económicas. Surgiu em 1976, e tem empatia para com o Partido Democrático. É famoso por ter contado com colaborações de Umberto Eco, Giorgio Bocca e Bernardo Valli.

3) *The Independent*<sup>42</sup> - Periódico independente britânico, fundado em Londres em 1986. Foi criado por membros do *The Daily Telegraph*, e atingiu uma circulação semelhante à do *The Guardian* e do *The Times*. É respeitado pela integridade jornalística, pelo grafismo e uso de fotografias artísticas.

4) *El País*<sup>43</sup> - Jornal ímpar espanhol, fundado em 1976, seis meses depois da morte de Franco. É uma publicação que exhibe uma escrita jornalística ao estilo anglo-saxónico, notado pela colaboração de intelectuais. É também reconhecido pela cobertura internacional. É o jornal mais vendido em Espanha. É virado para o jornalismo participativo, estimulando o jornalismo de cidadão.

---

<sup>38</sup> Ver edição online em <http://www.theglobeandmail.com/>

<sup>39</sup> Ver edição online <http://www.smh.com.au/>

<sup>40</sup> Versão online em <http://www.ilmanifesto.it/>

<sup>41</sup> Ver edição online em <http://www.repubblica.it/>

<sup>42</sup> Ver edição online em <http://www.independent.co.uk/>

<sup>43</sup> Ver edição online em <http://elpais.com/>

5) *El Mundo*<sup>44</sup> - Rival do *El País*, é um jornal espanhol criado em 1989 que se baseia no estilo americano de jornalismo de investigação. O seu site é o mais procurado pelos espanhóis para obtenção de informação noticiosa.

6) *Expresso*<sup>45</sup> - Semanário português fundado em 1973 por Francisco Pinto Balsemão, que ainda detém o jornal. Surgiu durante um período de ditadura, mas sempre se afirmou como uma publicação independente. Exibe-se como um exemplo de jornalismo rigoroso e objetivo.

7) *Público*<sup>46</sup> - Diário português que surgiu em 1990, criado por jornalistas do *Expresso*. Assume-se desde o seu aparecimento como um jornal de referência que se baseia nos princípios adotados por outros jornais de qualidade de todo o mundo. Associa-se a um jornalismo responsável e sério, pautado pelo rigor e criatividade.

Depois de citados e traçados os perfis de diversas publicações de referência no panorama jornalístico, é possível perceber algumas das características fundamentais que definem e catalogam a imprensa de referência: o rigor e exatidão da informação que tratam e veiculam, a independência (neste caso foram identificados periódicos com dependências políticas, que são voz de uma certa instituição ou entidade, numa sociedade fechada que nesse caso são, para Merrill (1968) classificados como jornais de prestígio e não de qualidade – numa sociedade aberta), pela tiragem e circulação não só no próprio país, mas também no estrangeiro, pela credibilidade que têm junto dos leitores, pela riqueza da cobertura que fazem a nível local, nacional e sobretudo internacional, quem são os seus leitores (a maioria dos leitores de jornais de referência são intelectuais, ou pessoas com um certo nível de cultura), pela análise política (o que ajuda a nortear a opinião pública), pela responsabilidade social e cultural que assumem perante os leitores, pela sensatez e procura incessante pela verdade, pelo compromisso pelo serviço público, pela rejeição de abordagens sensacionalistas e preconceituosas, pela influência na sociedade e perante os outros jornais, pela forma séria e consciente de como a informação é redigida e pelo tipo de pessoas que constroem e contribuem o jornal (se são jornalistas de formação, escritores, filósofos, ensaístas, críticos, entre outros).

Os jornais de qualidade, para Merrill (1968: 16), são “os jornais que abrem mentes e estimulam discussão e reflexão inteligente (...), que dão esperança ao mundo”. Merrill

---

<sup>44</sup> Ver edição online em <http://www.elmundo.es/>

<sup>45</sup> Ver edição online em <http://expresso.sapo.pt/>

<sup>46</sup> Ver edição online em <http://www.publico.pt/>



(1968) alerta ainda que os rótulos de “conservador” e “liberal” de um jornal em nada alteram a sua qualidade.

### **II. 3. Jornalismo de referência vs. jornalismo popular**

Como já foi clarificado, o jornalismo de referência começou a dar sinais de si no século XIX. No mesmo século emergia um tipo de imprensa diferente da de referência, que se viria a assumir como o seu oposto: a imprensa popular<sup>47</sup>. Ao contrário dos jornais de referência, que eram mais caros e direcionados para um segmento específico de leitores (classe média alta, e com um certo nível de cultura), os jornais populares eram baratos e editados para as pessoas comuns (daí serem populares); eram mais acessíveis. Assim, tendo surgido no mesmo século, estas duas correntes de fazer jornalismo sempre coexistiram, de uma forma oposta e competitiva, mas sem nunca se anularem mutuamente. De um grosso modo, o que distingue a imprensa de referência da popular ou sensacionalista é o teor dos conteúdos e a linha editorial que seguem; os jornais de referência preocupam-se em nortear a opinião pública, reportar informação recolhida com rigor, fazer análise política e não descurar as artes e o que se passa internacionalmente, estando assim a restringir-se a leitores mais interessados, mais elitistas. A imprensa popular não dá tanto relevo às artes e ao serviço público; interessa-se mais pelos sentimentos e emoções humanas, por explorar relações entre figuras públicas e expor escândalos de carácter sensacionalista. Alimenta-se de polémicas e controvérsias. “Por outras palavras, a vasta maioria dos jornais do mundo são de entretenimento e fornecem vários graus para os caprichos das audiências de massas. Talvez esta orientação seja psicologicamente refrescante para os leitores que gostem de escapar dos esforços de pensar e estar-se preocupado, mas parece triste que tantos jornais encham as suas colunas com histórias fúteis, muitas vezes inconsequentes e incoerentes quando a condição mundial pede por cidadãos e jornalismo mais atenciosos e responsáveis” (Merrill, 1968: 5).

No final do século XIX apareceu a imprensa popular de massas, nos EUA, a segunda geração da *penny press*. Esta imprensa era de foro noticioso, generalista, de olho no lucro e nas grandes tiragens e circulação, com uma apresentação mais apelativa e um custo reduzido. “Com o aparecimento da imprensa noticiosa “de massas”, o jornalismo retomará as suas origens simultaneamente noticiosas, quanto ao perfil editorial, e

---

<sup>47</sup> A primeira geração de jornais populares recuperaram e reconfiguraram ideias originais das folhas volantes, dos livros noticiosos e das gazetas (Sousa, 2008: 105).

empresariais, quanto ao objetivo primordial das publicações – o lucro” (Sousa, 2008: 108). A busca pela venda e circulação de exemplares, com vista no lucro, é uma distinção abissal entre jornais de referência e populares. Como explica Merrill, (1968: 7), os jornais sérios possuem padrões de prática editorial que são mais condicionados por uma orientação mais intelectual e idealística do que um desejo por uma circulação gigante e lucros impressionantes.

Neste panorama, a imprensa popular de massas assumia uma supremacia perante a imprensa de referência. “Assim, saindo diminuído o interesse de uma imprensa de partido (*party press*) cara, parcial e elitista numa sociedade democratizada, vai-se impondo, em especial nos países europeus e nos EUA, ao longo da última metade do século XIX, uma imprensa predominantemente noticiosa, de discurso acessível, comercialmente agressiva e formalmente independente, por ser desligada de grupos e personalidades políticas (embora nem sempre)” (Sousa, 2008: 109).

O jornalismo popular não convida à reflexão nem educa o leitor, não o chamando à atenção para o que o rodeia e para o que é fulcral para o bom funcionamento da sociedade em que está inserido. Merrill (1968: 5-6) conta que “a imprensa popular – “imprensa de miscelânea” – chama as pessoas do mundo para brincar. Não as chama para pensar, para avaliar, para se preocuparem, envolver-se, criarem empatia. O seu jornalismo é irregular, superficial, irrefletido, e ténue. (...) É jornalismo de “supermercado” – um pouco de tudo para todos. Não mostra seleção, avaliação editorial, significado ou interpretação”.

Os critérios do que é ou não notícia diferem bastante, como foi analisado, do jornalismo de referência para o popular. “Quem fez o que? Por quê? Onde? Quando? Com quem? Quanto gastou?” são questões que o jornalismo sensacionalista mais se apronta a responder. “O maior argumento dos críticos da popularização de notícias concerne à corrosão do conteúdo das notícias, um processo que torna mais difícil para os cidadãos agir de acordo com os seus direitos e responsabilidades” (Postman 1986, Altheide & Snow 1991 *apud* Meijer, 2002: 3).

A falta de (ou a decrescente) qualidade dos conteúdos é a principal diferença apontada entre jornalismo de referência e popular. Para Meijer (2002: 3), “apesar de numerosos artigos e livros que problematizam a dicotomia em jornalismo de qualidade e jornalismo popular, e apesar da consciência de quase todos os profissionais de media de que a oposição entre *soft news* e *hard news*, cidadãos e consumidores, é falsa, a maioria

dos críticos ainda assume que há uma relação de um para um entre a perda de qualidade em reportar notícias e a popularização de reportar notícias”.

Se a imprensa popular procura o lucro imediato, a imprensa de referência não pode partilhar a mesma ânsia. Como frisa Sánchez-Tabernero (1997), “a aposta na qualidade implica uma certa renúncia a atingir a máxima rentabilidade a curto prazo”. A qualidade requer um período de adaptação na sociedade e de fidelização por parte da mesma. Só então se pode erguer uma publicação de qualidade.

Como já foi descrito, o perfil social e cultural de quem consome notícias ajuda a perceber se se está perante imprensa de referência ou popular. Chomsky (1997) observa que “os media de elite, por vezes chamados media de *agenda setting* porque são eles que têm grandes recursos, e que definem o quadro segundo o qual todos os outros operam. A sua audiência consiste maioritariamente em pessoas privilegiadas”. Não só as audiências, mas também quem faz o produto que chega às audiências. O que significa que também se encontram pessoas privilegiadas nas administrações que gerem os jornais, e nas redações que os editam. “O produto é pessoas privilegiadas, tal como as pessoas que escrevem nos jornais, pessoas que fazem decisões de topo na sociedade” (Chomsky, 1997).

Os jornais de referência que o são acabam por encontrar reconhecimento dos seus pares em todo o mundo, e por serem as bússolas que orientam as pessoas em relação às várias temáticas atualidade, não só através de notícias, como de entrevistas aprofundadas e análises políticas.

Merrill (1968: 7) enumera algumas das diferenças entre a imprensa de referência e a popular, indicando que os jornais de qualidade “estão interessados em tendências internacionais semelhantes, não diferentes; apelam ao pensamento e à lógica, não aos preconceitos e à emoção; estão interessados em solidificar o mundo, não em separá-lo ainda mais; estão interessados em ideias e questões, não em meros factos; são todos parentes um dos outros, independentemente do local de publicação ou língua; partilham as mesmas preocupações, e são teimosos e francos – independentemente das circulações; esforçam-se em conjunto, onde quer que estejam, para uma comunidade mundial de seriedade e dignidade”.

Os jornais de elite devem analisar as situações, não se limitando à comunicação das mesmas. “O objetivo da imprensa de elite é direccionar de uma forma razoável em vez de refletir de uma forma fragmentada e distorcida” (Merrill, 1968: 8).

Ao contrário dos jornais populares, as publicações de referência funcionam como um agente que deve educar de uma forma contínua. “A popularidade de um jornal de qualidade não é construída através do *voyerismo*, sensacionalismo ou na luxúria. Oferece factos aos seus leitores (num contexto significativo), ideias, interpretação. Em suma, apresenta uma educação contínua” (Merrill, 1969: 3).

Albert Camus, escritor e jornalista francês, citado por Merrill (1969), defendia que o bom jornalismo devia funcionar da seguinte maneira: “É preciso haver ideias. Depois, a tarefa é informar o público acerca de eventos que tenham ocorrido. O jornalismo é o tipo de historiador do dia-a-dia cuja primeira preocupação é a verdade”.

Enquanto a imprensa sensacionalista se preocupa mais com o que aconteceu e com o que se está a passar, para Merrill (1969), as publicações de qualidade tendem a pensar nos impactos futuros dos acontecimentos do passado e da atualidade.

#### **II. 4. A Importância da ética**

Todos os jornais de referência têm na ética um aspeto comum. Quem edita e participa no jornal rege-se por uma ética específica, seguindo normas deontológicas próprias da profissão e do jornal em questão. É por isso que não se pode falar em jornalismo de referência, qualidade e/ou prestígio sem abordar a questão da ética. “Ética e qualidade jornalística são gémeos, nascidos no mesmo berço” (Restrepo, 2007: 9).

No *Público*, os jornalistas seguem as normas ditadas pelo Livro de Estilo<sup>48</sup>, um documento que serve para explicar os princípios segundo os quais os jornais se rege e para expor as bases da publicação. Segundo Nuno Pacheco (Livro de Estilo do *Público*, 1997), o documento “serve para que se perceba o que significa para nós a ideia de associar, na prática jornalística quotidiana, qualidade e diversidade, técnica e ética, padrões clássicos de jornalismo com uma disponibilidade permanente para a inovação”.

Um jornal de referência é, como já foi apontado, um jornal sério. O que pressupõe responsabilidade. Os jornalistas têm um compromisso perante a verdade e perante a sociedade, o que faz deles responsáveis por fazer valer o serviço público e pelo bom funcionamento da cidadania. Esta responsabilidade jornalística está diretamente relacionada com a ética. Como proferiu Gabriel García Márquez, “a ética não é uma

---

<sup>48</sup> Ver edição online em [http://static.publico.pt/nos/livro\\_estilo/](http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/)

condição ocasional mas deve acompanhar sempre o jornalismo, como o zumbido acompanha o moscardo”.

A ética tem que ver com valores pessoais, com o esforço acerca de reflexões sobre normas morais; a ética está também ligada à independência e autonomia, bem como a dilemas derivados de decisões e escolhas. A ética não se prende a questões legais; faz com que se pergunte: “O que devo fazer?”, e não “o que me é permitido fazer?”.

Desde cedo que a ética pairou sob o jornalismo. Como analisa Fidalgo (2006: 292), “logo desde os primeiros momentos em que se esboçaram os contornos da atividade jornalística como uma atividade específica, autónoma, de características profissionais que a questão ética se fez presente, mais uma vez a exemplo do que se verificava nas profissões estabelecidas de acordo com o modelo da profissão liberal”. O facto de os jornalistas de passarem a ter de debater diariamente com questões éticas contribuiu não só para o aumento da qualidade do seu trabalho, como para a elevação do estatuto da profissão (Fidalgo, 2006). A ética vinha-se assumir então como uma espécie de selo de garantia e qualidade dos serviços prestados pelo jornalismo à sociedade.

Segundo Fidalgo (2006), os códigos deontológicos dos jornalísticas começaram a aparecer nas duas primeiras décadas do século XX, tendo-se generalizado nos anos cinquenta. Os modelos mais minimalistas seguiram a forma de documento com dez mandamentos, forma essa ainda em vigor pelo Código Deontológico dos Jornalistas Portugueses<sup>49</sup>, revisto em 1993. Não existe um conjunto de normas deontológicas para os jornalistas de carácter universal, embora tenham registado esforços para tal. “As diferenças de sensibilidade regionais ou nacionais somaram-se frequentemente – e de feição muito particular nos tempos da “guerra fria” – sensibilidades políticas decorrentes do modo de encarar o papel dos media na sua relação com o Estado e com o povo, associadas a teorias de matriz mais “libertária” ou mais “autoritária”, com implicações na definição dos deveres morais dos jornalistas” (Fidalgo, 2006: 295).

Apesar de a ética estar muito associada a entidades e documentos de regulamentação, é importante ressaltar que a ética começa com valores individuais, empregues (ou não) por cada um. E essa característica aplica-se tanto aos jornalistas como a qualquer trabalhador ou indivíduo que aspire à competência naquilo que faz. Um jornalista deve sempre respeitar o código deontológico da sua profissão, tendo também

---

<sup>49</sup> Pode ser consultado em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/Codigo-Deontologico.pdf>

em conta o livro do estilo da instituição para a qual trabalha. No entanto, antes disso, o jornalista antes de exercer jornalismo para uma dada empresa deve já trazer consigo o desejo e a vontade inabaláveis de ser íntegro, justo, competente, fazendo valer tanto os seus deveres como os seus direitos; o jornalista não é mensageiro, constrói realidades através das informações que recolhe das fontes. Isto implica responsabilidade social pelo seu trabalho perante os leitores e o jornal. A ética parte sempre primeiro da consciência humana. “A ética jornalística tem também uma dimensão pessoal, resultante da interiorização e articulação de valores por cada jornalista; e uma dimensão social, expressa, em grande medida, nos valores profissionais, que por vezes se consubstanciam em códigos normativos” (Sousa, 2007: 78).

Na verdade, é a ética que muito ajuda a definir e a praticar um jornalismo de qualidade. São as questões que apelam à consciência e ao estatuto do jornalista que fazem com que existam limites e normas entre quem escreve, quem responde e quem lê. “Nos estados democráticos, o direito à informação, concretizado pelo jornalismo e no jornalismo, permite aos cidadãos reivindicar direitos e tomar consciência da necessidade de cumprirem os seus deveres” (Sousa, 2007: 82).

O jornalismo é poder (ou não fosse a imprensa apelidada de “Quarto Poder”), e o poder comporta sempre consigo responsabilidade. O papel do jornalismo perante a sociedade é então mediado por valores que constituem a ética jornalística. Sousa (2007: 85) aponta esses valores em busca da qualidade jornalística através da ética como os seguintes: a) Intenção da verdade (o primeiro compromisso do jornalista é para com a verdade, e devem apenas ser reportadas informações verdadeiras e confirmadas); b) Intenção de objetividade (a objetividade plena é inatingível, mas deve sempre ser procurada a forma mais clara e concisa de transmitir informação); Intenção de justiça (o jornalista deve sempre assumir uma postura justa, evitando difamações, preconceitos e outras assunções); d) Responsabilidade em liberdade (o jornalista tem de assumir sempre responsabilidade para com o que escreve e faz, identificando-se sempre como jornalística quando estiver a trabalhar fora da redação, reconhecendo e corrigindo os seus erros sempre que necessário). A estes valores pode-se adicionar outros como a recusa ao segredo (o jornalista deve sempre “escavar” mais fundo para obter informações, lutando contra a ideia de secretismo, promovendo a divulgação) e ao plágio; o direito de resposta; a boa relação com colegas de profissão, e a relação cordial com as fontes.

A ética é a arte de viver, de ponderar e de bem executar. O que suscita necessidade de escolha e, consequentemente, dilemas. A ética faz com que o jornalismo não possa ser feito de cabeça quente, tornando-a numa atividade regulada, deliberada e responsável. Sem ética não havia qualidade jornalística, e é por isso que são partes indissociáveis. A procura constante do aperfeiçoamento do trabalho jornalístico deve ser a razão principal para que os jornalista tenham o desejo de ser éticos. Todavia, Lacunza (2007: 202) cita Carlos Soria, professor de Deontologia da Universidade de Navarra e Paris, que dá quatro razões para que se seja ético: a) Pela dignidade profissional (“quem ganha a vida a criticar os demais tem a responsabilidade de manter o seu próprio pensamento fora de toda a crítica”); b) Pela qualidade da informação (“... Trabalhar pouco, mal, sem a técnica e a qualidade exigidas constitui o primeiro ataque à ética”); c) Porque o direito positivo nunca será suficiente (“A ética das empresas de comunicação é essencial, interior...”); d) Para ter empresas fortes e unidas (“... uma empresa repousa num sistema de valores, numa cultura ética comum...”).

A ética não deve nunca ser utópica, visto que de nada serve se não for aplicada da prática quotidiana do jornalismo. O jornalista tem direitos e, por conseguinte, deveres. “O valor central do jornalista deve ser o direito humano à informação, de onde decorre, através do jornalismo, a realização do direito público a ser informado. Os constrangimentos ao processo jornalístico não podem tornar-se sistematicamente numa desculpa para atos eticamente reprováveis” (Sousa, 2007: 98).

## **II. 5. Os desafios do jornalismo de referência**

O jornalismo em Portugal não vive dias prósperos. Com o fecho de várias publicações e o corte de apoios em 2012, a imprensa portuguesa enfrenta uma das maiores crises da sua história. O setor é afetado, consequentemente, pela crise que assola o país. Mais particularmente, a queda do jornalismo é influenciada pela quebra no investimento publicitário<sup>50</sup>, que é uma das principais formas de potenciar o funcionamento dos jornais. Para além do mercado publicitário, os jornais também são eles próprios a sua fonte de rendimento. Contudo, devido a vários fatores como a crise e a perda de leitores para a consulta gratuita de informação na internet e noutros meios de comunicação, a venda e circulação de jornais generalistas tem registado uma queda acentuada em Portugal.

---

<sup>50</sup> Ver detalhes sobre a queda do mercado publicitário em [http://economico.sapo.pt/noticias/mercado-global-de-publicidade-devera-crescer-ja-em-2013\\_168101.html](http://economico.sapo.pt/noticias/mercado-global-de-publicidade-devera-crescer-ja-em-2013_168101.html)

Assim, o jornalismo em geral enfrenta duros desafios. De acordo com a Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação, os diários generalistas portugueses registaram uma queda de 10% na sua circulação nos primeiros dois meses de 2013. Nesse âmbito, também o jornalismo de referência enfrenta barreiras difíceis de ultrapassar. O diário popular *Correio da Manhã* foi o que apresentou a menor quebra<sup>51</sup>, enquanto o *Público* foi o segundo jornal a registar a menor quebra, em boa parte devido ao aumento da circulação digital.

Os desafios da imprensa de referência estão diretamente ligados aos problemas da imprensa em geral, e também à questão da referência, da qualidade dos conteúdos. Sánchez-Tabernero (1997) indica que a qualidade, para além de ser uma noção comparativa, não prescinde de dois aspetos: “a) qualidade supões destinar a maior quantidade de recursos disponíveis a conseguir a maior colaboração possível dos produtos de informação e entretenimento; b) requer, para além do mais, o esforço por refletir a atualidade ou o mundo imaginário com respeito à realidade das coisas e com a máxima profundidade”.

“A qualidade do jornalismo está intimamente vinculada à qualidade da democracia em que se exerce essa atividade” (Reyna, 2006: 10). Daqui pode-se deduzir um dos grandes desafios que o jornalismo de referência enfrenta: o estado da democracia onde se insere. Se um jornal de referência tem a sua qualidade proporcional à democracia sobre a qual publica, então se esse jornal de referência pertencer a um país onde não exista democracia e esteja em vigor um regime totalitário, a qualidade desse jornalismo será nula, ou perto de tal. Como foi analisado anteriormente, Merrill (1968) estabeleceu uma diferença para os jornais de referência que se encontrem nas situações referidas: os jornais que publiquem sem constrangimentos políticos e de forma independente são jornais de qualidade, e os que não partilhem dessa independência e autonomia, sobrevivendo em ausência democrática (mas que também produzam conteúdos de qualidade e referência) são jornais de prestígio. Todavia, um jornal que subsistia num regime democrático não deixa de assumir uma linha editorial com uma certa orientação política, e não deixa assim de sofrer alguns constrangimentos do foro político. Desta maneira, a democracia é o desafio para um jornal de referência porque o seu bom funcionamento é também da responsabilidade da publicação. Um diário de referência deve zelar sempre pelo bem estar da cidadania, promovendo a democracia. Sofre também, assim, constrangimentos e

---

<sup>51</sup> Ver mais detalhes sobre a quebra da circulação dos diários portugueses em <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/circulacao-dos-diarios-generalistas-caiu-10-em-2013-1593009>



responsabilidades do foro político. É um desafio vitalício e constante, porém, por parte da imprensa de referência promover a democracia através do jornalismo que pratica. O jornalista e comentador político Miguel Sousa Tavares (2013) afirmou<sup>52</sup>, no âmbito da conferência “Como vai ser o jornalismo nos próximos 20 anos”, inseridas nas celebrações dos 20 anos da estação televisiva TVI que “devia haver a coragem de apostar sempre e só na qualidade mesmo que trabalhemos para uma minoria. Sem jornalismo de referência, não haverá democracia de referência”.

Sendo a imprensa de referência uma imprensa que se faz valer pelo rigor e exatidão da informação que veicula, a verificação dos conteúdos jornalísticos constitui também um desafio. Nos jornais de referência, todas as informações devem ser validadas e deve ficar bem explícita a distinção entre um conteúdo de análise de um conteúdo de factos. “A história do jornalismo destaca-se como uma história de adaptações. Hoje adverte-se para sintomas de uma profunda crise de identidade e credibilidade, mas há esperança de uma possível mudança em prol da qualidade que recupere o papel que o jornalismo tem de ter na sociedade atual. Existem ameaças dentro da profissão – abusos, erros, incumprimentos dos princípios básicos... - e desde fora – governantes prepotentes, inimigos da liberdade de expressão... -, mas nem tudo está perdido. Os mecanismos para reconduzir a situação são conhecidos, só precisam de ser aplicados” (López, 2004: 440).

O aparecimento da internet foi um alvoroço nas sociedades. E isso refletiu-se no jornalismo. A web trazia consigo novidades e novas formas de comunicar, o que implica alterações e reformas na comunicação e nos seus profissionais. A web é o meio de comunicação mais poderoso de sempre, por simplesmente aglutinar em si todos os meios de comunicação de massa já existentes: a televisão, o rádio, o cinema, a imprensa escrita. Está tudo online. Entre as principais características do jornalismo que surgiu na web e nos meios digitais, o ciberjornalismo, destacam-se a instantaneidade, a interatividade, o hipertexto, a perenidade e o multimédia. “A prática jornalística evoluiu à medida que apareciam novos descobrimentos técnicos que incidiram no processo de produção. Os meios de comunicação social foram nascendo e expandindo-se de tal maneira que ainda sendo o jornalismo escrito o referente inicial, a sua evolução e a própria competência conduziu a um processo evolutivo diferente em cada um de eles, mas de alguma forma convergente, já que ninguém se pode retirar ao que se fazia no terreno dos outros” (López, 2004: 490). Emergiu assim um novo paradigma no jornalismo, o que significa que as

---

<sup>52</sup> Ver notícia sobre a conferência em [http://economico.sapo.pt/noticias/miguel-sousa-tavares-provoca-ulrich\\_162963.html](http://economico.sapo.pt/noticias/miguel-sousa-tavares-provoca-ulrich_162963.html)

empresas mediáticas e de comunicação tinham de se adaptar e evoluir. Assim, pode-se afirmar que a internet e o ciberespaço constituiu (e constitui ainda) um desafio para o jornalismo de referência. “A difusão instantânea que a internet possibilita provoca certos problemas de valorização, de falta de análise, de falta de contraste, ou simplesmente a obrigação de difundir dados que noutra situação, possivelmente, não se difundiriam. A rede determina que as notícias apresentem um grau de caducidade impensável na imprensa escrita, ainda que similar à rádio, em menor medida, à televisão. A rapidez e imediatismo da internet obrigam a uma reinterpretação dos códigos que definem o conceito tradicional de jornalismo” (López, 2004: 492). A adaptação a este novo meio foi um desafio, bem como a migração de muitos leitores para a nova plataforma digital. Não só os jornais perderam leitores, como também anunciantes para a web. Eric Breecher (2012), antigo jornalista (trabalhou sempre em jornais de referência) e presidente da Private Media, avança que “os jornais já não têm dinheiro para empregar os exércitos de jornalistas necessários para entregar o jornalismo de qualidade que age como os olhos e ouvidos de uma democracia funcional, cobrindo política, governo, tribunais, casos internacionais, negócios, artes, educação, saúde, defesa e todas as outras partes de uma sociedade civilizada”. Com menos orçamento e com as mesmos padrões para informar, os jornais de referência veem-se obrigados a (tentar) entregar a mesma qualidade com menos recursos. Para Breecher, “esta crise no jornalismo de referência está-se a tornar rapidamente numa crise fundamental da qualidade de uma sociedade democrática”.

Ainda no âmbito da conferência “Como vai ser o jornalismo nos próximos 20 anos”, Miguel Sousa Tavares (2013) teceu críticas<sup>53</sup> ao uso excessivo da internet por parte dos jornais atuais. Para o jornalista, a internet é um impasse para o desenvolvimento e bom funcionamento do jornalismo de referência. Miguel Sousa Tavares realça que “o jornalismo de referência tem de ter a coragem de ignorar por completo o que se passa na internet” (2013).

Com os cortes de pessoal nas redações, os jornalistas que ficam veem-se obrigados a fazer mais e a produzir com a mesma qualidade. Um jornalista tem de escrever para a edição em papel, mas também tem de escrever para a edição digital, sem receber mais por isso no seu salário. O jornalista Alan Knight (2012) explica que “o jornalismo de referência requer tempo e dinheiro para ser criado. Os jornalistas de imprensa escrita estão frustrados porque têm de produzir mais conteúdos, elaborados para várias plataformas,

---

<sup>53</sup> Ver discurso completo de Miguel Sousa Tavares em <http://www.tvi24.iol.pt/videos/video/13809995/1>

sem preparação adequada”. No entanto, é necessário que os jornalistas adquiram uma formação académica e técnica mais vasta e diversificada, para que possam fazer um pouco de tudo. “A revolução tecnológica exige hoje aos jornalistas conhecimentos, habilidades e níveis de especialização para selecionar, hierarquizar, analisar e transmitir aos cidadãos notícias, informação e opiniões” (Vital, 2006: 18). Como nota Vital (2006: 18), para além dos próprios jornalistas serem um desafio para a imprensa de referência, também as instituições públicas, os leitores, os anunciantes e as empresas detentoras das publicações formam uma barreira constante contra a qual é preciso trabalhar sempre, de modo a não ficar para trás.

Conforme já foi escrito, a pressa é inimiga dos bons resultados. Uma empresa que batalhe pela referência e pela qualidade dos seus produtos e serviços não pode esperar obter os melhores resultados a curto prazo. Nos jornais, é mais fácil esquecer-se quem deu a notícia primeiro, mas não é tão fácil esquecer quem a deu de forma errada ou incompleta. É certo que a internet é um meio que pede o imediatismo, a atualização constante. Mas isso não se pode sobrepor ao rigor jornalístico. Assim, a pressa pode ser entendida como um desafio ao jornalismo de referência. “A qualidade é o que permite projetos empresariais a longo prazo no âmbito da comunicação” (Sánchez-Tabernero, 2012: 4).

Uma das características partilhadas pelos periódicos de referência é o facto de darem destaque à cobertura internacional. Porém, o envio de jornalistas a países estrangeiros ou o custos de comportar de correspondentes locais são sempre questões a não tomar de cabeça leve por parte dos jornais. A segurança dos jornalistas é então um desafio para os diários de referência, devido a ameaças, raptos, assassinatos e outros riscos. Países como a Somália, o Brasil, o México, a Síria e o Paquistão são países considerados de alto risco para os jornalistas pela World Association of Newspapers and News Publishers<sup>54</sup>. Ainda assim, os jornais de referência que querem manter o seu estatuto não podem deixar de ter enviados especiais ou correspondentes locais, uma vez que não podem perder a qualidade de ter conteúdos próprios e informações recolhidas no local por um jornalista interno e não apenas por agências de comunicação.

A independência é um dos maiores desafios que a imprensa de referência enfrenta talvez durante toda a sua existência. Ao ser autónomo, um jornal de qualidade não pode mostrar preferências partidárias ou inclinações em relação a uma dada instituição, pública

---

<sup>54</sup> Ver dados referentes a mortes de jornalistas em 2013 em <http://www.wanifra.org/articles/2013/01/30/15-media-employees-killed-so-far-in-2013>

ou privada. No entanto, ao ser livre de tais compromissos e não funcionando como um meio de propaganda, uma publicação perde parceiros e apoios. De acordo com Amado Suárez (2007: 25), “um trabalho da Fundación Konrad Adenauer (Schmidt et al., 2003), que analisa comparativamente a situação em quatro países da América Latina, conclui que as principais dificuldades para o exercício livre do jornalismo são dadas por pressões de políticos, empresários, na sua condição de anunciantes”. Assim sendo, é fulcral para um jornal conservar sempre a sua independência, mesmo pertencente a um grande grupo económico. Apesar de não ser fácil um jornal sustentar-se sem inclinações em relação a dadas entidades. É por isso que a independência é um desafio para um jornal de referência. Porque se não for livre e independente, a publicação só vai funcionar como um instrumento de propaganda.

Os jornais não deixam de ser um produto. A imprensa é um mercado e, o comercialismo que aí está subjacente está, para Rodolfo Barros (2007: 120), associado a um “resultado da debilidade das fronteiras internas entre redações e oficinas comerciais de um mesmo meio, que não fazem outra coisa senão reduzir a qualidade do exercício profissional, tanto jornalístico como comercial”. Neste contexto também se insere o orçamento de uma publicação, que em muito condiciona a sua qualidade. Não só pela equipa que pode contratar, mas pelas vantagens que os recursos económicos trazem (estabilidade laboral, profissionais bem preparados, possibilidade de deslocações, inovações de forma e conteúdos, etc).

Em síntese, são numerosos os desafios que a imprensa de referência enfrenta. Entre eles, destacam-se fatores de ordem social e económica, o aparecimento da internet e as necessidades de adaptação que esta carrega consigo, o estado da democracia em que se pratica, o cada vez mais exíguo número de jornalistas nas redações, a independência do jornal em questão, o comercialismo e a gestão de recursos económicos que um periódico de referência tem de fazer para não ficar ultrapassado e para conseguir estar à altura do seu estatuto e corresponder às exigências dos seus leitores.

## **II. 6. O panorama atual do jornalismo de referência**

Como já foi aqui dissertado, o jornalismo não vive tempos áureos devido a vários fatores. O jornalismo de referência não é exceção. Se já muitos autores se questionam em

relação à sobrevivência do jornalismo, então o que será do jornalismo de topo, daquele que custa mais dinheiro a desenvolver e que é menos lido<sup>55</sup> pelas massas?

Das imensas publicações de referência aqui descritas, contando a maioria com mais de cem anos nas bancas, a grande maioria ainda circula, o que significa que o jornalismo de referência tem perdurado através dos séculos, adaptando-se às alterações sociais, económicas e tecnológicas que se têm abatido no mundo desde o século XIX até hoje. Becky Gaylord (2012) relembra que, apesar de “os veículos para a transmissão de informação terem mudado, a importância de aceder a esta não mudou”.

Atualmente, muitos académicos têm estudado a questão inerente ao possível fim do jornalismo, uma vez que o número de leitores de jornais tem diminuído<sup>56</sup>, e que se têm notado uma proliferação no exercer de atividades jornalísticas graças à blogosfera e ao jornalismo de cidadão o que, de certa forma, coloca em questão o verdadeiro papel de jornalismo, e se este se torna dispensável para as mais recentes gerações que não têm em si inculcido o hábito de comprar e ler jornais. Para além disto, acentuam-se os cortes nas redações, o que significa menos recursos humanos para o mesmo trabalho. Becky Gaylord (2012) reforça que é nesta altura que “vale a pena lembrar os papéis vitais que os jornalistas e os media noticiosos desempenham numa democracia moderna. O agregar de notícias, reportar e ser vigilante das instituições, governos e grandes negócios permitem que os cidadãos estejam informados”.

Louise Dodson (2012) defende que “a opção dos jornais sérios e de qualidade de se focarem mais nos sites online é, claro, um fenómeno global. A mudança é inexorável e uma progressão natural por parte dos media impressos. Mas vai, sem dúvida, ter impactos de grande alcance e imprevistos não só na natureza do jornalismo do futuro como também na natural dos debates políticos e estratégicos nacionais. Já está a ter enormes efeitos em ambos”. Para Dodson (2012), são irrefutáveis os impactos da internet no jornalismo tradicional; no entanto, a autora acredita que isso não representa uma ameaça para o jornalismo de qualidade: “o branding e marketing de publicações de qualidade como o *The Sydney Morning Herald*, *The Age* e o *The Australian Financial*

---

<sup>55</sup> Em Portugal, o jornal líder de tiragem e circulação é, de acordo com a Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem, o diário sensacionalista e popular *Correio da Manhã*.

<sup>56</sup> Ver mais detalhes sobre a crise na imprensa em <http://www.ionline.pt/artigos/dinheiro/imprensa-crise-diarios-generalistas-perderam-quase-64-mil-leitores-2005>

*Review* são mais importantes do que nunca no ambiente online e de impressão do mundo”. Com efeito, o jornalismo de referência não deve ser visto como incompatível em relação a estratégias publicitárias e de promoção mais agressivas, é preciso encontrar os recursos adequados. Esta é também uma maneira de a imprensa de qualidade manter a sua independência (Dodson, 2012).

O jornalismo de referência tem prevalecido, muito em parte graças à fidelidade e influência que tem e que vieram a desenvolver com o tempo. Philip Meyer (2008) crê que “o mais importante produto de um jornal, e o produto menos suscetível de ser substituído, é a influência comunitária. Esta influência é ganha por se ser uma fonte de confiança para as notícias produzidas localmente, pela análise e pela cobertura de investigação sobre assuntos públicos. Esta influência torna o jornal mais atrativo para os anunciantes”.

Sobre o futuro, Meyer (2008) analisa que “os jornais que sobreviverem vão provavelmente fazê-lo com um tipo de conteúdo híbrido: análise, interpretação e cobertura de investigação num produto impresso que apareça menos do que diariamente, combinado com uma atualização constante e com interação constante do leitor na web”.

As perspetivas para o futuro do jornalismo são várias e não lineares. Arthur Sulzberger Jr (2012), presidente do jornal de referência *The New York Times* prevê<sup>57</sup> que o jornalismo de futuro seja internacional, digital e de qualidade. O presidente acrescenta que a intenção é distribuir notícias em todas as plataformas disponíveis, avançando que a informação e a informação devem ser da “mais alta qualidade”.

Em suma, o jornalismo de referência tem os pilares necessários para prevalecer: seriedade, independência, qualidade, organização e capacidade de adaptação. As empresas que detêm publicações de qualidade têm de tirar o proveito das potencialidades da web, não a considerando como um instrumento incompatível ou uma ameaça para o jornalismo de referência. A imprensa de referência, para manter o seu estatuto, deve apostar no online para não ficar para trás, não desprezando, contudo, o suporte tradicional. É preciso encontrar um equilíbrio em inovar e manter os valores das raízes das publicações

---

<sup>57</sup> As citações de Arthur Sulzberger Jr surgiram no âmbito da 68.ª assembleia da Sociedade Interamericana de Imprensa e foram consultadas numa peça da Lusa publicada em publico.pt: <http://www.publico.pt/media/noticia/futuro-do-jornalismo-e-internacional-digital-e-de-qualidade-diz-editor-do-new-york-times-1567519>

de qualidade. Segundo Sulzberger Jr (2012), “se se publicarem peças jornalísticas de qualidade elevada o futuro do jornalismo permanecerá forte e seguro”.

## **II. 7. O que faz do *Público* um jornal de referência?**

Ao longo deste capítulo vai-se procurar perceber o que faz do *Público* um periódico de referência, quais os critérios que existem para definir o que é um jornal de referência, dessa forma, descortinar se o *Público* ainda preenche os requisitos necessários para manter o estatuto de diário de referência.

Vão ser usados critérios e indicadores para um jornalismo definidos por diversos autores, de forma a tornar a análise mais rica, variada, abrangente e heterógena. Depois de expostos os vários critérios e parâmetros, estes são explicados concretamente com o enquadramento do *Público*, através de noções teóricas e conceitos práticos obtidos no decorrer do estágio efetuado como jornalista do jornal, na redação do Porto.

O *Público* assume-se como um jornal de referência desde a sua fundação: “Integra os grandes princípios fundadores do jornalismo moderno — adoptados pelos jornais de referência em todo o mundo, do “The Washington Post” e do “The New York Times” ao “La Repubblica”, “El País”, “Le Monde” ou “The Independent” — e uma nova sensibilidade para captar e noticiar os acontecimentos que caracteriza um jornal como o “Libération”, por exemplo” (Livro de Estilo, 2009). Em 1991, o *Público* passou a fazer parte da World Media Network, uma cadeia internacional de jornais de todo mundo, da qual também faziam parte os jornais de referência como o *Süddeutsche Zeitung*, o *El País*, o *Libération* e *La Stampa*. No âmbito desta parceria, o diário português publicou vários suplementos especiais. No entanto, apesar de ser o primeiro e fundamental ponto de partida não basta que uma publicação se auto proclame como sendo de referência; é preciso trabalhar para provar merecer tal estatuto, e esse trabalho é diário, constante, árduo e depende de vários fatores.

Numa primeira instância, Merrill (1968) divide os jornais de referência em jornais de qualidade (bons, influentes, corajosos, independentes, orientados para as notícias, publicados numa sociedade livre) e em jornais de prestígio (bons, influentes, restritos; pertencentes a uma elite de poder, preocupada com dogmas ou propaganda para uma

entidade particular ou coletiva, publicados numa sociedade fechada). De acordo com Merrill (1968), o *Público* insere-se na categoria dos jornais de qualidade, visto ser uma publicação independente que se enquadra numa sociedade livre e democrática, não sendo instrumento de propaganda de qualquer entidade.

Após esta divisão, Merrill (1968: 25) classifica os jornais de qualidade através dos seguintes critérios e o *Público* preenche todos eles:

1 – Sérios, corajosos e de confiança. O *Público* é sério e corajoso porque toda e qualquer informação que veicula é fruto de uma pesquisa séria e rigorosa, contendo sempre informação validada. Para além disso, o *Público* aposta na investigação; um dos casos mais recentes e mais polémicos de uma investigação jornalística levada pelo *Público* foi o caso da licenciatura de Miguel Relvas<sup>58</sup>. No entanto, com a crise económica que muito se tem abatido sobre o jornalismo, tem-se feito menos investigação. Em declarações<sup>59</sup> à agência Lusa, José António Cerejo, jornalista de investigação do *Público*, explicou que “o verdadeiro trabalho de investigação faz-se pouco, porque dá trabalho, demora muito tempo e custa caro”.

2 – Focarem-se nos grandes assuntos do dia. O *Público* reserva (para além da capa) três, por vezes duas primeiras páginas dedicadas ao “Destaque”, que diz respeito aos principais assuntos do dia e da atualidade, também com artigos de opinião. Seguem-se depois seis a nove páginas para a editoria “Portugal” que contempla os principais assuntos nacionais de várias áreas (política, educação, segurança, e sociedade). Depois vem a secção “Local”, de duas páginas (por vezes uma e meia, dependendo da publicidade, que varia consoante a edição (traz notícias de foro local da zona norte, se for a edição Porto, e da zona sul, se for a edição Lisboa). Na verdade, o jornal foi o primeiro periódico português a imprimir estas duas edições em simultâneo.

3 – Cobertura completa de assuntos internacionais, negócios, artes, ciência e educação. Para os assuntos internacionais, o diário reserva quatro páginas, a secção “Mundo”, que traz notícias de correspondentes no local e peças feitas a partir de notícias de agências de comunicação. Segundo a Infopédia, o *Público* destacou-se na cobertura internacional ao enviar repórteres para o Koweit, Sarajevo, Haiti, Angola, Chiapas,

---

<sup>58</sup> Ver notícia em <http://www.publico.pt/politica/noticia/miguel-relvas-fez-licenciatura-num-ano-por-causa-do-curriculo-profissional-1553153>

<sup>59</sup> Ver notícia em <http://www.meiosepublicidade.pt/2013/05/crise-dos-media-afasta-cada-vez-mais-jornalistas-da-investigacao/>



Afeganistão e Somália<sup>60</sup>. Para informação sobre negócios há a secção “Economia”, que tem para si quatro a seis páginas. A temática da educação é inserida na editoria “Portugal”, e a “Ciência” tem uma secção própria e ocupa uma página. A “Cultura” é uma área especial para o *Público*. Para além de ter uma a quatro páginas e ainda a secção “Ficar” e “Sair”, com quatro a seis páginas, que contempla a programação televisiva com alguns destaques que consistem em textos sobre filmes, peças de teatro, exposições, entre outros. O *Público* faz-se acompanhar, às sextas-feiras, do suplemento de arte e cultura *Ípslon*.

4 – Preocupação em peças interpretativas, artigos de fundo, e artigos noticiosos de profundidade. Nas editorias às quais o jornal dispensa mais espaço, podem ser encontradas notícias, artigos de análise e opinião, bem como reportagens de fundo.

5 – Dignidade geral editorial e tipográfica. Os editoriais do periódico são claros e plurais, não seguindo uma linha completamente linear. O design do periódico é simples e sóbrio.

6 – Falta de sensacionalismo. Não existem abordagens sensacionalistas no *Público*. O que existe na publicação e mais se assemelha a “jornalismo cor de rosa” é a secção “Pessoas”, que ocupa uma página e traz notícias sobre famosos (geralmente a fotografia ocupa grande parte da página, e não costumam ser publicados mais do que três textos).

7 – Profundidade e perceção analítica das histórias. Com peças de análise, reportagens de fundo, destaques, editoriais que versam sobre casos da atualidade e uma secção de opinião de seis páginas, este jornal assume profundidade e preocupa-se com a análise da informação que veicula.

8 – Ausência de tom cultural e histórico. O *Público* não tem tendências culturais nem escreve os seus conteúdos com tons gritantes. A escrita é cuidada e rigorosa, procurando ser simples e acessível a todos.

9 – Cobertura completa de notícias imparciais, sérias e uma abordagem moral às notícias. A isenção e seriedade são característica do jornal, que aborda sempre as situações das formas mais morais e isentas possíveis. Por exemplo, o periódico não publica textos sobre suicídios.

---

<sup>60</sup> [http://www.infopedia.pt/\\$publico](http://www.infopedia.pt/$publico)

10 – Imaginação, decência, interesse nos problemas democráticos e humanos. O jornal tem na imaginação um dos seus objetivos basilares, e são publicadas todos os dias peças referentes a questões problemáticas do foro social e político.

11 – Excelente página editorial.

12 – Orientação que se afasta do providencialismo e sensacionalismo.

Na mesma obra de Merrill (1968: 29) aparecem indicadores para jornalismo de qualidade definidos por um painel de 26 professores de comunicação internacional dos EUA, no verão de 1964 (ainda que mais virado para jornais internacionais). A maioria dos indicadores já foram explicados e enquadrados no *Público* na análise anterior.

1 – Contexto internacional.

2 – Ênfase nas notícias e visões de política, economia, e cultura.

3 – Independência. Desde a sua fundação que o diário se proclamou como independente, e assim se conseguiu manter até hoje. Não pertence a uma instituição nem funciona como meio de propaganda para uma entidade, estando ao serviço de uma sociedade aberta e democrática.

4 – Forte página de editorial e secção de opinião e textos interpretativos.

5 – Grande porção de espaço dada a assuntos do mundo.

6 – Ausência de providencialismo.

7 – Boa escrita em todas as secções.

8 – Grande consideração por líderes de opinião e outras publicações sérias. O *Público* é tido como uma publicação que é lida por homens da política e de negócios, bem como personalidades intelectuais.

9 – Uma equipa grande e bem qualificada. Aqui, o *Público* parece vacilar. Em outubro de 2012, foram despedidos 48 trabalhadores do jornal, 36 dos quais eram jornalistas. Os despedimentos deram-se com o objetivo de cortar na despesa, visto que a direção tinha até pensado em fechar a publicação em março do mesmo ano. Apesar de, inicialmente, o *Público* ter uma grande equipa (com uma redação no Porto e outra em Lisboa), atualmente essa equipa está bastante reduzida. A grande maioria dos jornalistas é qualificada, com cursos superiores. No entanto, com os últimos despedimentos, o jornal está mais difícil

de fazer, visto haver a mesma quantidade de trabalho para um menor número de profissionais, o que dificulta a manutenção da qualidade do diário.

10 – Excelência gráfica e de impressão, com tons dignos.

11 – Ausência de ênfase a notícias e imagens sensacionalistas.

12 – Qualidade geral a nível de cobertura internacional, nacional, e local.

13 – Consistente oposição à intolerância e injustiça.

14 – Liderança ativa comunitária.

13 – Cobertura compreensiva na área onde se insere.

14 – Influência nos fazedores de opinião e estratégia quer em Portugal como fora. O *Público* pode ser considerado influente no panorama nacional, mas não se pode dizer o mesmo em relação ao cenário internacional uma vez que o jornal só circula em Portugal.

Ainda na obra de Merrill (1968: 29), o autor exhibe um questionário sobre jornalismo de referência, elaborado em 1965, lançado a 185 editores (respondido por 92) dos EUA, Grã-Bretanha, Alemanha, Dinamarca, Suíça, Itália, Japão, México, Austrália e Índia. O *Público* corresponde a todos os indicadores.

1 – Independência, estabilidade financeira, integridade, preocupação social, boa escrita e edição. Pode afirmar-se que a estabilidade financeira do jornal se deve ao facto de pertencer à Sonae<sup>61</sup>, um dos maiores empregadores privados em Portugal e uma empresa de sucesso.

2 – Forte opinião e ênfase interpretativa. Consciência do mundo. Ausência de sensacionalismo na forma e conteúdo.

3 – Ênfase na política, relações internacionais, economia, bem estar social, empreendimentos culturais, educação e ciência.

4 – Preocupação em obter, desenvolver e manter uma equipa inteligente, qualificada, articulada e tecnicamente eficaz.

5 – Determinação em servir e ajudar a expandir uma leitura inteligente em casa e fora; Desejo de apelar e influenciar os líderes de opinião de todo o lado.

---

<sup>61</sup> Ver mais detalhes em <http://www.sonae.pt/pt/pessoas/quem-somos>

Manuel Pinto e Sandra Marinho (2004) apontam os seguintes fatores para a qualidade no jornalismo: diversidade, liberdade, responsabilidade, contexto organizacional e profissional, fontes de informação, empresas e grupos multimédia, condições e características da profissão de jornalista, produção jornalística, públicos, políticas de informação e comunicação.

De acordo com a Federación Internacional de Prensa<sup>62</sup> (2006: 19), as condições para um jornalismo de qualidade são: a liberdade de expressão, a independência editorial, o segredo jornalístico e um marco legal adequado, a transparência e o livre acesso à informação, a liberdade de associação, a estabilidade laboral e segurança social, a proteção dos direitos de autor, o acesso à informação jornalística e garantias à segurança pessoal. Todas estas condições são salvaguardas pelo *Público*.

Segundo um documento elaborado após os debates realizados no âmbito do primeiro “Encuentro por un Periodismo de Calidad”, pelos fundadores da Red Periodismo de Calidad, que foi discutido e aprovado no segundo “Encuentro por un Periodismo de Calidad”<sup>63</sup>, em Guadalajara, maio 2006, os indicadores para um jornalismo de qualidade são:

- 1 – Transparência no processo de construção e processamento da informação;
- 2 – Verificação e contextualização dos dados e da informação;
- 3 – Investigação jornalística;
- 4 – Direitos e obrigações na relação entre os jornalistas e os seus diretores;
- 5 – Códigos de ética; os jornalistas do *Público* seguem o Código Deontológico do Jornalista<sup>64</sup>, aprovado em 1993.
- 6 – Mecanismos de contrapeso aos meios: direito de resposta, provedor do leitor, supervisão do cidadão, observatório civil; Para além do direito de resposta e do provedor do leitor (o jornal criou um blogue<sup>65</sup> para o provedor do leitor de modo a fomentar a comunicação com os leitores), o diário tem o “*Público* errou”, espaço em que o jornal

---

<sup>62</sup> In Red Periodismo de Calidad: *Propuesta de indicadores para un periodismo de calidad*, pág.19

<sup>63</sup> In Red Periodismo de Calidad: *Propuesta de indicadores para un periodismo de calidad*, pág.37

<sup>64</sup> Pode ser consultado em [http://static.publico.pt/nos/livro\\_estilo/29-codigo-d.html](http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/29-codigo-d.html)

<sup>65</sup> Pode ser consultado em <http://blogues.publico.pt/provedordoleitor/>

clarifica um ou mais erros dados na edição da véspera e em que pede desculpa aos leitores e aos visados pelo equívoco.

7 – Comercialização e publicidade oficial;

8 – Direito e acesso à informação.

José Marques de Melo (2004: 13), mostra a grelha elaborada por Jacques Kayser, no seu estudo *Une Semaine dans le monde* (Paris, Unesco, 1953):

a) Territorialidade:

1) Jornais dotados de legitimidade internacional – Cuja circulação transcende às fronteiras nacionais e cujas matérias são frequentemente reproduzidas na imprensa estrangeira. Quatro jornais preenchiam tais requisitos, naquela conjuntura de guerra fria: Times (Londres), Izvestia (Moscou), New York Times (Nova Iorque) e Le Monde (Paris). Pesquisa efetuada em 1951. O *Público* não preenche este requisito visto ser publicado e circular apenas no seu país de origem.

2) Jornais possuidores de credibilidade nacional – Cuja qualidade nacional das informações difundidas garante a manutenção de um grande público leitor, liderando a tiragem dentro do país ou figurando no mesmo patamar dos de maior circulação. Apesar de não ser o jornal de maior circulação, o diário é um dos jornais nacionais de maior credibilidade.

b) Política editorial

1) Jornais oficiais – Mantidos pelos governos ou pelos partidos detentores do poder político nos países comunistas ou nas democracias populares.

2) Jornais comerciais – Publicados por empresas jornalísticas competitivas que adotam políticas editoriais do tipo espetacular, ostensivamente sintonizadas com os apetites do público leitor.

3) Jornais autónomos – Editados por empresas jornalísticas que procuram preservar a sua independência informativa, equilibrando as demandas dos anunciantes e dos leitores. É o caso do jornal *Público*.

Evidências empíricas

- 1 – Trajetória histórica; Apesar de só ter 24 anos, o *Público* já deixou a sua marca na imprensa portuguesa.
- 2 – Perfil editorial;
- 3 – Morfologia;
- 4 – Geografia;
- 5 – Fontes e focos noticiosos;
- 6 – Conteúdo mediático;
- 7 – Géneros jornalísticos; O jornal carrega consigo diariamente vários géneros (breves, notícias, artigos de opinião, reportagens, crónicas, entrevistas e editoriais).
- 8 – Temáticas informativas.

Mateos e Pablos (2007: 33), descrevem várias “etiquetas de qualidade”:

a) Índice laboral – Pondera as condições da estrutura das redações:

- 1 – Número suficiente de pessoal;
- 2 – Produtividade adequada;
- 3 – Qualificação profissional atualizada;
- 4 – Especialização de acordo com os conteúdos da publicação;
- 5 – Normas editoriais: Livro de estilo, estatuto editorial, provedor do leitor;
- 6 – Nível de agitação laboral;
- 7 – Salário justo;
- 8 – Turnos e jornadas de trabalho racionais;
- 9 – Férias e tempo livre para o pessoal do meio.

b) Índice jornalístico – Mede a qualidade das informações produzidas:

- 1 – Pluralidade das fontes utilizadas e citadas;
- 2 – Frequência do uso de fontes corporativas;
- 3 – Uso de bases documentais primárias;

- 4 – Percentagem de temas de iniciativa do meio;
  - 5 – Grau de cumprimento normativo (respeito por códigos éticos e atenção a normas de autorregulação).
  - 6 – Percentagem de jornalismo de investigação;
  - 7 – Liberdade da redação dos conteúdos;
  - 8 – Continuidade das informações oferecidas;
  - 9 – Grau de correção linguística;
- c) Índice empresarial (avalia o papel do empresário com a informação);
- 1 – Composição de interesses acionários que atravessam o diário;
  - 2 – Balanço e conta de resultados publicados (não ocultos);
  - 3 – Dados de distribuição e de vendas expostos aos leitores no próprio meio.

De entre as referidas “etiquetas de qualidade”, o jornal *Público* falha no índice laboral, por não ter o número de pessoal desejável e necessário para um jornal de referência (visto que não tem o mesmo de número de jornalistas que tinha desde a sua fundação).

Jim Chisolm (citado por Guyot, 2007: 70), diretor do programa “Shaping the Future of Journalism” da World Association of Newspapers, aponta os seguintes fatores para um jornalismo de referência:

- 1 – Efetividade – Refere-se a como o jornal desenvolve o seu trabalho da perspectiva dos seus leitores. Habitualmente mede-se o interesse dos leitores em relação a conteúdos específicos ou secções, e se se dá um seguimento aos seus comentários e críticas. Para além disso, geralmente se medem as forças ou debilidades do jornalismo em relação à concorrência.
- 2 – Eficiência – Relaciona-se a todas aquelas iniciativas que tentam melhorar as rotinas de produção. A eliminação de passos ou outro tipo de melhorias nos fluxos de trabalho são apreciadas pelos jornalistas, que geralmente ficam frustrados com as exigências desnecessárias dos sistemas e rotinas estabelecidas.

3 – Empresa – Descreve o modo segundo o qual uma redação cumpre com os seus objetivos, independentemente da qualidade da sua gestão empresarial.

O diário tem um espaço na versão impressa reservado para o cartas do leitor à diretora. Para além disto, os leitores podem comentar todas as peças que estiverem *online*, e ainda comunicar entre si sobre a publicação no blogue do provedor do leitor. Em relação ao fluxo de trabalho, os jornalistas do periódico mostraram-se contra a última alteração laboral (despedimento coletivo de outubro de 2012 que abrangeu 36 jornalistas). Os profissionais fizeram uma greve no dia 19 de outubro e os dispensados assinaram um manifesto que circulou na internet. Deste modo, os jornalistas que não foram despedidos foram acumulando tarefas. Foi ainda criada uma petição<sup>66</sup> em “defesa da manutenção da qualidade do jornal *Público* e dos seus profissionais”.

Guyot (2007: 73) descreve os seguintes indicadores para um jornalismo de qualidade:

- 1 – Satisfação do leitor;
- 2 – Circulação;
- 3 – Benefícios da empresa;
- 4 – Prémios internos e externos;
- 5 – Índices de produtividade;
- 6 – Nível de precisão, cobertura, erratas;
- 7 – Treino específico para redatores;
- 8 – Índices de satisfação da redação.

Dos diversos indicadores para um jornalismo de referência apontados, há um que fica por assinalar: a aposta no *online*. Nos anos 90, a maioria dos jornais passou a ser um site com conteúdos noticiosos: notícias, entrevistas, crónicas, reportagens, infografias, etc. E o *Público* não foi exceção: Foi o segundo periódico português a chegar à internet, depois do *Jornal de Notícias*, tendo-se registado *online* no dia 11 de maio de 1995. A

---

<sup>66</sup> Ver petição em <http://www.peticaopublica.com/PeticaoVer.aspx?pi=publico>



partir de 1999 o diário começou a publicar notícias da atualidade em tempo real, através de um fluxo chamado “última hora”.

A página online do *Público*, *publico.pt* disponibiliza, gratuitamente, notícias da atualidade de todas as editorias do jornal impresso, bem como artigos de opinião. Podem também ser encontrados vídeos e fotografias a acompanhar as peças. Para além de conteúdos gratuitos, o jornal tem conteúdos reservados apenas a assinantes (o jornal do dia pode ser descarregado em versão *pdf* pelos assinantes). Depois do *boom* do ciberjornalismo nos anos 90, qualquer jornal que não estivesse online estava ultrapassado. A internet mudou a forma de fazer jornalismo graças às suas valências (hipertexto, multimédia, instantaneidade, interatividade, etc) e os jornalistas tiveram de se adaptar e acompanhar o novo paradigma. Uma das consequências da popularidade da internet foi a migração de muitos leitores da versão impressa para o *online*, visto ser mais barato, cómodo, e estar em atualização constante. Deste modo, um jornal de qualidade hoje em dia não o pode ser se não tiver um *site* bem explorado, que saiba tirar proveito das potencialidades da internet. Todavia, a publicação não pode ver a internet como uma ameaça ou obstáculo. A maioria dos jornais de referência de todo o mundo tem mais de cem anos, o que significa que muitos jornalistas da velha guarda tiveram de se adaptar a um novo meio. E assim aconteceu. Dos jornais de qualidade citados anteriormente, não há um que não possua uma página na internet que não seja atualizada com frequência. Portanto, a internet não deve ser vista como a substituta do formato impresso, mas como um complemento deste. Para o caso de jornais de referência como o *Público* (que não sofreu tanto com o processo de adaptação visto ser uma publicação com apenas 24 anos), que só circula em Portugal, a internet é uma boa forma de chegar além fronteiras (ainda que não tenha conteúdos em inglês, pode ser lido por portugueses em todo o mundo e por leitores dos países onde se fala português). Com o site remodelado em novembro de 2012, o diário, para além da nova estrutura e de ser o primeiro jornal em Portugal com moderação de comentários feita pelos próprios leitores, o *publico.pt* trouxe uma característica que aproxima os leitores dos jornalistas que escrevem as peças. Cada jornalista tem uma página com um pequeno texto escrito por si, em que se apresenta e deixa o seu contacto de e-mail do jornal.

Estes fatores devem contar para o jornalismo de referência: aposta sólida na versão online, usando as potencialidades da internet para inovar e criar uma aproximação com

os leitores (não só em termos de comunicação direta, como na leitura dos conteúdos do site por pessoas que não estejam em Portugal).

Em entrevistas particulares realizadas em maio de 2013, Joaquim Fidalgo, investigador e jornalista fundador do *Público* (projeto que abandonou em definitivo em 2001), leciona Jornalismo no departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, e Nuno Pacheco, também jornalista que fez parte da criação do diário e atual diretor adjunto deste, falaram acerca do conceito de jornalismo de referência e do enquadramento do *Público* neste tipo de imprensa, do seu percurso e evolução. Para além do referido, os dois jornalistas têm em comum o facto de terem passado pelo semanário *Expresso* (uma publicação de referência) quando se juntaram à equipa que ergueu o *Público*.

Acerca do conceito de jornal de referência, Joaquim Fidalgo<sup>67</sup> (2013) esclarece que este deve ser “uma espécie de 'farol' que fornece as coordenadas para se poder navegar com mais segurança na imensa maré de acontecimentos (locais, nacionais, internacionais) que inundam o quotidiano. Um jornal de referência é aquele que ajuda não só a conhecer, como sobretudo a dar sentido à realidade envolvente, distinguindo o que é importante do que é acessório, o que é relevante do que é apenas pitoresco, o que se esconde de mais fundo por detrás da simples espuma dos eventos”. Para o professor, os jornais de referência devem, por isso, dar importância à informação política, económica, cultural, social não só do país de origem como dos demais.

Joaquim Fidalgo (2013) explica que é com o intuito de “suscitar sobre ela uma reflexão racional, aprofundada e crítica” que os diários de qualidade se distanciam e distinguem dos jornais populares. Assim, a imprensa de referência “preocupa-se menos com o *fait-divers* ou com as historinhas mais ou menos paroquiais, com o crimezinho de faca e alguidar ou com as alcovas das estrelas de televisão, e por isso preocupa-se menos em provocar meras adesões emocionais e mais em pôr sobretudo a pensar. Um jornal de referência vai além da simples 'informação'; tenta transformar a informação em conhecimento” (2013). Foi tendo em conta estas questões que, segundo o investigador, o *Público* foi criado: “procurando fazer dele um par (e um parceiro) de uma comunidade relativamente restrita de jornais de referência europeus: o El País (Espanha), o Le Monde

---

<sup>67</sup> Entrevista concedida por e-mail à autora do trabalho em 13 de maio de 2013

(França), o La Repubblica (Itália), o The Independent (Reino Unido). Jornais que 'pesam' na opinião pública e, sobretudo, no círculo dos chamados 'decision makers'" (2013).

De acordo com Fidalgo (2013), pesa praticar-se um jornalismo de referência numa época em que os tabloides dominam os media em geral: “tem que ver com a importância de não termos uma espécie de "jornalismo único", em que só conta o espetáculo, o bizarro, o chocante, o pitoresco, o bisbilhoteiro, o anedótico. Informar sobre a atualidade é, antes de mais, ajudar-nos a organizar e a dar sentido àquilo que nos envolve; e para dar sentido, temos de hierarquizar, de perceber o que é verdadeiramente importante para as nossas vidas e para as nossas escolhas enquanto cidadãos” (2013).

O professor destaca ainda a importância da prática de um jornalismo de investigação, que não pode ser dissociada de uma publicação de qualidade: “o jornalismo que investe na investigação, que vigia os poderes (políticos, económicos, desportivos, etc) e que nos dá a conhecer o que muitas vezes se quer esconder é, normalmente, o das publicações de referência, pois as outras não se preocupam muito com isso. Preocupam-se mais em divertir, em se ficar pelo 'interessante'. Um jornal de referência, mesmo quando pega num assunto 'interessante', preocupa-se em fazer dele também 'importante' - ou então não vale a pena” (2013).

Sobre o projeto do jornal *Público* se manter hoje ou não como um periódico de referência, face aos anos passados e tempos mudados, Fidalgo (2013) descreve que “é evidente que o *Público* não pode ser hoje o que foi nos primeiros anos, por uma série de razões, tanto internas (são outras as pessoas na liderança da empresa e do jornal, é outra a dimensão da Redação, é outra a disponibilidade de correspondentes e colaboradores regionais ou internacionais...), como externas (a imprensa mudou, os média mudaram, o país mudou, a relação das pessoas com os média tem mudado muitíssimo, o contexto digital e a Internet trouxeram uma revolução...)”. O antigo jornalista fundador acrescenta: “não posso deixar de constatar, sem imputar responsabilidades a quem quer que seja, que o *Público* é, hoje, bastante diferente do que definiu o seu projeto e do que foi, em termos reais, nos seus primeiros anos. Não obstante, continua sem dúvida a manter um (merecido) estatuto de jornal de referência, mais do que qualquer outro diário do país. Esse é um capital que não deve desperdiçar mais do que em alguns momentos da sua história recente desperdiçou” (2013).

Nuno Pacheco<sup>68</sup>, que difere de Joaquim Fidalgo sobretudo por ainda exercer funções no jornal *Público*, nomeadamente na direção, sustenta que o diário “nasce num mundo em turbulência, mas uma turbulência feliz. A libertação de Mandela, a queda do muro de Berlim, o fim das ditaduras comunistas a leste, eram sinais de esperança. Ser um jornal de referência (ou seja, um jornal que seguia os melhores exemplos do jornalismo internacional moderno) era para um imperativo. Estando o núcleo fundador do *Público* associado ao jornalismo que foi feito durante anos no *Expresso*, não se podia ter seguido outro caminho” (2013). Segundo o diretor adjunto, havia, na imprensa portuguesa, espaço para um diário de referência uma vez que esta “até à data, ou era amorfa ou demasiado bairrista (a norte ou a sul, os temas em destaque eram sobretudo os nacionais, com menosprezo dos grandes temas internacionais a que outros jornais do mundo davam óbvio relevo) e fazer um jornal diário com as características do *Público* (bem definidas no texto do seu estatuto editorial) era um desafio fantástico” (2013).

O jornalista salientou que a fundação do jornal tinha como objetivo “quase provocatório” romper dois tabus: “criar um jornal chamado *Público* mas de capitais inteiramente privados; e fazer um jornal com todas as características de um jornal de referência (seriedade, profundidade, rigor) mas a cores (só a capa e algumas páginas, mas apenas por limitações técnicas, já que o objetivo era imprimi-lo totalmente a cores, o que não foi possível), e com o formato associado aos jornais populares, ou seja, tabloide. Os jornais da época eram, recordo, impressos a preto e branco (às vezes com uma cor extra, como o vermelho ou o azul) e em formato maior, em regra o berliner (o *DN*, o *JN* e o *Expresso*, por exemplo, eram todos eles impressos nesse formato)”. Ressaltando que as normas deontológicas seguidas pelo periódico e o estilo de jornalismo praticado por este são os mesmos nos dias correntes, Pacheco (2013) recorda que “é isso que faz com que o *Público*, mesmo quando erra (foi o *Público* o primeiro jornal a ter uma secção a admitir os seus erros), continue a ser considerado, pelos que nele trabalham mas também pelos que o leem, como um jornal de referência”.

Sobre aquilo que faz um jornal de referência, o diretor adjunto (2013) menciona que a dicotomia entre imprensa de qualidade e imprensa popular e sensacionalista já não é recente, referindo que “no mercado, as “regras” são estas: o chamado jornal de referência tem muito boa aceitação a nível de opinião (é bem cotado, como é costume dizer-se; as notícias que publica e as opiniões que difunde são tidas em conta nos meios

---

<sup>68</sup> Entrevista concedida por e-mail à autora do trabalho em 8 de maio de 2013

de decisão) mas vende pouco; já os chamados jornais populares, não sendo considerados credíveis em termos de opinião, vendem muito. Isto é verdade para Portugal como para o resto do mundo (Inglaterra e Holanda são bons exemplos)”. Para o jornalista (2013), há ainda várias diferenças entre estes dois tipos de publicação a nível laboral. “Fazer um jornalismo de referência, para os jornalistas, obriga a maior empenhamento e maior cuidado quer no tratamento da informação quer na escrita. O jornalismo popular não exige da mesma forma tais cuidados, apesar de as regras deontológicas da profissão serem iguais para todos – e deverem ser seguidas por todos, de igual modo. Mas não se pode dizer “função mais árdua”: ser um bom jornalista é um imperativo de consciência (e é uma honra), não depende do órgão de comunicação social onde se trabalha” (Pacheco, 2013).

O despedimento coletivo que abrangeu 36 jornalistas do *Público*, em outubro de 2012, foram indicadores não só da crise do jornalismo em Portugal, mas também de que se viriam a viver tempos difíceis na publicação a partir daí, o que poderia comprometer o bom funcionamento do jornal e, por consequência, o seu estatuto de diário de referência. Nuno Pacheco (2013) faz a análise não só dos despedimentos, como da influência da versão online no jornal e da sua evolução em geral: “o *Público* tenta, hoje como sempre, estar à altura do seu projeto fundador. Se virmos o atual quadro de jornalistas do *Público*, ele é substancialmente diferente do que foi no início. O jornal teve, até à data, cinco diretores diferentes, efetivos (excluo-me dessa lista, apesar de ter sido, em períodos de crise e só para assegurar a transição, diretor interino por três vezes), e não deixou, por isso, de ser o mesmo jornal. De igual modo, mudou de grafismo, iniciou-se (com bastante êxito, aliás) no universo *online* e hoje enfrenta os desafios da crise como antes enfrentou os desafios das muitas mudanças a que a realidade o levou. Se tivesse uma atitude estática, o *Público* teria morrido. Felizmente, tem vindo a resistir e com sucesso, pese embora a redução de leitores de jornais em papel e o lento ascenso do jornalismo *online* pago”.

Em entrevista à revista 2 do *Público* (sai aos domingos), a 10 de março de 2013, Belmiro de Azevedo, dono da Sonae, empresa detentora do jornal, disse que atualmente “50% do custo de ter o *Público* são remunerações dos jornalistas, mas 100% da decisão do *Público* é dos jornalistas”, acrescentando que “se deu uma importância excessiva aos jornalistas”. Acerca destas declarações, o diretor adjunto Nuno Pacheco (2013) indicou: “não sinto que tenha sido dado importância excessiva aos jornalistas. Foi-lhes dada a importância que na verdade têm, porque sem eles não haveria jornal, nem *online*, nem

qualquer outro suporte gravado ou escrito. A dinâmica criada desde o início entre a direção do jornal, os editores e os restantes jornalistas é tudo menos pacífica ou monótona, gera uma tensão permanente, mas é uma tensão criativa, uma tensão que provoca choques, mas são choques benignos”.

Na mesma entrevista, o proprietário da Sonae falou de um compromisso de 25 anos para com o diário (ou seja, de cerca de mais dois anos da época atual), adiantando que os custos com o pessoal devem diminuir. Questionado acerca destas afirmações, o jornalista Nuno Pacheco (2013) explica que “o *Público*, aliás, nasceu de um pacto entre acionistas e fundadores e tem sido esse pacto que mantém o projeto vivo mesmo quando o mercado não ajuda e os números desanimam”. Sobre as dificuldades com que se debatem os jornalistas do periódico nos dias correntes, e até sobre aquelas que podem estar para vir, Pacheco (2013) sintetiza: “no caso do *Público* bater-nos-emos para que o projeto se mantenha e resista a mais destes desafios. Mas há patamares a partir dos quais qualquer produto fatalmente se deteriora. Estamos conscientes de que, para fazer um jornal com o *Público* hoje se apresenta, há limites mínimos exigíveis. Já agora: não são “os custos com o pessoal” que fazem um jornal de referência, mas para fazer um jornal de referência não se pode ter qualquer pessoal e a qualquer custo. Essa marca distintiva é válida para qualquer outra empresa, projeto ou... clube de futebol”.

## II. 8. Comparação do *Público* com outros jornais de referência

Para melhor perceber o *Público* como um diário de referência, vai-se compará-lo com outros três jornais de qualidade: *Le Monde*, *Die Welt* e *The New York Times*. A grelha usada para estabelecer a análise comparativa foi adaptada, sofrendo algumas alterações, e é a exibida por José Marques de Melo (2004: 13), e elaborada por Jacques Kayser, no seu estudo *Une Semaine dans le monde* (Paris, Unesco, 1953), já referida na página 45 deste documento.

Critérios <sup>69</sup>	<i>Público</i>	<i>Le Monde</i>	<i>Die Welt</i>	<i>The New York Times</i>
<b>a)</b> <b>Territorialidade:</b>				

<sup>69</sup> Os dados numéricos, históricos e toda a informação para a clarificação dos critérios de cada jornal foram retirados de [presseurop.eu](http://presseurop.eu) e de [britannica.com](http://britannica.com). Também foram consultadas as versões online de cada diário, bem como edições impressas dos mesmos.

1) Jornais dotados de legitimidade internacional (cuja circulação transcende às fronteiras nacionais e cujas matérias são frequentemente reproduzidas na imprensa estrangeira).	O <i>Público</i> só circula e é vendido nas bancas de Portugal (continental e ilhas). No primeiro bimestre de 2013 teve uma circulação diária de cerca de 28 mil jornais, segundo a APCT <sup>70</sup> .	Regista uma circulação de 35 mil exemplares vendidos diariamente fora de França. A sua versão online conta com mais de 40 milhões de visitas diárias.	Distribuído todos os dias em 130 países. Tem uma circulação diária de cerca de 263 mil exemplares.	Tem uma circulação elevada que ultrapassa as fronteiras americanas. Algumas das suas reportagens são reproduzidas em publicações estrangeiras.
2) Jornais possuidores de credibilidade nacional	O <i>Público</i> é um dos jornais mais respeitados de Portugal.	Principal jornal escrito em francês do mundo, muito respeitado no resto do globo.	Um dos jornais alemães mais influentes, pertencente ao magnata da imprensa Axel Springer.	Um dos principais jornais norte americanos. Ganhou mais de cem prémios Pulitzer.
<b>b) Política editorial</b>				
1) Jornais oficiais	O <i>Público</i> não é mantido pelo Governo nem por um partido.	O <i>Le Monde</i> não é mantido pelo Governo nem por um partido.	O <i>Die Welt</i> não é mantido pelo Governo nem por um partido.	O <i>The New York Times</i> não é mantido pelo Governo nem por um partido.
2) Jornais comerciais	O <i>Público</i> não se enquadra no	O <i>Le Monde</i> não se	O <i>Die Welt</i> não se enquadra no perfil	O <i>The New York Times</i> não se

<sup>70</sup> Ver Anexo 10, na página 5 dos Anexos.

	perfil de um jornal comercial.	enquadra no perfil de um jornal comercial.	de um jornal comercial.	enquadra no perfil de um jornal comercial.
3) Jornais autónomos	O <i>Público</i> é um jornal completamente autónomo.	O <i>Le Monde</i> é um jornal completamente autónomo.	O <i>Die Welt</i> é um jornal completamente autónomo.	O <i>The New York Times</i> é um jornal completamente autónomo.
<b>c) Evidências Empíricas</b>				
1) Trajetória histórica	O <i>Público</i> tem apenas 24 anos, mas cedo conquistou o seu estatuto de diário de referência em Portugal.	O <i>Le Monde</i> tem 69 anos. Surgiu após o exército alemão abandonar Paris, através das ordens de Charles de Gaulle.	O <i>Die Welt</i> emergiu em 1946 pela mão dos ocupantes britânicos. Em 1950 foi adquirido pelo alemão Axel Springer.	Tem 161 anos, e era inicialmente um <i>penny paper</i> , que recusava o sensacionalismo e escrevia da forma mais objetiva possível.
2) Perfil editorial	O <i>Público</i> tem um perfil editorial plural e heterogéneo.	Perfil de centro-esquerda, mas sem ideologias muito vincadas.	Perfil conservador, e pertence a um militante anti fascista e anti comunista.	Perfil editorial plural e heterogéneo.
3) Morfologia	Formato intermédio, com as folhas agrafadas	Formato Berliner, com páginas de longo comprimento.	Grande formato, com páginas de longo comprimento.	Grande formato, com páginas de longo comprimento.
4) Presença e uso da Internet	Está online desde 1995. As	Está online desde 1995. As	Está online desde 1995. As notícias	Está online desde 1995. As notícias



	<p>notícias são atualizadas com frequência. Uso de multimédia intermédio. Todas as editorias estão <i>online</i>. Os conteúdos estão todos em português.</p>	<p>notícias são atualizadas com frequência. Grande número de conteúdos. Elevado uso do multimédia. Todas as editorias estão <i>online</i>, com muita riqueza de conteúdos. O suplemento <i>Le Monde Diplomatique</i> está disponível online em inglês e português.</p>	<p>são atualizadas com frequência. Todas as editorias estão <i>online</i>. O <i>Die Welt Online</i> possui uma redação própria e a <i>Welt TV</i>, demonstrando assim uma forte aposta em multimédia e crossmedia.</p>	<p>são atualizadas com frequência. Grande número de conteúdos. Elevado uso do multimédia. Todas as editorias estão <i>online</i>, com muita riqueza de conteúdos. O site do jornal disponibiliza três versões: versão dos EUA, versão global e uma versão chinesa.</p>
5) Géneros jornalísticos	<p>O jornal carrega consigo diariamente vários géneros (breves, notícias, artigos de opinião, reportagens, crónicas,</p>	<p>O jornal carrega consigo diariamente vários géneros (breves, notícias, artigos de opinião, reportagens, crónicas,</p>	<p>O jornal carrega consigo diariamente vários géneros (breves, notícias, artigos de opinião, reportagens, crónicas, entrevistas e editoriais).</p>	<p>O jornal carrega consigo diariamente vários géneros (breves, notícias, artigos de opinião, reportagens, crónicas, entrevistas e editoriais).</p>

	entrevistas e editoriais).	entrevistas e editoriais).		
6) Temáticas informativas	Portugal (Política, Sociedade, Educação, Saúde, Local, Justiça, Media), Economia, Mundo, Cultura, Desporto, Ciência, Tecnologia, Opinião, Multimédia.	Internacional, Política, Sociedade, Economia, Cultura, Ideias (Opinião, Análise, Debates, Crónicas), Planeta, Desporto, Ciência, Tecnologia, Estilo, Saúde, Educação.	Política, Economia, Dinheiro, Desporto, Saber, Panorama (lifestyle, curiosidades, lazer), Cultura, Itinerante (Alemanha, Europa, dicas de viagem), Motor, Regional (Berlin, Dusseldorf, Frankfurt, Hamburg, Köln, Münche, Stuttgart), Opinião, Vídeo, Mercado.	Mundo, EUA, Política, New York, Negócios, Mercado, Tecnologia, Desporto, Ciência, Saúde, Artes, Estilo, Opinião, Multimédia.

a) Territorialidade:

- 1) Jornais dotados de legitimidade internacional.
- 2) Jornais possuidores de credibilidade nacional

b) Política editorial

- 1) Jornais oficiais – Mantidos pelos governos ou pelos partidos detentores do poder político nos países comunistas ou nas democracias populares.

2) Jornais comerciais – Publicados por empresas jornalísticas competitivas que adotam políticas editoriais do tipo espetacular, ostensivamente sintonizadas com os apetites do público leitor.

3) Jornais autónomos – Editados por empresas jornalísticas que procuram preservar a sua independência informativa, equilibrando as demandas dos anunciantes e dos leitores.

Evidências empíricas

1 – Trajetória histórica.

2 – Perfil editorial;

3 – Morfologia;

4 – Presença e uso da Internet;

5 – Géneros jornalísticos.

6 – Temáticas informativas.

Sintetizando, em comparação com outros diários de referência (o francês *Le Monde*, o alemão *Die Welt* e o norte americano *The New York Times*), existem vários parâmetros que distanciam o *Público* dos periódicos apontados. A primeira grande diferença decorre da tiragem e circulação do jornal português; para além de ter números muito inferiores aos outros três diários, o *Público* não é o líder em tiragem e circulação do seu país. Em termos de circulação e tiragem fora do território de origem, a publicação lusa também em nada se assemelha às outras três: o *Público* só se vende em bancas portuguesas, enquanto os outros três jornais circulam em países de todo o globo. É importante aqui ressaltar a dimensão dos países em que estes diários se inserem: Portugal é muito mais pequeno do que a França, a Alemanha e os EUA, não só em termos geográficos como económicos. Assim, apesar de apenas possuir credibilidade e exercer influência no país onde se fundou, o *Público* não se compara aos restantes periódicos em termos de projeção e dimensão internacional. Contudo, é o único diário de referência em Portugal (onde há mais uma publicação de qualidade, o semanário *Expresso*).

Acerca da política editorial, os quatro jornais comparados estão ao mesmo nível: não se encontram ao serviço do Governo ou de outra qualquer entidade, sendo livres, autónomos e independentes.

Quanto à presença e ao uso da internet, todos os jornais surgiram no meios online em 1995, o ano do “boom” do ciberjornalismo. Todavia, há uma maior aposta nas potencialidades do online por parte do *Le Monde*, do *Die Welt* e do *The New York Times*. Não só pela quantidade e qualidade de conteúdos, passando pela utilização de multimédia mas também pela disponibilização de conteúdos dos jornais em outras línguas. Aqui volta a sobressair o facto de serem jornais com outros meios e recursos económicos, muito em parte devido ao seu país de origem e público para o qual produzem.

Na trajetória histórica, o *Público* volta a ficar isolado dos seus pares. Com apenas 24 anos, o jornal parece muito recente quando comparado ao *Le Monde* (com 69 anos), ao *Die Welt* (67 anos), e especialmente ao *The New York Times*, um diário com 161 anos de existência. Uma solidez histórica é sempre importante na imprensa, apesar de não ser um fator condicionante, porque a credibilidade também se constrói sob os pilares do tempo. Na sua morfologia gráfica, o *Público* também em nada se parece com os outros três periódicos de qualidade: apresentando um formato mais pequeno e agrafado, o *Público* mostra-se mais moderno, enquanto os outros jornais exibem um aspeto mais clássico. Isto também se pode associar ao facto de a publicação portuguesa ser a mais recente das estudadas.

No que concerne aos géneros jornalísticos e às temáticas informativas, as publicações encontram-se em patamares mais próximos.

### **III. Em síntese/considerações finais**

O primeiro passo que uma publicação deve dar se se quer apresentar à sociedade como de referência, é assumir-se como tal desde o princípio, a partir do momento em que o projeto para a sua fundação começa a ser desenhado.

O jornalismo de referência surgiu no século XIX, e consolidou-se no século XX, perdurando nos dias de hoje. Neste trabalho foram identificadas 73 publicações de qualidade no mundo, sendo que duas dessas são portuguesas: semanário *Expresso* e o diário *Público*.

Desde a sua génese que a imprensa de referência ombreou com a imprensa popular; estes dois tipos de publicação são muito distintos, não só pelo público ao qual se destinam, como pela circulação e pelo tipo de informação que veiculam e pela abordagem

que dão aos acontecimentos: o jornalismo de referência vende menos, tem um caráter mais sério e faz uma abordagem mais sóbria e menos sensacionalista às situações que aborda; a imprensa popular é de cariz menos profundo, mais virada para o entretenimento e questões sensacionalistas, atingindo maiores índices de venda.

Resumidamente, um jornal de qualidade é rigoroso, independente, sério, influente, multifacetado (contempla várias temáticas, desde a política, economia, cultura e desporto), rejeita o sensacionalismo e providencialismo, tem um forte apego à ética e ao código deontológico jornalístico, deve dar ênfase não só a assuntos nacionais como internacionais, ter uma escrita e design cuidados e contar com profissionais qualificados e dedicados. Mas nem por isso deve ser uma publicação cinzenta e enfadonha; apesar de ter de convidar o leitor a pensar e a formar opinião, um diário de referência não deve descorar da originalidade, criatividade e imaginação na sua rotina e apresentação de trabalho. Outro aspeto importante é a dimensão do jornal, isto é, quantas pessoas o leem e se o fazem além fronteiras. Nos dias correntes, a versão *online* também é um membro de peso na vida de uma publicação noticiosa de referência. A página de um periódico de referência deve ter conteúdos da mesma qualidade do que a versão impressa, acompanhado assim não só os leitores do papel como os cibernautas. É preciso que um jornal saiba tirar partido das potencialidades da internet, usando o seu *site* não só para conteúdos escritos, mas também para multimédia (fotografia, áudio, vídeo e infografia interativa), hipertextualidade, interatividade (o jornal e o jornalista podem receber um feedback mais articulado e imediato por parte dos leitores) e a instantaneidade (não é preciso esperar até ao dia seguinte para ter mais notícias, visto que com a página online, o jornal pode manter-se em atualização constante).

O *Público* foi elaborado desde que era um projeto embrionário para ser um diário de referência. Assumiu-se como tal aquando a sua fundação, e ainda hoje se apresenta da mesma forma. É certo que o jornal sofreu várias alterações, mudou de direção, e entretanto criou a sua página *online* porque as exigências tecnológicas, mediáticas e sociais assim o ditaram, e como diário de referência que é, não podia ficar para trás, tendo acompanhado a evolução do jornalismo nos últimos tempos. No entanto, publicações de qualidade não são publicações perfeitas. O *Público* não está ao nível de jornais como o *The New York Times* ou *The Washington Post*, principalmente porque as dimensões dos respetivos países são totalmente diferentes (o *Público* só circula em Portugal e não é o

jornal mais vendido do seu país). Para além disso, o *Público* conta hoje com uma redação substancialmente reduzida, após o despedimento coletivo de outubro de 2012. Excetuando a baixa circulação e o reduzido número de profissionais e correspondentes, o jornal *Público* preenche todos os referidos indicadores que apontam para um jornalismo de qualidade.

É importante que as empresas e os grupos económicos que detêm órgãos de comunicação não deixem de apoiar a imprensa de referência. Em cenário de crise, os jornais de referência têm o papel ainda mais importante de alertar as sociedades para o que se passa, informando-as de forma a poderem lutar contra as adversidades. Sem jornalismo não há democracia, e a democracia será ainda mais imperfeita se não poder contar com publicações de qualidade.

#### **IV. Conselhos para futuras investigações**

O jornalismo de referência é um campo do jornalismo pouco estudado em Portugal. As razões para tal podem ser associadas ao facto de Portugal ser um país pequeno, comparado com a América do Norte, o Reino Unido e o Brasil, por exemplo, onde existem mais publicações de qualidade, e onde se faz mais investigação sobre esta. Em Portugal os periódicos que têm maior número de vendas pertencem à imprensa popular (*Correio da Manhã*, *Jornal de Notícias*), o que também pode explicar a ausência de mais interesse pelo jornalismo de referência no meio académico.

Para perceber mais sobre o jornalismo de qualidade devem ser consultados trabalhos de autores da América do Norte e América do Sul, visto serem estes que mais estudos parecem publicar sobre o tema.

Dos trabalhos publicados e pesquisados para este trabalho foi possível deduzir que não há muitas obras recentes, e mesmo as mais recentes parecem descurar um aspeto que hoje em dia é crucial no jornalismo: a internet e os seus impactos no jornalismo, sobretudo no de referência. Esse é um detalhe que deve ser notado por quem planear estudar jornalismo de qualidade.

## V. Jornal *Público*

### V.1. Breve contextualização histórica

O *Público* é um jornal português generalista e diário, propriedade do grupo Sonae (mais propriamente da sub-holding da Sonae para as áreas da Comunicação), liderado por Belmiro de Azevedo. Apesar de o primeiro exemplar da publicação ter chegado às mãos dos portugueses a 5 de março de 1990, com Vicente Jorge Silva como diretor até 25 de setembro de 1996, os esforços para a criação deste jornal começaram no verão de 1988.

Com o jornalismo de referência internacional como modelo, alguns jornalistas do semanário *Expresso*, nomeadamente Vicente Jorge Silva, Joaquim Fidalgo, Jorge Wemans e Manuel Fernandes equacionaram a hipótese de fundar um diário de referência à semelhança dos melhores jornais do mundo. “O PÚBLICO tem um estilo próprio que identifica o jornal perante os seus leitores e a opinião pública em geral. Esse estilo integra os grandes princípios fundadores do jornalismo moderno — adoptados pelos jornais de referência em todo o mundo, do “The Washington Post” e do “The New York Times” ao “La Repubblica”, “El País”, “Le Monde” ou “The Independent” — e uma nova sensibilidade para captar e noticiar os acontecimentos, que caracteriza um jornal como o “Libération”, por exemplo (Livro de estilo do *Público*, 2009).

Jornalistas e empresários reúnem-se, e o projeto começa a ganhar contornos concretos na primavera de 1989, quando Belmiro de Azevedo e Vicente Jorge Silva se juntam, numa conferência de imprensa no Grémio Literário, em Lisboa, e na qual apresentam o documento caracterizador do *Público*, que ficou conhecido como a *Magna Carta* do jornal, onde se afirma que “o *Público* «é o lugar de encontro entre um grupo de jornalistas e um grupo empresarial, a SONAE” (Azevedo, 2010).

Serrano (2005: 172) escreve que “a criação do jornal *Público* pelo grupo Sonae, em 1990, tendo como accionistas minoritários a *Prisa*, *Promotora de Informaciones*, S.A., editora do jornal espanhol *El País* e a empresa editora do jornal italiano *La Repubblica*, marca o início da associação de empresas editoras portuguesas a grupos e empresas estrangeiras. O aparecimento do *Público* teve, segundo Faustino (2004), um enorme impacto na profissionalização da imprensa em Portugal, por ter sido o primeiro grande projeto jornalístico português criado de raiz por uma entidade privada - o grupo Sonae –

cuja capacidade financeira permitiu grandes investimentos em novas tecnologias e em recursos humanos qualificados”. A 31 de outubro de 1989 é criada a *PÚBLICO, Comunicação Social S.A.*, empresa responsável pela fundação do jornal, da Sonae. O *Público*, fundado em 1989, surge então nas bancas, em março de 1990, com o intuito de ser um jornal de referência e, de acordo com Faustino (2004: 164), atinge esse estatuto: “consolidou-se como jornal de referência no contexto da imprensa portuguesa”.

Os jornalistas então associados ao projeto repartiram-se em duas redações, em setembro de 1989: Uma em Lisboa, e outra no Porto, que perduram nos dias correntes.

O primeiro diretor do periódico, conforme referido, foi Vicente Jorge Silva, autor da expressão “Geração rasca” que foi empregue num editorial em 1994, quando os alunos se manifestavam contra a ministra da Educação de então, Manuela Ferreira Leite. A expressão nunca caiu no esquecimento da sociedade, tendo sido adaptada para “Geração à rasca”, que foi o nome atribuído a um protesto dos jovens portugueses a 12 Março de 2011 contra o desemprego, a precaridade e a emigração. Depois de Vicente Jorge Silva, o *Público* conheceu mais quatro diretores: Nicolau Santos (de 26 de setembro de 1996 até 20 de setembro de 1997), Francisco Sarsfield Cabral (de 16 de dezembro de 1997 a 5 de Março de 1998), José Manuel Fernandes (de 1 de setembro de 1998 a 31 de outubro de 2009), Nuno Pacheco, atual diretor adjunto, desempenhou a função de diretor interino entre 20 de Setembro e 15 de Dezembro de 1997 e novamente desde 6 de Março até 31 de agosto de 1998 (Matos e Lemos, 2006 *apud* Azevedo, 2010). Bárbara Reis é a atual diretora que ocupa o cargo desde 1 de novembro de 2009.

Um ano volvido da sua fundação, o *Público* junta-se à associação *World Media Network*, no âmbito da qual publica alguns suplementos, e da qual fazem parte alguns dos jornais de referência mundiais, como o espanhol *El Pais*, o francês *Liberation* e o italiano *La Stampa*.

Os anos 90 foram muito marcantes para os media portugueses. É quando surgem as privatizações, e os meios de comunicação, impulsionados pelo crescimento do mercado publicitário, começam a ser aproveitados como ferramentas de rentabilidade e influência política e ideológica. Como relata Faustino (2004: 4), “durante as décadas de 80 e 90, a imprensa portuguesa ficou marcada por um maior dinamismo em termos de projetos editoriais, inaugurando-se por assim dizer, um ciclo de maior volatilidade no



sector”. Neste seguimento de ideias, Luís Marques Mendes, citado por Faustino (2004: 4) avança que “no plano da comunicação escrita, o Estado detinha o controlo total ou maioritário dos jornais diários. Em dez anos, praticamente nada tinha sido feito para alterar este quadro verdadeiramente anacrónico nas democracias europeias e claramente redutor de uma efetiva liberdade de expressão e informação”.

Em 1994, o *Público* atinge, pela primeira vez desde a sua criação, segundo Faustino (2004: 164) “um saldo de contas positivo: 649 mil euros”.

Pioneiro em alguns setores, o *Público* foi “o primeiro jornal a imprimir, em simultâneo, duas edições locais, em Lisboa e no Porto” (Mata, 2002: 66-67).

Colecionáveis e suplementos também só começaram a surgir nas bancas portuguesas com o jornal do grupo Sonae. Em 1992, o jornal lançou livros, enciclopédias e outros suplementos. Sete anos depois, com o aumento da informatização, o *Público* continuou a aposta nos colecionáveis mais modernos, como CD-ROM's e DVD's, a partir de 2003.

Entre estes lançamentos deu-se um outro de grande relevo, mas onde o *Público* já não foi pioneiro: a chegada da publicação à internet. Decorria o ano de 1995 quando o *Público* disponibilizou a sua edição impressa, a 22 de setembro, no *Público Online*, ou *publico.pt*. Na verdade, o diário foi o segundo jornal português (depois do *Jornal de Notícias*, que chegou à Internet a 26 de julho de 1995) a publicar a edição impressa na Internet em HTML, continuando depois a disponibilizá-la gratuitamente até 2001, quando começa a ser exclusiva para os assinantes poderem consultar e descarregar (prática que se mantém na atualidade). Nesse período, em que se dava o “boom” do ciberjornalismo em Portugal, o *Público* continuava a aposta da sua secção online, tendo-se registado online no dia 11 de maio de 1995. Em maio de 1999 o jornal da Sonae começa a disponibilizar notícias atualizadas diariamente, que podiam ser consultadas em *publico.pt*. No *publico.pt* pode-se encontrar informação de qualquer editoria (cultura, desporto, sociedade, mundo, economia, local, entre outras), vídeos, infografias, fotogalerias, blogues e ainda se pode aceder aos cadernos e suplementos do *Público*. Pode também, caso seja um utilizador registado que pague os conteúdos, aceder-se ao jornal do dia através da versão em formato *pdf*. Para além das últimas notícias, no *publico.pt*

pode ser consultado um top ten das notícias mais lidas, comentadas e partilhadas pelos utilizadores nas redes sociais.

A 21 de novembro de 2012, o *publico.pt* sofreu alterações. Para além de alterações do design e na forma de apresentação dos conteúdos, o novo site<sup>71</sup> do periódico foi pioneiro em Portugal ao incluir os leitores na moderação, que também passaram a ter uma área própria e individual. “Criámos um sistema de reputação que faz com que os leitores com melhor atitude na “comunidade PÚBLICO” sejam premiados ao longo de níveis, o mais elevado dos quais lhes dá poder de aprovar e reprovar os comentários dos outros leitores” (Reis, 2012). Os jornalistas, colunistas e outros autores do jornal também têm uma área própria, onde podem introduzir um texto de apresentação e onde está escrito o endereço do e-mail profissional. Os leitores podem-se registar gratuitamente na página do diário, guardando artigos para consultar mais tarde e organizando uma área pessoal mais personalizada: “uma página privada com a sua biblioteca e uma página pública, onde estará toda a sua participação nos comentários e inquéritos do PÚBLICO, e que pode ser vista por outros leitores registados” (Reis, 2012). Deste modo, a remodelação do site do *Público* passou a possibilitar uma participação mais ativa do leitor e uma aproximação aos autores dos conteúdos que este consulta.

A secção de Opinião passou a ter um lugar mais destacado, e foi dada mais ênfase ao uso da multimédia (melhor qualidade nas infografias, fotografias, imagens e vídeo). Foram estabelecidas parcerias, nomeadamente com a TVI, o que permite que se encontre no *publico.pt* vídeos da TVI e da TVI24, complementando a informação elaborada pelo jornal, e com o portal [www.trabalhando.pt](http://www.trabalhando.pt), passando a estar no *Público Online* uma secção com ofertas de emprego para Portugal e/ou para o estrangeiro.

Em relação à estrutura da edição impressa, esta divide-se em cadernos. O caderno principal do *Público* contempla as seguintes editorias: Destaque, Portugal, Mundo, Local (Local Lisboa e Local Porto, tendo existido também a secção Local Centro), Desporto, Economia, Cultura, Ciência e Espaço Público (setor de opinião: cartas, editoriais, crónicas e artigos de opinião). Este caderno, também designado por *P1*, é descrito, no Livro de Estilo (2009), da seguinte forma: “a conceção editorial do *Público* corresponde a uma dupla exigência, de qualidade e diversidade, visando áreas de informação e tempos

---

<sup>71</sup> Ver mais detalhes em <http://static.publico.pt/novosite/>

de leitura claramente diferenciados, conforme as características de casa uma das publicações que constituem o jornal”.

O segundo caderno, *P2*, era um suplemento sobre cultura, lazer, exposições, concertos, cartaz de artes que deixou de ser publicado com a chegada do novo grafismo, em 2012, tendo os seus conteúdos passado para o caderno principal. A 2 é a revista que acompanha o *Público* ao domingo. Versa sobre a atualidade da semana, contem textos de análise, crónicas e grandes reportagens. É editada pelas jornalistas Francisca Gorjão Henriques e Paula Barreiros.

O mais recente caderno do *Público*, *P3*, surgiu, online, em setembro de 2011 com o lema “tratamos tudo por tu”. É uma publicação que “ nasceu para todos os jovens (e não só) que se encontram afastados dos órgãos de informação por não se reverem nos temas tratados” (*p3publico.pt*, 2012). Este projeto nasce através da junção de forças do *Público*, da Faculdade de Letras e Engenharia da Universidade do Porto e do Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores do Porto. É uma iniciativa do Quadro de Referência Estratégico Nacional, co-financiada pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, através do Programa Operacional Factores de Competitividade. É dirigido pelo jornalista do *Público* Amílcar Correia e conta com uma equipa de cinco jornalistas. A redação situa-se no pólo de Ciências da Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na mesma rua da redação do Porto do *Público*. Este caderno destaca-se dos restantes por ser mais personalizável, com crónicas escritas pelos utilizadores e temas que não são tão abordados pelos restantes cadernos do *Público*. Música, filmes, questões LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais), questões locais, entrevistas, arte urbana, arquitetura, atualidade, crónicas e emprego são alguns dos principais tópicos que o leitor pode consultar no *P3*, que também é inovador no seu webdesign. Os conteúdos do *P3* têm como alvo os leitores dos 18 aos 35 anos. Em outubro de 2012, o *P3* foi distinguido pela Society for News Design como o site com o melhor grafismo de 2012 na Península Ibérica, na categoria de jornal digital com menos de 12 milhões de visitas mensais. Na mesma cerimónia de atribuição de prémios, o *Público* foi ainda distinguido com mais três prémios. Melhor capa de revista do ano: a capa do *P2*, publicada a 18 de Junho de 2012, sobre a crise grega, melhor grafismo na categoria em “suplementos completos” e o melhor grafismo para iPad, dois prémios obtidos pelo *Ípslon*.

Os restantes suplementos, estando alguns extintos, saem juntamente com a edição impressa, não podendo ser vendidos em separado, e têm também o seu espaço em *publico.pt*; o *Ípsilon* (suplemento de cultura, sai à sexta feira. É editado por Vasco Câmara e Inês Nadaís. Substituiu, a partir de 2007, o *Mil Folhas, Sons e Y*); *Imobiliário* (sai à quarta-feira, é sobre a análise do mercado imobiliário); *Inimigo Público* (suplemento que satiriza as principais notícias da atualidade, sai à sexta-feira. É da responsabilidade de Luís Pedro Nunes. O seu lema é “se não aconteceu... Podia ter acontecido!”); *Mil Folhas* (coleção de livros que podiam ser comprados com o jornal), *Fugas* (revista, outrora suplemento criado em 2007 sobre viagens e lazer, sai ao sábado e pode ser consultada online. É editada por Sandra Silva Costa), *Xis* (revista de sábado, extinta); e a *Pública* (revista que saía ao domingo). Existem outros suplementos, mas que não são impressos e podem ser encontrados em *publico.pt*: Guia do Lazer (agenda lúdica e cultural), CineCartaz (agenda de cinema, com críticas, notícias, trailers e passatempos da sétima arte), Life & Style (suplemento com conteúdos sobre moda, bem-estar, pessoas e gastronomia. É editado por Ana Brasil), e Ecosfera (notícias sobre o meio ambiente).

Em 2012, o *Público*, segundo dados<sup>72</sup> da Associação Portuguesa de Controlo de Tiragem (APCT), teve uma tiragem média de 43.254 exemplares por bimestre, ou seja, cerca de 21.623 exemplares mensais. Quanto à circulação, a APTC regista para o *Público* uma circulação média de 31.086 exemplares por bimestre, ou seja, cerca de 15.543 exemplares por mês.

Sobre o design da publicação, este quando foi criado, era feito por Henrique Caiate. Esse modelo durou até 2001, com um logótipo<sup>73</sup> que se manteve até 2007. A primeira reformulação gráfica chegou em 2005, através da empresa espanhola de design Bega. Em 2007, chega uma nova remodelação gráfica e é desenhado o logótipo<sup>74</sup> que ainda hoje marca a identidade do periódico. Esta remodelação é da autoria do designer inglês Mark Porter, responsável também pelo design do *The Guardian*.

Para celebrar o 20º aniversário, o diário fez várias iniciativas que se relacionam com apelos aos leitores. “20 anos 20 histórias<sup>75</sup>” trata-se de uma coletânea de histórias

---

<sup>72</sup> Gráfico da APCT da tiragem e circulação do *Público* em 2012 (ver anexo 6, na página 4 dos Anexos)

<sup>73</sup> Primeiro logo do *Público* (ver anexo 7, na página 5 dos Anexos)

<sup>74</sup> Logótipo atual do *Público* (ver anexo 8, na página 5 dos Anexos)

<sup>75</sup> Ver histórias em <http://static.publico.pt/20Anos/20Historias/>

reais enviadas pelos leitores para o *Público*. Foi recolhida uma história por cada distrito, Açores e Madeira. A outra iniciativa, “Logótipo Público”, consistia numa proposta que o jornal lançou a doze designers e ilustradores para reinventarem o logótipo da publicação. Durante doze meses cada proposta ficou visível na homepage do *Público Online* durante 24 horas. O trabalho vencedor<sup>76</sup> foi o de Paulo Lourenço, com 205615 votos. Ainda no ano de 2010, a 24 de Fevereiro, o *Público* inaugurou as novas instalações da redação portuense, na Praça Coronel Pacheco, no Pólo de Media da Universidade do Porto, onde hoje permanece. Em 2012, para assinalar os 22 anos do *Público*, surgiu a reforma gráfica que se mantém ainda hoje. Acompanhar os avanços tecnológicos e as novas exigências dos leitores para o consumo de informação foram as principais razões que levaram o jornal a esta renovação gráfica, que voltou a ser da autoria de Mark Porter. “As alterações entretanto ocorridas levam-nos a adequar esse modelo ao tempo de hoje, aplicando ao jornal no seu todo o conceito que começámos a testar há oito meses nas edições de domingo: um jornal diário que aposta na leitura aprofundada e nos géneros nobres do jornalismo. Hoje, os leitores querem encontrar no jornal impresso mais do que já viram e leram no dia anterior na Internet e na televisão” (Direcção Editorial, 2012). No decorrer dos festejos dos 22 anos do diário, o filósofo José Gil foi convidado a ser diretor por um dia. No dia 5 de março, o aniversário do jornal, os 22 anos foram ainda festejados com exemplares gratuitos nas bancas e online. A partir de então, o jornal adotou um formato mais pequeno e passou a ser agraphado.

O ano de 2012 foi muito marcante na história do diário. Em junho, o jornal viu-se envolvido no “caso das secretas”, uma controvérsia relacionada com o ministro dos Assuntos Parlamentares de então, Miguel Relvas. O caso<sup>77</sup> culminou com a jornalista Maria José Oliveira a demitir-se do periódico. No mês seguinte, o *Público* avançou<sup>78</sup>, através de uma investigação da jornalista Andreia Sanches, que Miguel Relvas tinha obtido o grau de licenciado em apenas um ano, devido a equivalências dadas em função do seu curriculum profissional. Em outubro, a direção do jornal comunicou aos editores que se tinha iniciado um processo de despedimento coletivo no jornal envolvendo 48 trabalhadores, sendo 36 jornalistas. A justificação da direção para este processo foi que tinha sido essa a única negociação possível com a administração, que tinha ponderado

---

<sup>76</sup> Logótipo vencedor 20 anos *Público* (ver anexo 9, na página 5 dos Anexos)

<sup>77</sup> Ver Nota da Direção acerca do caso em <http://www.publico.pt/1546884>

<sup>78</sup> Ver notícia em <http://www.publico.pt/1553153>

encerrar a publicação em março. O objetivo do despedimento passava por reduzir custos de cerca de 2 milhões de euros anuais que o jornal tinha com o pessoal. “Este despedimento inviabiliza a continuidade do PÚBLICO enquanto órgão de comunicação social de referência”<sup>79</sup>, (Conselho de Redacção, 2012). Seguiu-se um plenário dos trabalhadores onde se decidiu convocar uma greve, que teve lugar no dia 19 de outubro.

No dia 6 de dezembro, o jornalista Manuel Carvalho, diretor adjunto do *Público* e diretor da redação do diário no Porto, comunicou a sua demissão à redação. Na direção do jornal desde 2000, Manuel Carvalho explicou<sup>80</sup>, em comunicado enviados aos jornalistas, que a sua decisão não se associava a divergências com a direção, mas sim por acreditar que tinha chegado ao fim uma etapa da sua vida profissional.

Para comemorar os 23 anos, o *Público* levantou uma série de questões<sup>81</sup> relacionadas com a atualidade: “há 23 anos a fazer perguntas”. Trata-se de uma campanha institucional *Havas Worldwide Portugal*. Na sequência dos festejos, o aclamado realizador Miguel Gomes foi diretor do diário por um dia e escolheu Bagão Félix, Diogo Seixas Lopes, Dulce Maria Cardoso, Gabriel Abrantes, Jorge Buescu, Jorge Sampaio, Loureiro dos Santos, Miguel Esteves Cardoso, Manuel Carvalho da Silva, Patrícia Barbas e Valete para assinarem textos de ficção ligados ao tema “O que pensam as pessoas depois de lerem as notícias?”.

As crianças também tiveram um papel de destaque no 23º aniversário do jornal. Alunos da Escola Primária de Fernando de Castro fizeram uma visita à redação do *Público* em Lisboa e deram o seu contributo na escolha das fotografias e ilustrações<sup>82</sup> criativas das notícias do dia.

## **V.2 Organização interna**

Conforme já foi registado, este relatório pretende documentar a passagem de uma jornalista estagiária na editoria Local Porto, na redação do Porto do *Público*.

---

<sup>79</sup> Ver comunicado em <http://m.publico.pt/Detail/1566789>

<sup>80</sup> Ver notícia em <http://expresso.sapo.pt/manuel-carvalho-demite-se-da-direcao-do-publico=f772051>

<sup>81</sup> Ver questões em <http://www.publico.pt/23anos>

<sup>82</sup> Ver capa da edição dos 23 anos do *Público* em <http://ressabiator.files.wordpress.com/2013/03/miguel-gomes.jpg>

Com 36 jornalistas despedidos em outubro de 2012, ambas as redações sofreram cortes nos funcionários.

O *Público* regista várias editorias que, no Porto, então distribuídas desta forma pelos jornalistas: Portugal (Margarida Gomes, Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, José Augusto Moreira, Mariana Oliveira e Natália Faria), Mundo (Rita Siza), Cultura (Luis Miguel Queirós, Sérgio Costa Andrade), Ípsilon (Inês Nadaís), Fugas (Sandra Silva Costa), Desporto (Nuno Sousa, Manuel Assunção e David Andrade), Local (Álvaro Vieira, Abel Coentrão e Patrícia Carvalho), Ciência (Andrea Cunha Freitas), Economia (José Manuel Rocha e Rosa Soares) e Raposo Antunes (editor executivo). Cada uma destas secções é chefiada por um editor. A Direção na redação do Porto está representada pelo diretor adjunto demissionário Manuel Carvalho.

A redação conta também com serviços de fotografia, gráficos e de agenda que, apesar de não se tratar de jornalismo, são serviços indispensáveis ao funcionamento diário do jornal.

Todos os trabalhadores do jornal possuem um endereço eletrónico no servidor do *publico.pt* que lhes permite comunicar entre si em tempo real, bem como enviar ficheiros e outros documentos. Para além disto, cada jornalista dispõe de um telefone com uma extensão própria que é usado para comunicar com as fontes e com outros jornalistas.

## **VI. Atividades realizadas durante o estágio: análise e balanço**

Este capítulo contém a análise feita às diferentes atividades jornalísticas elaboradas na redação do *Público* do Porto, na secção Local Porto, durante o período compreendido entre 3 de dezembro e 1 de março. Todas as atividades eram supervisionadas pelo orientador de estágio, o jornalista e editor da secção Local Porto Álvaro Vieira e, na sua ausência, pelo jornalista Abel Coentrão. Os textos escritos para o *P3* foram editados, na sua grande maioria, pela subdiretora do projeto, a jornalista Andreia Azevedo Soares.

Durante os três meses de estágio na redação do Porto do *Público* foram publicadas 94 peças jornalísticas, sendo a maioria notícias, e as restantes reportagens e destaques de cultura. Destas 94 peças, seis saíram na versão impressa da secção Local Porto, e 47 da mesma editoria foram diretamente publicadas na edição *online*; foram produzidos 26

destaques de cultura (peças não assinadas entre os 600 e os mil caracteres) e uma reportagem para a secção Portugal. No suplemento online *P3* foram publicadas 14 peças, integrando o total das 94 peças. Foram criadas mais peças, mas por opção dos editores ou por não poderem ser concluídas, acabaram por não ser publicadas. Neste sub-capítulo vão ser explorados mais a fundo apenas alguns dos trabalhos que foram mais marcantes durante o estágio, não permitindo as dimensões e estrutura do relatório dissertar amplamente acerca de todos os textos produzidos durante os três meses no jornal.

Depois de apresentada à redacção pelo jornalista Álvaro Vieira, orientador de estágio e editor da secção Local Porto, foram explicados os métodos de obtenção e produção de informação, nomeadamente o *software* que permite a leitura das notícias de agências noticiosas, o processamento do texto no *layout* da edição impressa do dia seguinte e o contacto com as fontes. As notícias seleccionadas diariamente tinham de obedecer a um critério: dizer respeito à zona norte (a norte de Coimbra), concernindo de uma forma direta ao local a que se relacionavam.

Para além de monitorizar os *takes* emitidos pela agência *Lusa*, era dever diário do jornalista estagiário fazer três chamadas por dia (às 11h, às 15h e às 17h) a diversas entidades públicas, no sentido de captar, em primeira mão, alguma ocorrência que tivesse surgido na região. As entidades contactadas eram a Protecção Civil (Comando Distrital de Operações de Socorro) do Porto, Braga, Aveiro Viseu e Vila Real; a PSP e GNR do Porto; a Brigada de Trânsito do Porto, Braga, Santa Maria da Feira, Maia e Aveiro; Bombeiros Sapadores do Porto, Bombeiros Voluntários Portuenses, Bombeiros Sapadores de Gaia e Bombeiros Voluntários do Porto. Por vezes, não havia qualquer ocorrência a registar por parte de uma das entidades referidas, mas a entidade contactada remetia para uma outra que tivesse informação nova ou complementar. As informações recolhidas durante as rondas telefónicas nem sempre eram aproveitadas para redigir notícias, visto que terminada a ronda, era necessário comunicar ao editor a informação obtida de forma a saber se era ou não para publicar notícia. Os contactos utilizados nas rondas também serviam para confirmar informação avançada pela agência *Lusa*, por *sites* de informação ou por outros órgãos de comunicação social.

Uma das primeiras tarefas executadas pelos jornalistas da redacção, e que deveria ser imitada pelos estagiários, era a leitura dos outros jornais do dia (em especial o *Jornal de Notícias*, visto ser o concorrente direto para a secção Local Porto do *Público*, por ser um diário portuense que muito espaço reserva para as questões locais da região Norte).



Depois de lidos os jornais impressos, passava-se para a sua versão *online*, visto estarem lá muitas notícias (a maioria de última hora) que não constam da edição de papel. Para além dos *sites* de órgãos de comunicação social, era aconselhável acompanhar outros *sites* como o da Câmara Municipal do Porto e de Matosinhos, bem como o portal de informação *Porto24*<sup>83</sup> e o jornal online *JPN*<sup>84</sup> (nomeadamente a secção Porto), feito pelos alunos de Ciências da Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Estes portais contêm informação atualizada sobre os últimos acontecimentos a decorrer na cidade. Estas rotinas de leitura surgiram de forma espontânea, após o jornalista Álvaro Vieira ter indicado que a pro atividade era um fator muito valorizado no diário *Público*, e que era importante estar-se atento ao que se passava na cidade portuense e na região Norte. Todas as ideias ou ocorrências que potencialmente interessassem à editoria Local Porto tinham primeiro de ser comunicadas ao jornalista Álvaro Vieira. Depois de produzidos, os textos eram enviados para o editor Álvaro Vieira e corrigidos junto a este. Se fossem para a versão *online*, eram introduzidos no site pelo próprio editor; se não, eram remetidos ao jornalista estagiário, corrigidos, e inseridos por este no *layout* da versão de papel.

O primeiro trabalho realizado foi através de uma ocorrência registada pela última ronda telefónica do dia, no primeiro dia na redação, 3 de dezembro. Tratava-se de uma ocorrência captada através da última ronda telefónica do dia, comunicada pela Proteção Civil do Porto. O acontecimento dizia respeito a um incêndio num prédio de habitação, em Ermesinde, Valongo. O operador da proteção civil falou na possibilidade de feridos, mas não conseguia ser preciso. Depois de comunicada a situação ao editor, este aconselhou a ligar para um café da rua onde tinha ocorrido o acidente, para tentar perceber melhor o que tinha provocado o incêndio, saber quais as suas consequências e se havia ou não feridos. Feita a pesquisa sobre cafés na Rua da Cancela, Ermesinde, Valongo, também a pessoa contactada não foi capaz de dar pormenores exatos acerca do acontecimento. Assim, e como já era tarde para ir até ao local, foi decidido não publicar a notícia devido a dados insuficientes e pouco rigorosos. Este trabalho, por não ter sido concluído em termos de publicação, deu para refletir acerca da importância de ir até ao local dos acontecimentos recolher informações e falar com as entidades envolvidas; por outro lado, deu para perceber que, quando se está perante informações incompletas ou

---

<sup>83</sup> <http://porto24.pt/>

<sup>84</sup> <http://jpn.c2com.up.pt/porto/>

parcialmente validadas, é melhor optar por não publicar para não se correr o risco de dar falsas informações aos leitores.

O primeiro trabalho fora da redação foi durante a manhã do quarto dia de estágio, a 6 de dezembro de 2013. Após a chegada ao jornal, foram consultadas as notícias da agência Lusa e a secção *online* Local Porto do *Jornal de Notícias*. Em ambos os órgãos vinha uma notícia sobre um incêndio que tinha destruído um edifício devoluto na rua do Bonjardim, no centro do Porto. Na redação do *Público*, a única jornalista da secção Local Porto presente era a Patrícia Carvalho, foi a mesma que deu permissão para ir até ao local recolher mais informações e tratar da peça. Depois da deslocação para o local do incidente, com o fotógrafo estagiário Rui Farinha, foram feitas perguntas à filha do proprietário do dono do imóvel e a trabalhadores de estabelecimentos daquela rua, para obter mais detalhes sobre o incêndio. Já na redação, foi escrita a notícia com os dados obtidos no local e com outros dados avançados pela agência Lusa. A peça foi revista em conjunto com o jornalista Álvaro Vieira, tendo sido publicada<sup>85</sup> no *Público Online* naquela manhã. A primeira ida à procura de informações fora da redação alertou para a importância de, uma vez no local, recolher todas as informações possíveis: não só em termos visuais, mas também informações avançadas pelos atores envolvidos neste caso (proprietários do imóvel, pessoas que vivem/trabalhem na rua onde ocorreu o incêndio). Só não foi possível falar com os bombeiros do Batalhão de Sapadores do Porto porque já não se encontravam no local durante a manhã, visto que o fogo fora dominado durante a noite; assim sendo, foram utilizadas as declarações dos bombeiros escritas na notícia da agência *Lusa*.

O segundo trabalho de reportagem fora de redação, que coincidiu com o primeiro trabalho para a versão impressa do *Público* ocorreu no dia 12 de dezembro (tendo sido publicado no dia seguinte), na sequência de uma proposta dos jornalistas da secção Local Porto, Abel Coentrão e Patrícia Carvalho. Estando-se a aproximar a quadra natalícia, e estando marcado o arranque da iluminação de Natal para 7 de dezembro, os jornalistas estagiários foram enviados para 25 ruas seleccionadas pela Câmara do Porto e pela Associação de Comerciantes do Porto para ver quais as artérias portuenses que já tinham as instalações das luzes de Natal montadas e a funcionar. Assim, foi dada aos dois jornalistas estagiários uma lista das ruas a percorrer para verificar se havia ou não

---

<sup>85</sup> Ver notícia em <http://www.publico.pt/local/noticia/fogo-destruiu-edificio-devoluto-no-centro-do-porto-1576327>

vestígios das iluminação, para que também fossem abordados os comerciantes acerca de quando as estruturas tinham sido montadas, se já estavam a funcionar e qual seria o impacto do funcionamento (ou do seu atraso) a nível do comércio. As ruas eram quase todas contíguas, porém o processo de passar por todas as artérias indicadas e de falar com os comerciantes de cada rua levou a manhã inteira. Assim que estavam recolhidas todas as informações solicitadas pelos jornalistas do *Público*, já na redação, foi produzida uma grelha que explicitava em que ruas havia iluminações, em que ruas não havia, e em que ruas havia mas ainda não tinham sido ligadas, bem como o parecer dos comerciantes que trabalham nesses locais. A grelha foi posteriormente enviada à jornalista Patrícia Carvalho, que escreveu a peça<sup>86</sup> publicada a 13 de dezembro de 2012, com esses dados recolhidos pelos jornalistas estagiários.

Na sequência de uma visita ao site noticioso *JPN*, surgiu a ideia de fazer uma reportagem sobre a instituição “Coração da Cidade”, que no Natal de 2012 ia ter um serviço pioneiro: consoada de Natal em regime *take away*. Depois de transmitida a ideia da potencial reportagem ao jornalista Álvaro Vieira, foi dada luz verde aos jornalistas estagiários para avançarem com o trabalho, até porque é hábito do diário elaborar uma reportagem especial ligada ao Natal. Antes de se partir para o local em reportagem, é preciso fazer contactos e inteirar-se da instituição e situação em causa. Aqui, as redes sociais, nomeadamente o *Facebook*, revelou-se uma ferramenta de boa utilidade: permitiu chegar diretamente à presidente da associação, La Salete Piedade, que então deu o seu contacto pessoal e marcou uma hora para uma visita à “Coração da Cidade”. Já no local, a 20 de dezembro de 2012, que foi apresentado por Armando Carvalho, diretor do corpo dos voluntários da associação, passou-se assim a perceber melhor como funcionava a instituição, o que era o serviço natalício de *take away* e a quem se destinava. A reportagem foi publicada<sup>87</sup> na versão impressa no dia 24 de dezembro de 2012.

O primeiro (e único) trabalho assinado que não foi inserido na editoria Local Porto foi uma reportagem proposta aos jornalistas estagiários pelo diretor adjunto demissionário Manuel Carvalho. O trabalho consistia em fazer a cobertura de uma reunião de leitores de jornais que têm o hábito de enviar cartas para o correio do leitor dos periódicos nacionais, na Casa da Música. No local, encontravam-se leitores de vários pontos do país, que enviam cartas para diários como o *Público*, *Jornal de Notícias* e *Diário de Notícias*.

---

<sup>86</sup> Ver anexo 11 – Iluminações de Natal das ruas do Porto – na página 6 dos Anexos

<sup>87</sup> Ver anexo 13 – Serviço *take away* de Natal no “Coração da Cidade” – na página 8 dos Anexos

Estes leitores planeavam organizar e juntar todas as cartas enviadas por eles de forma a publicar uma coletânea do correio dos leitores. O convite à presença dos jornalistas foi feito também às publicações referidas, mas só o *Público* se fez representar. Já de regresso à redação, por volta das 18h, ainda não havia certeza de onde seria publicada a peça. Os jornalistas estagiários explicaram o teor e propósito da reunião ao editor Álvaro Vieira, que decidiu que não se tratava de matéria para o Local Porto. Assim, o jornalista Manuel Carvalho definiu que a peça iria sair na editoria Portugal, e seria publicada<sup>88</sup> já no dia seguinte.

Ao longo do período do estágio realizado no jornal, foram publicadas 94 peças jornalísticas, apenas 66 foram assinadas, uma vez que os destaques de cultura e as breves são textos publicados sem assinatura do autor. Houve peças para o *P3* que ficaram a publicar por questões de paginação, onde se optou por as deixar de fora devido a surgirem outros trabalhos de mais interesse, houve uma peça que não foi concluída porque as fontes não se mostraram com vontade de colaborar, e existiu um projeto<sup>89</sup> que foi concluído por outro jornalista, por nesse dia o jornalista estagiário não ter podido ficar além do horário de expediente, e existir alguma falta de rigor nos dados retirados.

Poderiam ter sido produzidos e publicados mais trabalhos jornalísticos, mas percebe-se que tal não tenha acontecido uma vez que o espaço reservado à secção Local Porto é exíguo por si mesmo (duas páginas, geralmente com meia página para publicidade) e, para além disso, existem três jornalistas na editoria Local Porto e outros correspondentes, que têm de dividir o seu trabalho por geralmente dois jornalistas estagiários. Assim, é compreensível que o jornalista estagiário tenha pouca oportunidade de escrever para a edição impressa e que, quando o faça, nem sempre possa usufruir de espaços mais alargados nas páginas do diário.

O estágio no jornal *Público* serviu para perceber como funciona um periódico de referência, e qual deve ser a postura de jornalista numa publicação deste tipo, não só dentro, mas também fora da redação.

Ao fim de alguns dias, deu para perceber que cada jornal tem o seu modo próprio de operar, e que algumas rotinas só se ganham com o tempo e com a experiência, como

---

<sup>88</sup> Ver anexo 14 – Reunião de leitores de jornais na Casa da Música – na página 9 dos Anexos

<sup>89</sup> Ver anexo 14 – Plenário dos trabalhadores da SMAS do Porto – na página 9 dos Anexos

é o caso da aproximação às fontes e do cultivo de contactos não só entre colegas, mas entre várias entidades úteis ao trabalho jornalístico.

Não existem duas notícias iguais. Isto é, em jornalismo, o mesmo trabalho pode ser dado a inúmeros jornalistas, e o resultado nunca será igual. Apesar de todas as regras subjacentes ao jornalismo e ao *Público* em especial, não é possível o total afastamento do cunho pessoal do autor de cada texto.

No jornalismo, uma das certezas universais é a incerteza. O que significa que o trabalho do jornalista nem sempre é rotineiro, nem sempre pode ser agendado meticulosamente. Um jornalista deve estar preparado para o inesperado e para trabalhar sob pressão. No *Público* houve algumas situações que exigiram uma partida para o local repentina. Nesses casos, foi importante redobrar as atenções no local, e fazer mais perguntas aos envolvidos. Outro passo importante a tomar nesses casos é haver um estudo do assunto após a chegada a redação, confrontando o contexto da situação em questão e o que já foi dito, com o que foi comunicado no local. Quando a saída da redação não é tão súbita e abrupta, o jornalista deve-se inteirar da situação e abordá-la com atenção, para chegar ao local mais preparado e seguro, partindo sem preconceitos para a reportagem e sem fazer deduções.

Cada texto escrito deve sempre ser alvo de uma abordagem rigorosa e completa, com frases curtas, concisas e incisivas. No *Público*, particularmente no caso das notícias referentes a ocorrências de última hora, o ataque à notícia deve ser feito da forma mais direta possível, hierarquizando o texto pela relevância da informação veiculada em cada frase.

Em relação às fontes, como já foi referido, há fontes que só se conquistam com o tempo, após a aquisição de uma confiança mútua, e não é por acaso que por vezes, alguns jornalistas são contratados devido à sua carteira de contactos. Em três meses é difícil estabelecer esse tipo de relacionamento com as fontes. No entanto, quando se fala com uma fonte, seja por telefone ou pessoalmente (especialmente neste último caso), o retido da experiência no periódico foi de que não se deve esperar que a fonte dê a informação toda. É preciso perguntar, sem hesitar ou temer, tudo quanto possível, de modo a recolher o maior número de pormenores sobre uma dada situação para elaborar um texto mais completo e dinâmico. Um jornalista deve sempre assumir uma postura de curioso, não se inibindo e tentando sempre saber mais, em primeiro lugar.

O estágio deve ser sempre encarado com seriedade, mas também entendido como um período de aprendizagem. E erros ocorrem durante a aprendizagem. No *Público* os erros foram sempre apontados a tempo, e explicados ao jornalista estagiário por um jornalista experiente.

A escrita, tal como a pesquisa, deve ser cuidada e rigorosa. Ao escrever, o jornalista deve ter a preocupação de ser claro para qualquer tipo de leitor, mas não deixar de parte o rigor e a consistência. Os textos devem ser diretos, mas não “secos”, apelando à leitura.

A internet é uma excelente ferramenta, não só para a pesquisa de informações e consulta de notícias/reportagens/entrevistas quer da atualidade quer de tempos passados, mas também para um contacto direto e melhorado com as fontes. Todavia, esta pesquisa não deve ser feita de ânimo leve; deve ser filtrada e cuidada, porque nem tudo o que circula na internet é informação válida.

No jornal *Público*, a pro atividade e espontaneidade são atitudes muito valorizadas no âmbito do estágio. A reportagem de Natal já citada sobre a instituição “Coração da Cidade” e uma reportagem sobre a construção de uma réplica da torre gigante de chocolate da Torre dos Clérigos, nas celebrações dos 250 anos, proposta ao orientador Álvaro Vieira no segundo dia de estágio, publicada<sup>90</sup> online a 12 de dezembro, foram trabalhos que resultaram de uma postura pro ativa. É importante a aprendizagem e a fomentação de rotinas, porém é preciso saber ir além desses horizontes e ir à procura de histórias que possam ser contadas através do meio jornalístico, fugindo assim, por vezes, ao que pode ser mais vulgar e banal.

A revisão dos trabalhos elaborados ao longo do estágio cabia ao jornalista e orientador Álvaro Vieira, e ao jornalista Abel Coentrão, na ausência do primeiro. A edição dos textos antes da sua publicação permita um contacto mais próximo direta entre os estagiários e os jornalistas, sendo assim um dos meios de maior aprendizagem. Os textos eram corrigidos pelos jornalistas sempre na presença dos autores. As correções não eram assertivas, eram mais sugestivas e estavam sempre abertas a comentários e propostas dos jornalistas estagiários. No debate que decorria da edição das peças jornalísticas, eram dadas dicas para a construção do texto e da escrita, o que também acontecia, por vezes,

---

<sup>90</sup> Ver notícia publicada em <http://www.publico.pt/local/noticia/chocolate-tera-presenca-de-peso-na-comemoracao-dos-250-anos-da-torre-dos-clerigos-1577056>

nos momentos antes de se sair em reportagem para o local, ou quando era entregue uma tarefa: o editor explicava o que se pretendia extrair de lá. Em caso de dúvida, ou da necessidade de alguma informação mais difícil de obter por estagiários, os jornalistas estavam sempre disponíveis para auxiliar na tarefa. Os textos, consoante o jornalista presente ou o local do jornal, eram revistos por diversos jornalistas. A edição das peças não era então sempre feita da mesma forma, variando conforme a personalidade de quem estava a corrigir. Alguns textos eram mais alterados do que outros.

Sintetizando, o estágio num jornal do calibre do *Público* foi uma experiência trabalhosa, mas enriquecedora e gratificante, de onde se retiram mais memórias e aprendizagens positivas do que negativas.

## **VII. Reflexão**

Um estágio é um período em que se desenvolvem atividades reais no âmbito do mercado trabalho e do mundo profissional. Apesar de exercício da profissão de jornalista em Portugal não requerer um diploma de um curso técnico ou de ensino superior, é fundamental e pertinente que os jornalistas que agora ingressem num órgão de comunicação social já cheguem à redação com uma formação académica completa e rigorosa não só na componente prática mas também na teórica. Ainda mais crucial isto é quando se trata de trabalhar numa publicação de referência.

É inevitável que as primeiras semanas de um estágio sejam alvo de um período de adaptação. E a experiência no *Público* não foi exceção. Nos primeiros dias no jornal havia alguma hesitação por se tratar de uma nova realidade, num local novo e com pessoas ainda por conhecer. Era também necessário aplicar na prática competências e conhecimentos adquiridos não só no meio académico, como também rotinas já praticadas em anteriores trabalhos no mundo do jornalismo. Como cada periódico tem a sua rotina e forma de trabalhar, houve todo um processo inicial de adaptação ao *modus operandi* do diário e das pessoas que lá trabalhavam. Outro aspeto de referência imprescindível é perceção da postura e missão de um jornalista. Na profissão do jornalista não existem horários nem rotinas muito fixas. Apenas o inesperado deve ser o expectável por parte do jornalista. E como não se pode informar sem primeiro se estar informado, o jornalista deve ser também um ávido leitor e conhecedor de todas as temáticas, da atualidade e também do passado. É preciso estar-se preparado para tudo, a qualquer altura.

Em 2012, os media nacionais mostraram-se muito afetados pela crise, e o *Público* não fugiu a essa realidade. Não é fácil manter um diário de referência depois dos golpes que o diário sofreu com o despedimento coletivo, e não se pode negar que a partir daí o jornal viveu talvez aquele que foi um dos períodos mais complicados da sua história. Contudo, a publicação debateu-se para continuar a corresponder às necessidades dos seus leitores, e a verdade é que o diário mostrou ainda estar à altura de ser um jornal de referência.

Com o panorama atual dos media portugueses, não é fácil para um jornalista saído da universidade e em princípio de carreira ingressar num órgão de comunicação de difusão nacional, e também numa publicação de qualidade. Deste modo, o estágio no *Público* serviu para dar oportunidade a uma experiência que, de outra forma, talvez não tivesse sido dada por ser um pouco remota.

É preciso estar-se ciente das dificuldades sem se deixar vencer por elas. Se o jornalismo atravessa uma crise, o jornalismo de referência não lhe escapa, até porque não é o tipo de jornalismo que mais se vende e circula. Porém, talvez seja a imprensa de qualidade aquela que melhor pode elucidar os leitores acerca do que os rodeia e do que está para vir.

Não poderia haver uma melhor escolha para o local para o estágio e, para estudo, e para a posterior elaboração de relatório.

## **VIII. Referências bibliográficas**

### **Livros**

Amado Suárez, Adriana. (2007) *Por Qué Hablar de Calidad Periodística* in Amado Suárez, Adriana, [org.] *Periodismo de calidad: debates y desafíos*. Buenos Aires: La Crujía. Pp. 25

Correia, Fernando. (2006). *Jornalismo, Grupos Económicos e Democracia*. Lisboa: Editorial Caminho



Sousa, Jorge Pedro. *Ética Jornalística como Sinónimo de Jornalismo de Qualidade* in Faustino, Paulo [org]. (2007). *Ética e Responsabilidade Social dos Media*. Lisboa: Formal Press. pp 77-99

Faustino, Paulo. (2006). *A Imprensa em Portugal: transformações e tendências*. Lisboa: Media XXI

Guyot, Carlos (2007). *Calidad Editorial: Últimas Noticias Desde La Redacción*. In Amado Suárez, Adriana, [org.] *Periodismo de calidad: debates y desafíos*. Buenos Aires: La Crujía. pp. 70-73

Knight, Alan (2012). *Quality journalism and the demise of newspapers*. Consultado em 6 de maio de 2013. Disponível em <http://alanknight.wordpress.com/2012/08/11/quality-journalism-and-the-demise-of-newspapers/>

Lacunza, Sebastián (2007). *Ética Y Calidade: ¿Pueden ir de la Mano?*. In Amado Suárez, Adriana, [org.] *Periodismo de calidad: debates y desafíos*. Buenos Aires: La Crujía. pp. 202

López, Marta Otero (2004). *Marcas, Calidade. Censura no Xornalismo de Referencia No Escenario Dixital*. in Sousa, Jorge Pedro [org.] *Jornalismo de Referência*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. pp.490

López, Xosé (2004). *O Xornalismo en Profundidade: Das Rutinas Diarias à Indagación. Práticas, Proxectos e Obxectivos*. in Sousa, Jorge Pedro [org.] *Jornalismo de Referência*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. pp. 440

Machuco Rosa, António (2008). *A Comunicação e o Fim das Instituições: Das Origens da Imprensa aos Novos Media*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas

Marques de Melo, José (2004). *Jornalismo de Referência no Brasil*. in Sousa, Jorge Pedro [org.] *Jornalismo de Referência*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. pp. 13

Martín, Mateos; Coelho, Pablos (2007). *Por Qué Hablar de Calidad Periodística*. In Amado Suárez, Adriana, [org.] *Periodismo de calidad: debates y desafíos*. Buenos Aires: La Crujía. pp. 33

Mata, Maria José. (2002). *A Autocrítica no Jornalismo*. Coimbra: Minerva

Merrill, John C. (1968). *The Elite Press: Great Newspapers of the World*. Londres: Pitman Publishing Corporation

Pinto, Manuel; Marinho, Sandra (2004). *A Qualidade em Jornalismo: Problematização e Operacionalização do Conceito*. in Sousa, Jorge Pedro [org.] *Jornalismo de Referência*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. pp. 571

*Qualidade*. in Faustino, Paulo, org.. *Ética e Responsabilidade Social dos Media*. Lisboa: Media XXI

Restrepo, Darío Javier (2007). Prefácio. In Amado Suárez, Adriana, [org.] *Periodismo de calidad: debates y desafíos*. Buenos Aires: Ja Crujía. Pp 9

Sousa, Jorge Pedro (2005). *Elementos de Jornalismo Impresso*. Florianópolis: Letras Contemporâneas

Sousa, Jorge Pedro (2007). *Ética Jornalística como sinónimo de Jornalismo de*

Sousa, Jorge Pedro [org.] (2004). *Jornalismo de Referência*. *Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos/II Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa

Traquina, Nélon (2002). *O que é o Jornalismo?*. Lisboa: Quimera

### **Artigos académicos**

Azevedo, Rui Miguel Pinto (2010). Relatório Final. Consultado a 15 de março de 2013. Disponível em <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/55878/2/TESEMESRUIAZEVEDO000127302.pdf>

Fidalgo, Joaquim (2006). *O Lugar da Ética e da Auto-Regulação na Identidade Profissional dos Jornalistas*. Consultado a 2 de maio de 2013. Disponível em

[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6011/3/JFIDALGO\\_2006\\_Tese\\_Do\\_utoramento.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6011/3/JFIDALGO_2006_Tese_Do_utoramento.pdf)

Meijer, Irene Costera (2002). *How to surpass the dichotomy in 'quality' journalism and 'popular' journalism? Improving the quality of professional news talk*. Consultado a 16 de maio de 2013. Disponível em <http://ripeat.org/wpcontent/uploads/2010/03/meijer.pdf>

Merrill, John C. (1969). *Quality" Daily Journalism: an Analytical Discussion*. International Communication Gazette. Sage Publications. Consultado a 19 de março de 2013. Disponível em <http://gaz.sagepub.com/content/15/1/51.citation>

Reyna, Ingácio Rodriguez (2006). *Prólogo*. In *Red Periodismo de Calidad: Propuesta de indicadores para un periodismo de calidad*. México: Universidad Iberoamericana: 1ª edição. Consultado em 6 de maio de 2013. Disponível em [http://alianzaregional.net/site/images/pdf/estudios/periodismo\\_calidad\\_mexico.pdf](http://alianzaregional.net/site/images/pdf/estudios/periodismo_calidad_mexico.pdf)

Sánchez-Tabernero, Alfonso (1997). *Reflexiones sobre gestión de la calidad en empresas de comunicación*. Consultado em 6 de maio de 2013. Disponível em [http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CDMQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.unav.es%2Ffcom%2Fcomunicacionysociedad%2Fdescarga\\_doc.php%3Fart\\_id%3D159&ei=vbeHUeyMIfK07QacjYDABg&usg=AFQjCNGHIVXYxxaxHRgLYUAR81mdrq4HCA&sig2=XxUrPoTTI2vXX8TSw\\_u9Vw&bvm=bv.45960087,d.ZGU](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CDMQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.unav.es%2Ffcom%2Fcomunicacionysociedad%2Fdescarga_doc.php%3Fart_id%3D159&ei=vbeHUeyMIfK07QacjYDABg&usg=AFQjCNGHIVXYxxaxHRgLYUAR81mdrq4HCA&sig2=XxUrPoTTI2vXX8TSw_u9Vw&bvm=bv.45960087,d.ZGU)

Sánchez-Tabernero, Alfonso (2012). *Periodismo en la era digital ¿oportunidad o amenaza?* Revista cultural e de questões atuais da Universidade de Navarra, 676, 4. Consultado em 7 de maio de 2013. Disponível em [www.unav.es/nuestrotiempo/themed/nuestrotiempo/files/docs/246/092/3645\\_mesa\\_red\\_onda\\_web.pdf](http://www.unav.es/nuestrotiempo/themed/nuestrotiempo/files/docs/246/092/3645_mesa_red_onda_web.pdf)

Serrano, Estrela (2005). Para um Estudo do Jornalismo em Portugal (1976-2001): Padrões jornalísticos na cobertura de eleições presidenciais. Consultado a 7 de abril de 2013. Disponível em <http://repositorioiul.iscte.pt/bitstream/10071/623/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20doutoramento.pdf>

Sousa, Jorge Pedro. (2008). *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Consultado a 12 de abril de 2013. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>

Vital, Juan Humberto (2006). *Introducion*. In Red Periodismo de Calidad: *Propuesta de indicadores para un periodismo de calidad*. México: Universidad Iberoamericana: 1ª edição. Consultado em 6 de maio de 2013. Disponível em [http://alianzaregional.net/site/images/pdf/estudios/periodismo\\_calidad\\_mexico.pdf](http://alianzaregional.net/site/images/pdf/estudios/periodismo_calidad_mexico.pdf) pp. 18

### **Recursos online**

Breecher, Eric (s.n.t.). (2012). Media Release: *Is the internet revolution killing quality journalism?* Consultado em 6 de maio de 2013. Disponível em <http://w3.unisa.edu.au/news/2012/270312a.asp>

Direção Editorial (2012). “PÚBLICO com grafismo renovado e José Gil director por um dia” *Público.pt*. 16 de fevereiro. Consultado em 3 de Abril de 2013. Disponível em <http://www.publico.pt/media/noticia/publico-com-grafismo-renovado-e-jose-gil-director-por-um-dia-1534009>

Dodson, Louise (2012). *Quality journalism not dead and buried*. Consultado em 8 de maio de 2013. Disponível em [http://www.afr.com/p/opinion/quality\\_journalism\\_not\\_dead\\_and\\_JwYxCubCfQsPRsK0mrFcmK](http://www.afr.com/p/opinion/quality_journalism_not_dead_and_JwYxCubCfQsPRsK0mrFcmK)

Encyclopedia Britannica (2013). *Die Welt*. Consultado em 8 de maio de 2013. Disponível em <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/639555/Die-Welt>

Encyclopedia Britannica (2013). *Le Monde*. Consultado em 8 de maio de 2013. Disponível em <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/389079/Le-Monde>

Encyclopedia Britannica (2013). *The New York Times*. Consultado em 8 de maio de 2013. Disponível em <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/412546/The-New-York-Times>

Gaylord, Becky (2012). *A reminder: quality journalism matters to us all*. Consultado em 8 de maio de 2013. Disponível em <http://www.gaylordllc.com/a-reminder-quality-journalism-matters-to-us-all/>

Livro de Estilo do Público (2009). Consultado em 10 de maio de 2013. Disponível em [http://static.publico.pt/nos/livro\\_estilo/](http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/)

Mary, Bellis (2013). *Timeline of the Newspaper Industry: From the Acta Diurna to the Digital Processes*. Consultado a 12 de abril de 2013. Disponível em [http://inventors.about.com/od/pstartinventions/a/printing\\_4.htm](http://inventors.about.com/od/pstartinventions/a/printing_4.htm)

Meyer, Philip (2008). *The Elite Newspaper of the Future*. Consultado em 8 de maio de 2013. Disponível em <http://www.ajr.org/Article.asp?id=4605>

Presseurop (2013). *Die Welt*. Consultado em 8 de maio de 2013. Disponível em <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/639555/Die-Welt>

Presseurop (2013). *Le Monde*. Consultado em 8 de maio de 2013. Disponível em <http://www.presseurop.eu/pt/content/source-profile/3621-le-monde>

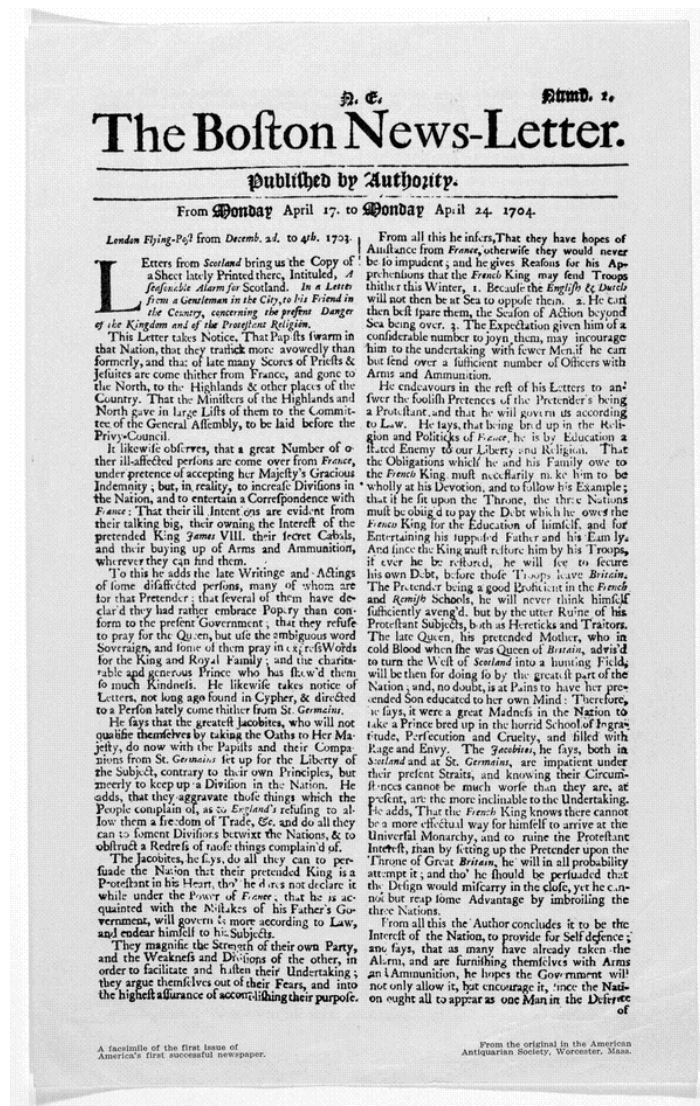
Rádio Renascença (2012). “Greve histórica na Lusa contra cortes de 30%”, 22 de outubro. Consultado em 22 de outubro de 2012. Disponível em [http://rr.sapo.pt/informacao\\_detalhe.aspx?fid=25&did=82151](http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=25&did=82151)

Sulzberger Jr, Arthur (2012). *Futuro do jornalismo é internacional, digital e de qualidade diz presidente do New York Times*, Lusa in publico.pt, 15 de outubro. Consultado em 8 de maio de 2013. Disponível em <http://www.publico.pt/media/noticia/futuro-do-jornalismo-e-internacional-digital-e-de-qualidade-diz-editor-do-new-york-times-1567519>

## Anexos



Anexo 1 - Ata diurna romana



Anexo 2 – Boston News-Letter

Wednesday, March 22. 1702.

On Wednesday last, our New Yorker, the Duke of Edinburgh, arrived here with a Squadron of the Gallies of Scotland. He made his entrance with a flourish of music, and so gave us the greater hopes of the King's coming hither, went to Lodge in one of the Irish Palaces, leaving the Royal one to his Majesty. The Marquis of Ganges is also arrived here with a Regiment of French.

Spain, Feb. 25. In a Military Congregation of Spain that was held there, it was resolved to draw a line from Madrid to the borders of the North Atlantic Ocean, thereby to divide the possessions of the Transatlantic Empire. Orders are sent to Captain Vespucio with orders to the Galley, and to strengthen the Garrison of these Places. Alonzo Caliz is made Governor of Pretopia. The Marquis del Valle, and the Prince de Capina command all in the Imperial Embassadors Palace, while his Excellency has a Guard of 10 Men every Night in Arms. The King of Portugal has dated the North Atlantic of Lisbon, caused by the Death of Cardinal Ximenes, for the Infante his Second Son, who is about 22 Years old.

Strom, Miss. A. Order to Intervene & Reorganize of From, the 2 of Civilization, and to that of the 20th, which are from up from Hungary, and are on the way to Italy, and which could of about 25 or 15000 Hungarians, they think should have an expedition. The 4 new Reorganize of Hungary that are now sailing, are in 2 parts, 1 forwarder, that they will be complete, and 1 Condition to much by the middle of May. Prince Berni of Baden has written to Genl. to furnish himself with coming duties, his Presence being in very necessary, and in much detail on the Hungarian.

[illegible]

Editor, May 12. The French have again de-  
cided to hang, who was Secretary to the Duke de  
Mian, out of our Castle, where he has been for three  
days a prisoner, and have delivered him to the Pow-  
ers of Blackburg, who has carried him from hence.  
We are no longer in danger.

Paris, Sept. 13. Our Letters from Italy say, That  
most of our Reinforcements were Landed there;  
that the Imperial and Ecclesiastical Troops form a  
very great army, and are now quartered in the Country  
of Parma, and that the Duke of Modena, is in

From the American Congress, Dated Mar. 28.

April, Feb. 25. We are taking over all public functions for the Secretary of the Educational League in this province. Consequently, and have decided to make you Hon. in the Committee of Secretaries. The Pope has appointed the Duke of Brunswick to be his Lieutenant-General, and he is a Colonel-General. He is the son of the Duke of Mecklenburg. He has been in the army for a number of years.

From the Paris Gazette, December 18, 1792.

Naples, Feb. 17. 600 French soldiers are arrived here, and are expected to be followed by 3,000 more. A Consul then came hither on the 14th has brought letters by which we are assured that the King of Spain designs to be here towards the end of March; and accordingly Orders are given to make the necessary preparations against his arrival. The two Vessels of War that your Government has ordered to be sent here, will be in Naples within a Month of Spanish Vessels, and will enter the Port of Palermo.

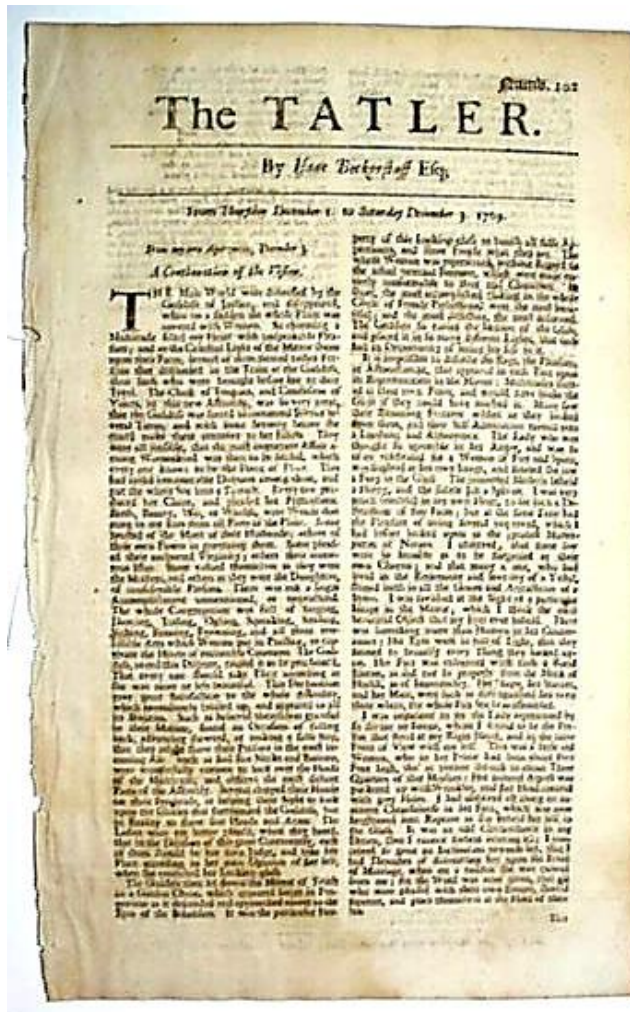
From Month 18. We have letters from Tucson of the 16th instant, that the Woodhouse long dead from the 18th, 19000 Miles only about 1000 Miles, that 1500 more were killed and that by the 15th it was hoped they might all be killed. The Green of Illinois and the State of the Third and, and for all hands to work in the the Squadron of a New of War and some forces, that are supposed to carry the King of Spain to Naples. His Catholic Majesty will go on board the Squadron, of the 18th.

We have Advice by an Expert from Rome of the 15th of February. That notwithstanding the peevish influence of the Imperial Ambassador, the Pope had Command'd the Marquis del Vasto to tell his Head and his Efface to be constituted, for our appointing an Ambassador the Church against him of Publicly disfigure Cardinal Lodovico.

[illegible]

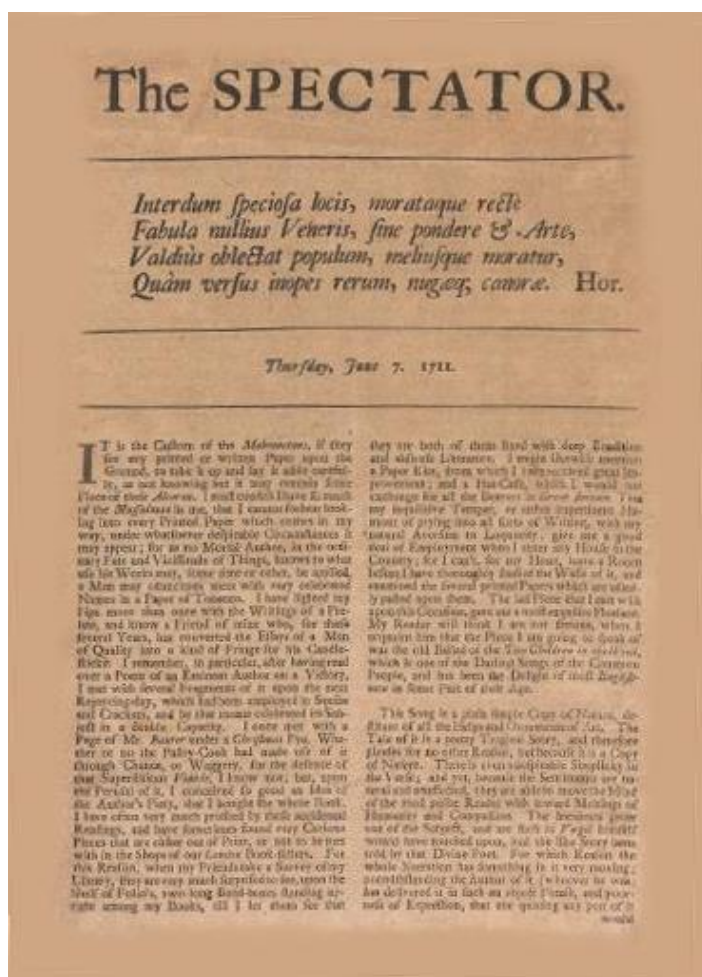
This Contract for the Title Insurance is subject to the





Anexo 4 – The Tatler





Anexo 5 – The Spectator



Anexo 6 - Gráfico da APCT da tiragem e circulação do Público em 2012

# PÚBLICO

Anexo 7 - Primeiro logótipo do *Público*



Anexo 8 - Logótipo atual do *Público*



Anexo 9 - Logótipo vencedor 20 anos



Anexo 10 – Tiragem e circulação do *Público* no primeiro bimestre de 2013



Na Praça de Carlos Alberto só ontem começaram a ser montadas as estruturas para as luzes de Natal

## Iluminação de Natal nas ruas do Porto só deve funcionar em pleno a partir de hoje

**Comércio**  
**Patrícia Carvalho**

**Ontem ainda se montava a iluminação em várias ruas da cidade. Associação de Comerciantes promete que tudo fica pronto até hoje**

O arranque da iluminação de Natal nas ruas do Porto estava marcado para a passada sexta-feira, dia 7 de Dezembro, nas 25 artérias escolhidas pela Câmara do Porto e pela Associação de Comerciantes do Porto (ACP) para receber as luzes brancas e douradas. Mas, ontem, ainda se montavam as iluminações em alguns locais no centro da cidade, e noutras zonas, não havia, de manhã, sinal de que as luzes natalícias estivessem para chegar. O líder da ACP garante que tudo ficará a funcionar durante o dia de hoje.

“Houve uma derrapagem nos prazos, por uma questão logística e por causa do trânsito, que foi um adversário grande para as montagens”, admite Nuno Camilo, presidente da ACP. A iluminação de Natal foi uma aposta forte do programa das festas deste ano, com um reforço da verba na ordem dos 20%. Em 2012, 100 mil euros só chegaram para iluminar sete ruas, mas, este ano, com 120 mil euros, o município

e a ACP propuseram-se iluminar 25. Só que o processo não correu como pretendido.

No sábado, a Rua de 31 de Janeiro ainda não tinha luzes a funcionar. “Houve uma falha no sistema, que se detectou e foi resolvida”, explica Nuno Camilo. Ontem, pela manhã, ainda se montavam as iluminações na Rua da Cedofeita, enquanto na Praça de Carlos Alberto não havia vestígios de iluminação. O mesmo acontecia nas ruas do Heroísmo, Costa Cabral e Antero de Quental e na Praça do Marquês. Mas Nuno Camilo garantiu ao PÚBLICO que os trabalhos iriam avançar ainda durante a tarde de ontem, estendendo-se, na manhã de hoje, à zona da Boavista. “Houve um atraso de dois ou três dias, mas até vamos iluminar mais ruas do que as que estavam previstas, como a do Freixo e a de Júlio Dinis.”

### **Ligação às 17h30**

Entre os comerciantes, a maioria dos que foram ouvidos pelo PÚBLICO reconhece a importância das iluminações para animar as ruas e atrair clientes e lamenta os atrasos. Na Rua 31 de Janeiro, a funcionária de uma loja de música ainda se lembra de quando as iluminações “estavam prontas quase desde Outubro”. Uma memória partilhada por Maria Otilia, da Casa das Luvas, em Santa Catarina, que lamenta:

“Há menos iluminação e é ligada cada vez mais tarde”.

Na Rua dos Clérigos (onde, a par com as Carmelitas, as luzes só foram ligadas na noite de segunda-feira, pelas 19h45, segundo Camilo) a funcionária de uma loja de *souvenirs* nem se tinha apercebido que a iluminação estava a funcionar e ironizava: “Devem acender na véspera [de Natal]”. Já em Costa Cabral, a proprietária de uma sapataria já tinha telefonado para a Câmara do Porto, para tentar perceber por que motivo a iluminação prometida não tinha ainda chegado ali. “Disseram-me que seria para breve, falta é saber se será antes ou depois do Natal”, brinca.

Nuno Camilo admite que “gostaria que estivesse já tudo a funcionar”, mas desvaloriza o atraso, salientando que a ACP “fez um grande esforço” e que, nos locais onde a iluminação já funciona, a satisfação é plena. “O *feedback* que temos tido é muito bom, muito grande, e está a superar as nossas expectativas”.

Aquando da apresentação do programa das festas de Natal na cidade, a ACP e a Câmara do Porto explicaram que a iluminação iria permanecer ligada entre as 18h e as 24h, entre 7 de Dezembro e 7 de Janeiro. Nuno Camilo garante agora que as luzes, que estão a funcionar, estão a ser ligadas às 17h30. **com João Ribeiro e Ana Duarte**



# No Coração da Cidade a ceia mantém-se fiel ao bacalhau, mas é *take away*

Instituição de solidariedade do Porto iniciou há um mês o projecto que visa fornecer, a preço simbólico, refeições em regime de *take away* às famílias carenciadas. Hoje há bacalhau e doces de Natal

**Solidariedade**  
Ana Duarte e João Ribeiro

Na Coração da Cidade, o Natal é sempre um período especial. Este ano, será ainda mais diferente: o Natal de 2012 da Coração da Cidade é *take away*. Pela primeira vez, a noite de consoada, nesta instituição particular de solidariedade social do Porto não terá uma longa mesa para acolher quem não tem meios para fazer uma refeição à altura da data. Mas, mesmo sem mesa, não deixará de proporcionar a ceia a quem dela precisa. Vai é embalada, para fora, em condições de reconfortar estômagos e aquecer corações.

Não há-de ser por isso, portanto, que os voluntários que costumam encher a casa do n.º 906 da Rua de Antero de Quental vão ficar este ano sem nada para fazer. "Desde um piloto da TAP que vem sempre cá passar a noite e segue, já de madrugada, para o trabalho, a famílias que vêm do Algarve de propósito, há muita gente a ajudar nos preparativos da ceia de Natal", afirma o director do corpo de voluntários, Armando Carvalho.

Este ano, os amigos da casa vão ajudar a preparar a tal ceia *take away* que os mais necessitados virão buscar para levar para casa, mas quem quiser também pode ajudar numa modalidade diferente. Pode "apadrinhar" uma família, que precisa apenas de um bolo-rei, de rabanadas ou aletria, por exemplo, e oferecer-lhe esses doces, confeccionando-os ou comprando-os, para compor outra mesa da noite de consoada. "As pessoas ainda são solidárias", sorri Armando Carvalho.

Na Coração da Cidade a organização do espaço sugere uma cantina, que não é. A meio da tarde, uma dezena de funcionárias selecciona a comida que será servida ao jantar. Na cozinha, outras seis pessoas começam a cozinhar o jantar, em panelas enormes, de dimensões quase industriais. Está tudo bem encaminhado, para que, a partir das 17h30, fiquem prontas as primeiras refeições de *take away*.

Serão entregues a famílias carenciadas que pagam, por elas,



A Coração da Cidade foi fundada em 1996 e conta actualmente com duzentos voluntários

um preço simbólico, em média 60 centimos. "Funciona tudo de forma organizada", aponta Armando Carvalho com orgulho. Os "clientes" andam de sector em sector da "cantina", onde vão enchendo os recipientes que levarão para casa. O *menu* de Natal mantém-se fiel ao bacalhau e à doçaria da época.

Até Novembro, a instituição servia nas suas instalações cerca de 700 refeições por dia aos sem-abrigo com cerca de 700 refeições diárias. De lá para cá, o serviço à mesa foi substituído pelo *take away*, a pensar numa "clientela" diferente. "Já são muitas as instituições que se ocupam dos sem-abrigo, mas poucas oferecem ajuda às famílias carenciadas", que são cada vez mais, justifica Armando Carvalho. As senhas para o *take away* são levantadas na véspera, por quem se tiver inscrito fazendo prova da situação

de carência. Uma senha individual custa 1 euro; para duas pessoas custa dois euros; e, a partir daqui, pagam-se mais 50 centimos por cada elemento do agregado familiar. As 150 senhas vendidas por dia correspondem a 450 refeições, cujo preço médio são os tais 60 centimos.

"O projecto está a ser um sucesso do ponto de vista social, financeiramente é que continua a ser um problema", resume o mesmo dirigente. A Coração sobrevive graças à ajuda de grandes superfícies comerciais, que lhe oferecem alimentos, às dadas de outras empresas e cidadãos e a pedidos pontuais. "O Estado e a Segurança Social não dão um centimo. A Segurança Social ainda telefona a pedir que a ajudemos", conta Armando Carvalho.

Fundada em 1996, a Coração da Cidade conta actualmente com

duzentos voluntários. Também tem um "supermercado", onde os produtos são racionados, mas gratuitos, para os utentes inscritos.

## Ajuda para quem ajuda

A Coração da Cidade tem uma política clara: ajuda quem precisa e se dispõe a ajudar quem está nas mesmas circunstâncias. Por exemplo, por cada família que recorre ao "supermercado solidário", pede a um elemento, que tenha tempo e saúde, que dê à instituição oito horas de trabalho voluntário por semana. Nisto se traduz o projecto Vidas Em Risco (VER), através do qual algumas pessoas até acabaram por estabelecer uma colaboração mais intensa com a instituição.

Foi o caso de Ester Vieira, operadora de caixa do supermercado social, que está desde há seis anos na instituição,

onde trabalha oito horas por dia, e não por semana. "O meu marido também faz parte do VER. Tenho três filhos, o mais velho de 25 anos, e já nem me lembro da última vez que fiz compras", conta. Tirou um curso profissional e estagiou na Coração da Cidade, mas não conseguiu arranjar emprego. Por aqui ficou. "Gosto do que faço, há bom ambiente". Mas o objectivo é "dar a cana e ensinar a pescar" quem precisa. "É o mais difícil, e mais importante, é a recuperação da auto-estima", comenta Armando Carvalho.

Susana Patrícia também já está na Coração da Cidade há três anos, onde faz a reposição dos produtos do supermercado. Tem quatro filhos pequenos e está desempregada. Em troca das oito horas de trabalho por dia, recebe alimentação, vestuário e mobilidade. "O VER ajuda-me mesmo muito", sorri.



Reunião de sexta-feira no bar da Casa da Música

## “Os leitores devem ter mais vez e mais voz” nos jornais

### Media

Ana Duarte e João Ribeiro

**Grupo de pessoas que escrevem cartas para os vários órgãos de comunicação projecta lançar colectânea**

O que os move é o gosto pela escrita. Na sexta-feira, quem entrasse no bar de Artistas da Casa da Música, no Porto, deparar-se-ia com uma mesa ocupada por oito pessoas que, de uma forma animada, discutiam a forma como interagem com os jornais. Maria do Céu Mota, 40 anos, escreve para o correio do leitor dos jornais diários portugueses há vários anos. É a mais jovem do grupo e a mentora do projecto que pretende juntar os mais assíduos e participativos leitores dos jornais. Quase todos reformados, têm em comum a necessidade de se manifestar junto dos jornais, dando a sua opinião como cidadãos activos.

“Deviam ser cartas dos leitores ou correio dos leitores e não cartas à directora”, queixa-se o grupo de uma forma unânime. É a primeira vez que se juntam. A iniciativa partiu de Maria do Céu, que convocou alguns dos mais assíduos leitores que regularmente escrevem opinião no “pequeno” espaço a que têm acesso. Oriundos de vários pontos do país, estes oito leitores/colunistas amadores debateram durante mais de duas horas. Falaram sobre o que os move, sobre a sua experiência, sobre aquilo que pretendem para o seu futuro enquanto autores opinativos. Vítor Colaço Santos, 58 anos, “adepto dos transportes públicos”, apanhou um

autocarro, um comboio e o metro para chegar de Sintra à Casa da Música, perguntando-se por que é que os seus textos “não vêm a luz do dia há dois meses”. Sempre muito efusivo, refere: “As minhas letras são como o meu pão e eu defendo o meu pão com o meu suor e com a minha inspiração”. Entusiasmado, continua explicando que escreve com o objectivo de “actuar como um lobby de pressão junto da direcção” e que escreve porque “amava ser escritor mas não consigo ser escritor”.

Quem os ouvisse não diria que é a primeira vez que estavam juntos. Queixam-se que vêm a sua participação cada vez mais limitada e que o jornal “devia ser feito para os leitores”. Sentem que ao participar no jornal, ajudam a valorizá-lo e que os jornalistas deviam ficar satisfeitos por terem *feedback* em relação ao seu trabalho. Fernando Cardoso Reis, médico pediatra reformado, envia artigos para o PÚBLICO há cerca de seis anos e desabafa que sempre que um artigo seu não era publicado, pensava: “Fernandinho, tu não vales nada”.

O lema do grupo é definido por Vítor Colaço Santos, ao dizer que “os leitores devem ter mais vez e mais voz”. Querem actuar de modo a promover a “intervenção social e cívica”, afirma João Fraga, que veio de São Pedro do Sul. A ideia consiste em lançar um livro, uma colectânea dos melhores textos de alguns destes “cronistas”. Fernando Cardoso Reis é um dos mais cépticos, acha que “o projecto está a correr depressa de mais”. Augusto Küttner Magalhães escreve para os jornais desde 1995 e aplaude a ideia. “É muito interessante e devia ser apoiada pelos jornais”, condui.

# Não haverá acção judicial comum contra caixa dos SMAS

**Águas do Porto**  
Patrícia Carvalho

**Trabalhadores vão solicitar audiências com partidos da oposição e marcar presença na próxima assembleia municipal**

Os trabalhadores das Águas do Porto rejeitaram ontem, em plenário, a proposta do conselho de administração da empresa municipal para se associarem a uma acção judicial que esta pretende intentar contra a direcção da Caixa de Reformas, Pensões e Socorros dos Empregados dos ex-SMAS (Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento do Porto). Em causa está a devolução dos descontos efectuados pelos trabalhadores no activo, que devia ter sido concretizada até 14 de Novembro.

A proposta da administração foi rejeitada por unanimidade, no plenário realizado na sede da empresa e que antecedeu uma vigília, ao final da tarde. Aí, os trabalhadores receberam a visita do vereador da CDU, Pedro Carvalho, e dos deputados municipais Artur Carvalho (CDU) e José Castro (Bloco de Esquerda), a quem transmitiram já a decisão – também tomada em plenário – de pedir reuniões a todos os partidos da oposição no executivo e na assembleia municipal, para discutir o incumprimento da Caixa na devolução das contribuições. Os trabalhadores também irão marcar presença na próxima sessão da Assembleia Municipal do Porto.

No plenário ficou ainda decidido que os 373 trabalhadores irão enviar requerimentos individuais à direcção da Caixa, à administração da Águas do Porto e à câmara, pedindo informações sobre o valor exacto que deverão receber, já que a devolução está sujeita a correcção monetária.





### Música para cordas

#### Quarteto de Cordas de Matosinhos

**Porto. Casa da Música (Sala 2).**

**Às 19h30. Bilhetes a 8 euros.**

Em Ano Itália, Luigi Boccherini (1743-1805) é o compositor em destaque no programa do concerto que o Quarteto de Cordas de Matosinhos realiza ao final da tarde de hoje na Casa da Música. Considerado um dos maiores compositores do seu tempo, e consagrado pelo famoso Minueto de um quinteto de cordas, de Boccherini será interpretado o Quarteto de cordas em Sol menor, op. 32 nº 5. O programa prossegue com a obra de um compositor português contemporâneo do italiano,

Pedro Almeida Mota (1744-1817), Quarteto de Cordas em Ré menor, op 6 nº2, e conclui-se com um Quarteto de cordas de Haydn, numa incursão ao estilo vienense do compositor.

O Quarteto de Cordas de Matosinhos, fundado em 2007 através de um concurso promovido pela autarquia e sob orientação do musicólogo e programador Manuel Dias da Fonseca, é constituído por Vítor Vieira e Juan Maggionari (violinos), Jorge Alves (viola) e Marco Pereira (violoncelo), instrumentistas provenientes da Academia Nacional Superior de Orquestra e com formação completada em escolas de Madrid, Chicago e Sion (Suíça).



### Música do mundo vinda de Roma

**Orchestra di Piazza Vittorio  
Porto. Casa da Música (Sala  
Suggia). Às 21h00. Bilhetes a  
15 euros.**

A Casa da Música encerra hoje o ciclo de abertura do Ano Itália - subordinado ao *slogan Viva Verdi! Viva Berio!* - com um concerto da Orchestra di Piazza Vittorio. Trata-se de uma formação de world music que nasceu em Roma, em 2002, no bairro multi-étnico da Piazza Vittorio, por iniciativa do veterano da pop italiana Mario Tronco. Neste bairro vivem pessoas oriundas de vários pontos do mundo, como a Tunísia, Brasil, Senegal, Índia, Hungria, EUA e América Latina, para além da própria Itália. A esta diversidade étnica corresponde uma heterogeneidade musical e uma grande mistura de som, cores,

vozes e cultura.

Como declarou o baixista Pino Pecorelli, e actual director musical da banda, ao *The New York Times*, "o segredo é que a todos se permite que sejam iguais a si próprios - 16 solistas, um som. Lembro-me que no primeiro concerto eu nem sabia os nomes dos outros músicos ou os nomes de alguns dos seus instrumentos. Sentia-me como num parque de diversões, como se fôssemos crianças com brinquedos novos. Agora todos contribuimos com ideias."

A Orchestra di Piazza Vittorio - que já editou três discos - tornou-se conhecida em todo o mundo em 2006, ao ter sido retratada num documentário realizado por Agostino Ferrente, e que arrecadou 17 prémios em vários festivais de cinema, como o de Locarno, na Suíça, ou o Tribeca Film Festival, em Nova Iorque.



### Orquestra Sinfónica da ESMAE toca Shostakovich

A Orquestra Sinfónica da ESMAE (Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo), dirigida por Raf de Keninck, sobe hoje à noite ao palco do Teatro Helena Sá e Costa para comemorar os 28 anos de existência do Instituto Politécnico do Porto, a que pertence esta instituição de ensino artístico. O maestro belga vai dirigir

um programa integralmente constituído por obras de Dmitri Shostakovich (na foto): os Concertos nº 1 para violino e orquestra em lá m, op.77, e op. 107. No final do concerto - que começa às 21h30, com bilhetes a 4 euros -, serão anunciados os vencedores do Prémio Helena Sá e Costa 2012.



## Exposição



### O arquitecto, o pintor e o curador

***Um espaço sobre outro espaço***  
De Carlos Mensil  
Matosinhos. Silo - Espaço cultural do NorteShopping.  
De 2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> feira, das 12h30 às 20h00; sáb. e dom., das 12h30 às 22h00. Até 31 de Janeiro.  
Entrada gratuita.

O arquitecto Eduardo Souto de Moura, que projectou o Silo - Espaço cultural do NorteShopping, e o curador e professor Paulo Cunha e Silva, vão conversar hoje à noite, às 21h30, sobre arte nesta galeria do centro comercial de Matosinhos. O cenário do encontro é a exposição *Um espaço sobre outro espaço*, que reúne trabalhos de pintura a maior parte deles

realizados expressamente para o Silo por Carlos Mensil, que participará também na conversa. No piso superior, Carlos Mensil expõe pintura a óleo sobre papel e contraplacado; já no piso inferior, poderão ver-se trabalhos a óleo sobre vidro e acrílico, constituindo uma instalação de objectos designada *Vestígios de pintura*.

Sobre as peças em exposição, Carlos Mensil escreve: "A ilusão entre representação e realidade é um ponto importante nesta investigação em pintura. E, por outro lado, também o é a desilusão, isto é, o entendimento do objecto pictórico enquanto tal. Embora antagónicas, são estas características que abrem caminho a muitas interpretações sobre o meu trabalho".

## Concerto



### Música independente vinda de Nova Iorque

**Samara Lubelski**  
**Coimbra. Centro de Artes**  
**Visuais. Hoje. Às 22h00.**  
**Bilhetes a 5 euros.**

A cantora e violinista nova-iorquina Samara Lubelski faz esta noite um concerto em Coimbra, no Centro de Artes Visuais (CAV). Considerada um dos grandes nomes da música independente americana, Samara cresceu no Lower East Side de Nova Iorque, e foi uma dos fundadores dos “ruidosos” Hall Of Fame, fazendo também parte dos Tower Recordings, e alinhando com as formações de Matt Valentine. Actualmente toca com o quarteto Chelsea Light Moving, de Thurston Moore (também com Keith Wood e John Moleney), que acompanhou na estrada, com o seu violino, nas digressões mais recentes. Moore foi também o

editor do penúltimo disco de Samara, *The Future Slip*. Mas o seu último trabalho de longa-duração, que deve ser a base do concerto em Coimbra, é o disco *Wavelength*, que, como os anteriores registos de Samara Lubelski em nome próprio, se distingue - diz o CAV, na apresentação do concerto, “pela sua capacidade em entregar-nos algo de novo pelos mesmos processos e nas várias linguagens que utiliza”. A cantora é, de resto, portadora de “uma presença vocal monotónica, impávida, um trono solene de onde vai operando toda a rica mecânica e harmónica dos instrumentos, arranjados com um requinte exemplar”, acrescenta o comunicado. Depois de passagens por Lisboa e Viseu, Samara actua também amanhã em Guimarães (no café-concerto do Centro Cultural Vila Flor, a partir da meia-noite).



## Ilustração



### Outros Natais

#### Dark Christmas

**Porto. Dama Aflita. De 2ª a Sábado, das 15h às 19h. Até 9/02. Entrada gratuita.**

“Como não há luz sem escuridão”, a galeria de ilustração e desenho Dama Aflita apresenta, na R. da Picaria, no Porto, desde sábado e até 9 de Fevereiro, a exposição colectiva *Dark Christmas*.

São 38 obras de autores portugueses e estrangeiros que retrataram o suposto fim do mundo previsto, pelo calendário maia, para a próxima sexta, dia 21, e a ruptura com o Natal tradicional. Nas ilustrações, predomina o preto (ou não fosse a exposição

denominada *Dark Christmas*), mas não há a total ausência de outras cores.

“Na esperança de que as decorações para este ano possam ir além das grinaldas, azevinhos e pinheiros”, a galeria convidou os seguintes artistas (alguns a expor pela primeira vez em Portugal): Aitor Saraiba (Espanha), Ángel Hernández Tuset (Espanha), Esther Pearl Watson (EUA), Javier R. Rosell (Espanha), Jucifer (Portugal), Júlio Dolbeth (Portugal), Laro Lagosta (Portugal), Laurent Impeduglia (Bélgica), Malark (Reino Unido), Mark Todd (EUA), Rui Vitorino Santos (Portugal), Wasted Rita (Portugal) e Zé Burnay (Portugal).



### Capella Musical Cupertino de Miranda em Braga

A Igreja de São Victor, em Braga, vai ser o primeiro palco em que a Capella Musical Cupertino de Miranda, de Famalicão, vai actuar em 2013. O concerto realiza-se hoje, às 21h30, e conta com um programa preenchido com 15 temas de música sacra de três compositores ibéricos da época do Renascimento: Pedro de Cristo (c. 1550-1618),

Estevão Lopes Morago (c. 1575-c. 1618) e Duarte Lobo (c. 1565-1646). O concerto vai ser dirigido pelo tenor Luís Toscano, e terá as vozes do próprio, ao lado de Eva Braga Simões e Joana Pereira (cantus), Brígida Silva e Gabriela Braga Simões (altus), Pedro Marques (tenor), Pedro Silva e Pedro Lopes (bassus). A entrada é gratuita.





## Ilustrações de Anabela Dias na Casa da Cultura de Coimbra

A exposição *Imagens de contar*, com ilustrações de Anabela Dias (n. Lisboa, 1971), pode ser visitada a partir de hoje na Galeria Pinho Dinis, na Casa Municipal da Cultura de Coimbra, onde ficará patente até 31 de Janeiro. Trata-se de uma selecção de desenhos com que a artista ilustrou 13 livros infanto-juvenis em mais de duas décadas

de actividade. No próximo dia 19, pelas 17h00, realizar-se-á a "inauguração oficial" da exposição, com a presença da ilustradora, no âmbito do Encontro sobre Poesia para a Infância e Juventude, subordinada a tema *Toda a poesia é luminosa*, que decorrerá entre as 10h00 e as 18h00.

## Concerto



**Mónica Ferraz**  
de regresso à casa-partida  
Mónica Ferraz  
Porto. Casa da Música —  
Sala 2. Às 22h.

Cantanhede e Portimão. A Tour 2012 sairá definitivamente da estrada a 8 de Setembro de 2013, em Montemor-o-Novo, sendo o penúltimo concerto da digressão



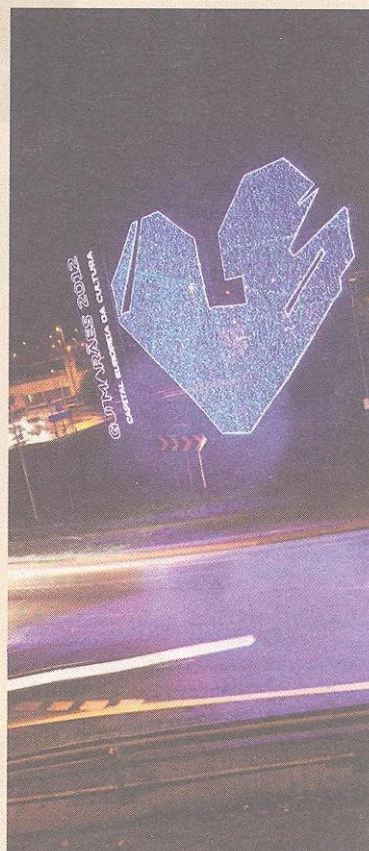
## Capital Europeia da Cultura

**Então Ficamos... a fechar  
Guimarães 2012**

**"Então Ficamos..."**

**Guimarães. Pavilhão Multiusos.  
Às 22h. Bilhetes a cinco euros  
(esgotados).**

"Então Ficamos..." é o espectáculo de encerramento da Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultural. Está marcado para hoje, às 22h, no Pavilhão Multiusos da cidade. O musical comunitário, encenado por António Durães, presta homenagem à cidade-berço e à região minhota, fazendo alusão à etnografia local. O palco vai contar com cerca de 600 pessoas, de 55 freguesias de Guimarães, entre outros artistas. A Orquestra Filarmonia das Beiras, o projecto vocal Outra Voz, Amélia Muge, José Mário Branco, Carlão (ex-Da Weasel), Adolfo Luxúria Canibal com os Mão Morta e Magna Ferreira são alguns dos nomes que passarão pelo palco Pavilhão Multiusos. O espectáculo não vai contar com a habitual presença de apresentadores. Em vez disso, o evento será conduzido por um narrador, para que fiquem mais vinculados o argumento e mensagem que o projecto pretende transmitir à plateia. "Então Ficamos..." não



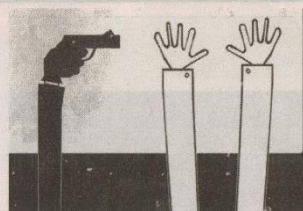
representa o fim de um ciclo, mas uma passagem de testemunho. Guimarães dá a vez a Košice e Marseille-Provence, cidades Capitais Europeias da Cultura 2013.



## Galeria Porto Oriental apresenta exposição colectiva de arte

A Galeria Porto Oriental (na Rua Barros Lima, 851, a Campanhã) tem em exibição uma colectiva de desenho, escultura, pintura, fotografia, joalharia, gravura e serigrafia, até 30 de Janeiro. A exposição apresenta peças, de pequeno e grande formato. São, ao todo, trabalhos de 29 autores, entre os

quais Agostinho Santos, Carlos dos Reis, Luísa Gonçalves, Fernanda Marinho, Manuel Magalhães e Rosário Forjaz. Os trabalhos de pequeno formato encontram-se no 1º andar e os de médio formato no rés-do-chão da galeria, que pode ser visitada de terça-feira a sábado, das 15h às 19h.



## Pistolas, Pilantras e Problemas no Teatro Rivoli

A Porta 27, associação cultural do Porto, apresenta a produção *Pistolas, Pilantras e Problemas*, escrita por Suzanna Rodrigues e encenada por Ricardo Alves (Palmilha Dentada), no pequeno auditório do Teatro Rivoli. A peça versa sobre uma quase pistola, dois pilantras e muitos problemas, com dois actores (Ivo

Luz e Tiago Lourenço) a vestirem várias peles diferentes para tentarem assaltar um banco. *Pistolas, Pilantras e Problemas* chega agora ao Porto, depois de ter passado pela Marinha Grande em Novembro do ano passado, e vai ficar no Rivoli até 27 de Janeiro. Os bilhetes custam cinco euros.



## Festa



### Reviver os anos 60, 70 e 80 Geração Vinil Porto. Palácio da Bolsa. Às 23h. Bilhetes a dez euros.

O Palácio da Bolsa acolhe hoje, às 23h, mais uma tradicional Festa Geração Vinil, que traz o público de volta aos êxitos musicais das décadas de 60, 70 e 80. A animação do evento vai estar a cargo dos DJ Jorge Bessa (Chibanga), José Marques Pinto, Mário Carvalho e Pedro Mexia Alves. Geração Vinil apresenta-se como “uma festa d’época

feita hoje”, cujo intuito é trazer de volta aos dias correntes os melhores anos do discosound, “desde os míticos The Beatles até aos The Pretenders, passando por temas dos The Cure, Blondie, The Rolling Stones, entre tantos outros que garantem a animação até de madrugada”. Entrelaçando êxitos de outros tempos que ainda ecoam no presente, a festa informal pretende unir gerações, e animar os amantes de música nos últimos momentos antes da quadra natalícia.



### Trans Guimarães: cinema e outras artes

A Capital Europeia da Cultura apresenta hoje o *Trans Guimarães*, uma noite de cinema experimental e de reflexão audiovisual sobre o seu cruzamento com as outras artes (teatro, artes visuais, poesia, música) que decorrerá no CAE São Mamede às 21h30. Assumindo-se como um evento transversal, o *Trans Guimarães* exhibe quatro curtas-metragens: *A Mesa*

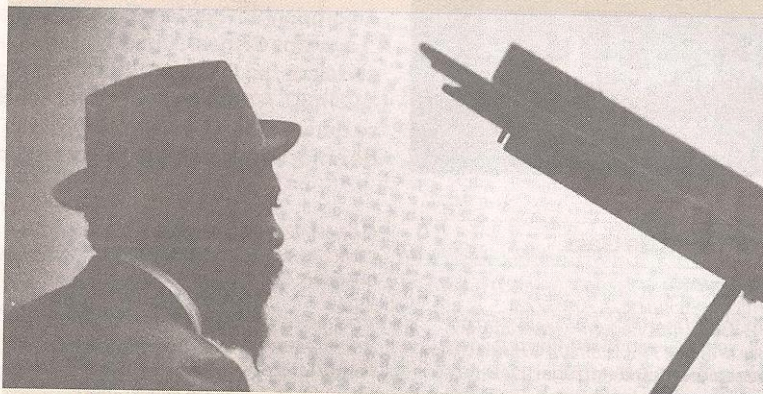
*Ferida*, de Marcos Barbosa; *Birds* (na foto), de Gabriel Abrantes; *Der Schlingel*, de Paulo Abreu; e *Ao Lobo da Madragoa*, de Pedro Bastos.

Os bilhetes custam dois euros e podem ser adquiridos no local, em guimaraes2012.bilheteiraonline.pt, nos espaços informativos Guimarães 2012 e no Centro Cultural Vila Flor.

Sala 6 - 14h05 16h25 - Est. N.º 21 - 10000



## Cinema



**De Thelonious Monk a Sun Ra**  
"Thelonious Monk: Straight, No Chaser", de Charlotte Zwerin  
Porto. Gato Vadio. Às 21h30.  
Entrada gratuita.

Três músicos, três filmes. A livraria Gato Vadio, no Porto, exibe até sábado, em sessões marcadas para as 21h30, um documentário por noite, sempre com um músico na mira: Thelonious Monk, John Zorn e Sun Ra são, por este ordem, os músicos documentados. A estreia do ciclo dá-se hoje com "Thelonious Monk: Straight, No Chaser", de 1988, dirigido por Charlotte Zwerin e produzido por Clint Eastwood. Trata-se de um olhar sobre a vida do pianista e músico de jazz, com imagens de concertos e entrevistas a amigos e familiares do compositor. É o único filme legendado dos três

que compõem o ciclo.

Amanhã o Gato Vadio exibe "A Bookshelf on Top of the Sky, 12 Stories About John Zorn", sobre o músico e compositor "avant-garde" John Zorn. Concertos de John Zorn e participações de amigos do artista é o que se pode encontrar neste documentário de 2002 realizado por Claudia Heurmann e produzido pelo próprio John Zorn. Para encerrar o ciclo de cinema documental haverá, no sábado, "Space is the Place", sobre o pianista e compositor de jazz Sun Ra, e a sua Arkestra. A película versa sobre a chegada do artista e a sua banda a um novo planeta que decidem povoar, através da música, com afro-americanos. O filme foi realizado por John Coney e o argumento foi escrito por Sun Ra, em 1972.



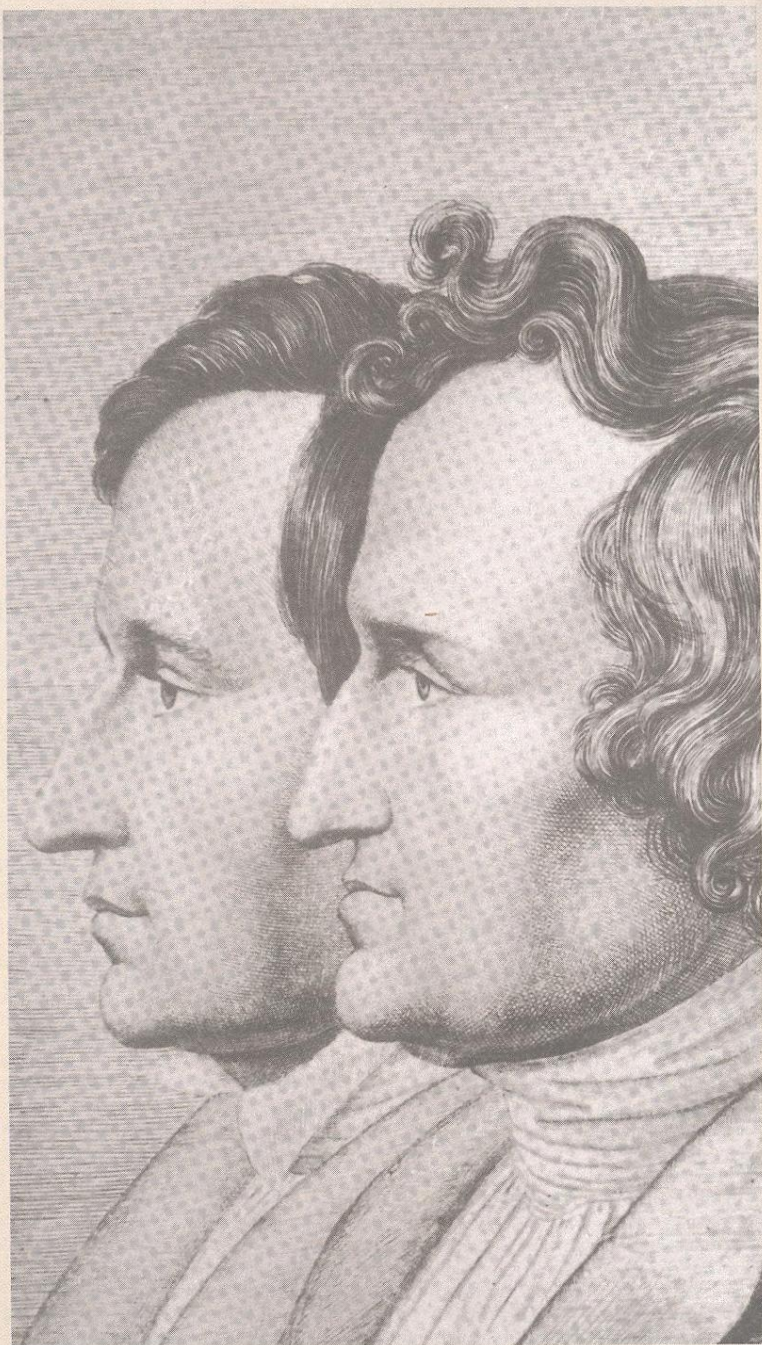
## Uma arca no Passos Manuel

O documentário "A Arca do Éden", do realizador brasileiro Marcelo Félix, tem estreia hoje, às 22h, no Cinema Passos Manuel, em sessão organizada pelo Cineclube do Porto. O cineasta vai estar presente na estreia do filme-poema, que versa sobre a memória do cinema e do mundo, numa viagem entre "o passado e o futuro, ambos míticos, da nossa luta com

a perda do que nos rodeia e do que faz parte de nós". A película foi premiada no festival brasileiro de filmes sobre arte, Move Cine Arte 2012, e foi considerada pelo festival lisboeta Temps d'Images como o "melhor filme sobre arte". O preço dos bilhetes para o público em geral é de 3,5€; os estudantes pagam 2,5€ e os sócios do cineclube 50 centimos.



## Exposição



### Conhecer os irmãos Grimm

**"Irmãos Grimm:  
Vida e Obra" Porto.  
Biblioteca Pública Municipal.  
De 2ª a sábado, das 10h às 18h.  
Até 15 de Janeiro.  
Entrada gratuita.**

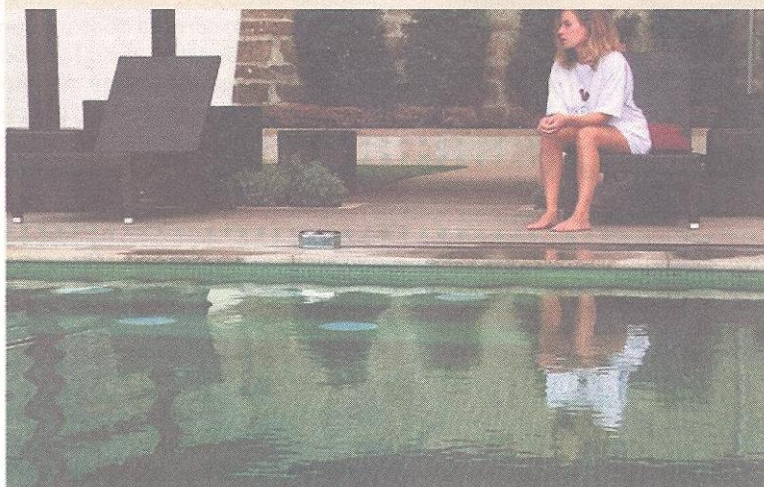
A vida e a obra dos escritores de histórias infantis Jacob e Wilhelm Grimm estão em exposição nos claustros da Biblioteca Pública Municipal do Porto até 15 de Janeiro. Informação sobre o trajecto pessoal e profissional dos autores, retratos da família e dos próprios, ilustrações dos contos e livros originais escritos pelos irmãos estão entre os materiais que a exposição mostra aos visitantes.

"O Príncipe Sapo", "Hansel e Gretel", "Capuchinho Vermelho" e "A Gata Borralheira" são apenas alguns dos célebres contos tradicionais recolhidos e transcritos pelos irmãos Jacob e Wilhelm. Mas os Grimm não se dedicaram apenas a contos de fantasia. Na exposição podem ser encontrados manuais técnicos ligados à linguística e à filologia, como gramáticas e livros sobre a história da língua alemã.

A obra dos irmãos Grimm deu origem a livros traduzidos em mais de 150 idiomas, e as suas histórias continuam a inspirar autores contemporâneos, 200 anos volvidos sobre a primeira edição dos "Contos da Infância e do Lar" compilados por Jacob e Wilhelm.



## Exposição



**O Porto na terceira pessoa**  
“A Terceira Pessoa”,  
de Emily Wardill. Porto.  
Fundação Manuel António Mota. De 3ª a Sábado, das 12h às  
18h. Até 10/02. Entrada gratuita.

“A Terceira Pessoa” é o trabalho desenvolvido pela realizadora inglesa Emily Wardill ao abrigo do Artes, o programa de arte contemporânea da Fundação Manuel António Mota. Resultado de uma encomenda da fundação, o projecto consiste num filme sobre a cidade do Porto, pretendendo apresentar uma visão da rica tradição portuense através do destaque dado a realidades económicas,

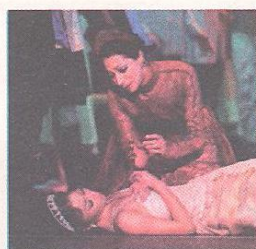
emocionais e físicas mais abrangentes. “A Terceira Pessoa” é o primeiro trabalho que Emily Wardill exhibe em Portugal. A realizadora tem como hábito usar os meios audiovisuais para apresentar e estimular reflexões acerca da arte e cultura dos países que aborda. Nesse estudo, a cineasta debruça-se também sob os aspectos socioeconómicos e interpessoais das nações que retrata. De entre as mais recentes exposições individuais, destacam-se “x-room”, no Statens Museum for Kunst, em Copenhaga, e “Full Firearms”, apresentada no Badischer Kunstverein de Karlsruhe e na Serpentine Gallery de Londres.



## Memórias da arte sacra da diocese de Aveiro

A Diocese de Aveiro, em parceria com o museu da cidade, exhibe, a partir de hoje e até 7 de Abril, uma exposição de arte sacra para celebrar o seu 75º aniversário. A mostra conta com a participação das 101 paróquias que constituem a diocese aveirense. O objectivo do evento é, segundo D. António Francisco dos Santos, Bispo de Aveiro, a “partilha de um

tesouro, sem esquecer nunca que a arte transporta em si um ministério profético”. A exposição pode ser visitada diariamente, das 10h00 às 17h30 (excepto às segundas e feriados), e vai ter dois momentos culturais: *O transcendente presente na Palavra* (1 de Fevereiro) e *O transcendente presente na pintura* (2 de Março). A entrada é gratuita.



## Um clássico de Natal

A Companhia Nacional de Bailado (CNB) apresenta hoje o espectáculo “A Bela Adormecida” no Teatro Circo, em Braga, às 21h30h. É a adaptação do famoso conto de fadas dos irmãos Grimm, que surge pela primeira vez em forma de bailado em

Janeiro de 1890, na Rússia. O CNB exibiu a primeira adaptação do conto em 1998, com coreografia do holandês Ted Brandsen, que regressa este ano para dirigir o bailado. Os bilhetes custam entre 15 e 20 euros.





## Regresso ao "Lago dos Cisnes"

A companhia Russian Classical Ballet traz hoje o "Lago dos Cisnes", um dos mais aclamados bailados clássicos, ao Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães, às 21h30. A obra de Pyotr Tchaikovsky, cuja estreia se deu em Moscovo, em 1877, conta uma história de amor e traição narrada por uma coreografia

expressiva e rigorosa, que dá vida a coexistência entre o Cisne Negro e o Cisne Branco. O bailado, que já passou este ano, com a mesma companhia russa, por várias cidades portuguesas, tem coreografia de Marius Petita e Lev Ivanov, e cenografia e figurinos da Russian Classical Ballet. Os bilhetes custam 22 euros.



## Noiserv no Teatro Ribeiro da Conceição

Noiserv vai estar no palco do Teatro Ribeiro da Conceição, em Lamego, hoje, às 21h30. David Santos é o artista por detrás deste que é um dos projectos mais criativos e estimulantes surgidos em Portugal na última década. Influenciado por Radiohead, Jeff Buckley

e Elliot Smith, Noiserv cultiva um estilo musical ligado ao minimalismo, intimista, apontado às vivências e às memórias individuais, algures entre a realidade e o sonho. Os preços dos bilhetes para o concerto desta noite variam entre os cinco e os 24 euros.



## Dulce Maria Cardoso no Porto de Encontro da Biblioteca Almeida Garrett

O ciclo de conversas Porto de Encontro regressa este ano, na sua 14ª edição, com a escritora Dulce Maria Cardoso como convidada, às 17h00, na Biblioteca Municipal Almeida Garrett, nos Jardins do Palácio de Cristal. A tertúlia, que é dirigida pelo jornalista Sérgio Almeida, contará também com a presença da jornalista do PÚBLICO Inês Nadais e da cantora Ana de

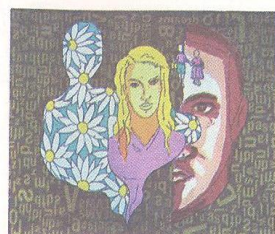
Deus (Três Tristes Tigres, Osso Valdoso) para a leitura de textos. Dulce Maria Cardoso nasceu em Trás-os-Montes (1964), mas passou a infância em Angola. É a partir desses tempos africanos que escreveu o seu romance mais recente, *O Retorno*, editado no ano passado e que foi considerado no Brasil um dos dez melhores livros do ano.



## Miguel Ângelo vs. The Legendary Tigerman

Miguel Ângelo e The Legendary Tigerman (na foto) travam hoje um duelo de DJ no Plano B, Porto, a partir das 23h. De um lado estará o vocalista dos extintos Delfins, actualmente a investir na sua carreira a solo. Do lado oposto, Paulo Furtado como The Legendary

Tigerman, o homem-orquestra do rock e dos blues, vocalista dos Wraygunn e fundador dos também extintos Tédio Boys. O embate entre os músicos portugueses dá-se em forma de DJ "set". No final, o público decide quem passou melhor os discos durante a noite.



## Exposição multidisciplinar no Palácio das Artes

*Filhos de um Deus Menor (versão II)* é o título da exposição multidisciplinar de arte contemporânea que está patente ao público no Palácio das Artes, no Porto, até ao dia 16 de Fevereiro. A mostra é organizada pela Fundação da Juventude, a Associação Cultural Ar Evento e Jorge Braga. Inaugurada no dia 12 de Janeiro, a exposição abrange onze temas distribuídos por outras tantas salas, com trabalhos da área da fotografia,

instalação, vídeo, pintura, escultura, cartoon e ainda a performance. O evento conta com as participações de Liliana Almeida, Eva Mesquita, Ivo Teixeira, Natalia Urynuik e Ricardo Lemos, nas artes visuais, e Sandra Esteves esteve presente na inauguração com uma performance. *Filhos de um Deus Menor* pode ser visitada todos os dias úteis, das 10h00 às 19h00, e aos sábados, das 16h00 às 18h00.



### Vilado Conde

## Incêndio mata mulher em Mindelo

Uma mulher de 51 anos morreu anteontem em Mindelo, Vila do Conde, na sequência de um incêndio que deflagrou na sua habitação. De acordo com fonte dos Bombeiros Voluntários de Vila do Conde, o alerta para o fogo, registado na Rua da Praia, foi dado às 2h47. "A vítima estava sozinha em casa, e morreu no local devido à inalação do fumo", acrescentou a mesma fonte.

### Buscas domiciliárias

## Suspeitos tinham armas e droga em casa na P. de Lanhoso

A GNR de Póvoa do Lanhoso deteve, às 7h de ontem, dois suspeitos de furto, de 21 e 22 anos, na sequência de duas buscas domiciliárias, efectuadas em Geraz do Minho e em Crespos, Póvoa do Lanhoso, após investigação que decorria há cerca de três meses. Apreendeu uma arma de fogo com 35 munições, uma arma de alarme, uma arma branca, alguns estupefacientes e um motociclo desmontado.



## 20 anos de Resistência

Depois de um ano repleto de cultura, Guimarães despede-se de 2012 com a comemoração dos 20 anos de carreira dos Resistência, hoje, às 22h, no Pavilhão Multiusos. O projecto Resistência, que se tornou banda sonora incontornável do Portugal da década de 90, surgiu como resultado da união de vários músicos portugueses que já faziam parte de outras bandas. O concerto de

hoje vai contar com toda a formação original: Fernando Cunha, Miguel Ângelo, Pedro Ayres de Magalhães, Tim, Fernando Júdice, Alexandre Frazão, José Salgueiro, Rui Luís Pereira, Fred Mergner e Olavo Bilac, aos quais se juntam dois convidados especiais, os guitarristas Mário Delgado e Pedro Joia. Os bilhetes custam entre 25 (plateia em pé) e 28 euros (bancadas).

# Vigilante morreu ao tentar travar violência escolar

## Matosinhos

Ana Cristina Pereira  
e Patrícia Carvalho

**Homem tentava controlar aluno quando teve paragem cardíaca. Tudo começou com uma briga**

Nada faria prever uma reacção tão violenta como a que teve ontem de manhã na EB 2,3 Óscar Lopes, em Matosinhos. O rapaz de 15 anos nunca antes terá reagido assim. Desentendeu-se com um colega numa aula de Educação Física. O professor por quem tinha maior simpatia mandou-o sentar-se e serenar. Temendo que a contenda pudesse continuar, acompanhou os alunos até ao balneário. Não se enganou. A partir dali, desencadeou-se um processo de violência que acabou por revelar-se fatal para um funcionário.

Tomado por um sentimento de injustiça, o rapaz ter-se-á virado ao colega. Quando mais tentariam acalmá-lo, mais irritado ficaria. Tanto que terá desatado a agredir quem lhe fez frente. Dois vigilantes acorreram ao local para o controlar



EB 2,3 Óscar Lopes acolhe crianças e jovens de dois bairros mal afamados de Matosinhos: Cruz de Pau e Biquinha

e conduzir à direcção. Na antecâmara do gabinete, terá empurrado mesa e cadeiras, atirado objectos ao chão, agredindo a subdirectora e outras pessoas que lá estavam. Os agentes agarraram-no e, nesse momento, um deles teve uma paragem cardíaca-respiratória e morreu.

Era de manhã. O piquete da Polícia de Segurança Pública registou a chamada às 10h45. Primeiro, levou-o para a esquadra para o interrogar, depois para o Tribunal de Família e Menores. Às 20h ainda lá estava. Foi-lhe decretada uma medida cautelar de internamento em regime semiaberto. Seria conduzido para um centro educativo, onde aguardará o julgamento, que terá de ocorrer no prazo de três meses.

"A morte do segurança não pode ser imputada ao jovem", explicou o vereador da Educação, Correia Pinto. "Era um agente aposentado da PSP, com 56 anos, com um historial

cardíaco conhecido. Segundo me disseram, tinha até uma intervenção marcada. A agressão ao elemento da direcção foi desagradável e tem que dar processo."

O rapaz fora retirado à família no âmbito de um processo de promoção e protecção de menores. Teria uma família desestruturada, inapta. Fora acolhido pela Casa do Vale, estrutura destinada a rapazes entre os 12 e 18 anos, todos desprotegidos, alguns capazes de assumir comportamentos tipificados como crime.

Frequentava o 8.º ano. Não sobressaía pela pontualidade, nem pela assiduidade. Pelo contrário. E acontecia reagir de forma despropositada, por vezes agressiva. Mesmo assim, não se esperava que reagisse como ontem. Muito menos que "tivesse o azar" de este súbito ataque de violência ficar associado à morte de um homem.

À tarde, no tribunal, houve uma pessoa que lhe perguntou: "Então, mataste um homem?" O rapaz nem queria acreditar. Estava tristíssimo. Com ele estava uma técnica do lar, a tentar ajudá-lo a lidar com tudo aquilo. Era ela quem o acompanharia ao centro educativo, mal chegasse a PSP.

A EB 2,3 Óscar Lopes tem as suas histórias. Nela estudam miúdos de dois dos mais mal afamados bairros de Matosinhos – Cruz de Pau e Biquinha. Por a escola ter "algumas especificidades em termos de comportamentos", diz o vereador, o Ministério da Educação contratou dois antigos polícias para garantir a segurança. E foram eles que tentaram controlar o aluno. Um deles não aguentou. Uma equipa do Instituto Nacional de Emergência Médica tentou reanimá-lo. Antes já outras pessoas o tinham tentado salvar.

O vigilante era muito estimado pela comunidade escolar. A direcção da EB 2,3 Óscar Lopes decidiu suspender as aulas da parte da tarde. A sua intenção era não abrir hoje. "Os professores querem promover uma conversa com todos os alunos para tentar, de uma forma organizada e estruturada, analisar o que se passou", explicou o vereador. A Direcção Regional do Norte, porém, decidiu que as aulas seriam retomadas.

Deslocou-se ao estabelecimento de ensino o delegado de Educação da Região Norte. "A escola suspendeu o aluno preventivamente, nos termos do Estatuto do Aluno e Ética Escolar, e abriu um processo de inquérito", salientou por escrito, o assessor do ministro da Educação. **com Ana Duarte e Jorge Alas**

## Fogo na fábrica Silaca reacendeu-se ontem

Incêndios  
Ana Duarte

**Desta vez, as chamas não provocaram vítimas. Os dois feridos graves da véspera mantêm-se com prognóstico reservado**

O incêndio que na quarta-feira destruiu a fábrica de tintas Silaca, em Pedroso, Vila Nova de Gaia, reacendeu-se ontem, às 10h. Ao contrário do sucedido na véspera, em que as explosões e chamas provocaram dois feridos muito graves e quatro ligeiros, ontem não se registaram danos pessoais.

Segundo fonte dos Sapadores de Gaia, "o fogo reacendeu-se devido a matérias que estavam cobertas e onde a água não conseguiu penetrar" durante o combate às chamas de quarta-feira. Ontem, aquela corporação ocorreu ao local com cinco homens e uma viatura. O fogo foi extinto por volta das 12h.

Os funcionários da Silaca presentes recusaram-se a prestar declarações. O PÚBLICO não conseguiu apurar o destino da empresa que emprega 49 trabalhadores.

As explosões e o incêndio de anteontem provocaram seis feridos: três bombeiros que combatiam as chamas e três funcionários da fábrica. Dois destes trabalhadores encontram-se em estado muito grave, permanecendo internados na unidade de queimados do Hospital da Prelada, no Porto, com prognóstico reservado. Um deles, um trabalhador de 45 anos residente em Vila Nova de Gaia, apresenta queimaduras em 75 a 80% do corpo. O outro ferido muito grave, um homem, de 29 anos, residente em Rio Tinto, tem queimaduras em 40% do corpo.

Marta Azevedo Frazão, médica intensivista do Hospital da Prelada, explicou ontem ao PÚBLICO que "o paciente mais jovem já não está sob suporte ventilatório mecânico", apesar de continuar com "prognóstico reservado". O outro paciente, de 45 anos, apresenta uma situação clínica mais grave, mantendo-se o "prognóstico muito reservado", referiu a médica, por ter sofrido "uma lesão pulmonar, devido à inalação do fumo", além da extensa área do corpo queimada.

Em 2002, registou-se também um incêndio na Silaca que provocou a morte a um bombeiro dos Sapadores de Gaia.



### **Peças publicadas em *publico.pt***

“Fogo destruiu parte de edifício devoluto no centro do Porto”. Publicada em 2012/12/06. Disponível em <http://www.publico.pt/1576327>

“Chocolate terá presença de peso na comemoração dos 250 anos da Torre dos Clérigos”. Publicada em 2012/12/12. Disponível em <http://www.publico.pt/1577056>

“Camião despistou-se e derrubou pórtico informativo na A29”. Publicada em 2012/12/13. Disponível em <http://www.publico.pt/1577348>

“PSP detém dois homens suspeitos de vários assaltos violentos à mão armada”. Publicada em 2012/12/13. Disponível em <http://www.publico.pt/1577350>

“Menina morreu atropelada por automobilista que fugiu”. Publicada em 2012/12/14. Disponível em <http://www.publico.pt/1577439>

“Rebentamento em posto de transformação da EDP fez dois feridos no Porto”. Publicada em 2012/12/19. Disponível em <http://www.publico.pt/1578005>

“Incêndio em Santa Comba Dão deixou três pessoas desalojadas”. Publicada em 2012/12/27. Disponível em <http://www.publico.pt/1578748>

“Ciclista morre em Penafiel colhido por camião”. Publicada em 2012/12/27. Disponível em <http://www.publico.pt/1578790>

“Queda de revestimento de fachada na Praça da Batalha, no Porto, faz um ferido”. Publicada em 2013/01/03. Disponível em <http://www.publico.pt/1579369>

“Automóvel caiu de viaduto na Via Panorâmica do Porto”. Publicada em 2013/01/09. Disponível em <http://www.publico.pt/1580080>

“Choque frontal com camião mata motociclista em Santo Tirso”. Publicada em 2013/01/14. Disponível em <http://www.publico.pt/1580693>

“Pagamentos em atraso deixam Centro de Saúde da Lousã sem aquecimento desde segunda-feira”. Publicada em 2013/01/17. Disponível em <http://www.publico.pt/1581077>

“Trânsito condicionado no IC2, em São João da Madeira”. Publicada em 2013/01/18. Disponível em <http://www.publico.pt/1581225> com atualização em <http://www.publico.pt/1581251>

“Neve fecha algumas estradas em todo o interior Norte do país”. Publicada em 2013/01/22. Disponível em <http://www.publico.pt/1581611> com atualização em <http://www.publico.pt/1581776>

“Choque frontal cortou Viaduto da Areosa, no Porto, durante três horas”. Publicada em 2013/01/25. Disponível em <http://www.publico.pt/1582107>

“Acidente entre carrinha celular e ligeiro faz cinco feridos na A11”. Publicada em 2013/01/29. Disponível em <http://www.publico.pt/1582485>

“Choque frontal entre dois automóveis faz um morto em Vila Nova de Gaia”. Publicada em 2013/01/30. Disponível em <http://www.publico.pt/1582621>

“Incêndio arrasa armazém de produtos chineses em Varziela”. Publicada em 2013/01/31. Disponível em <http://www.publico.pt/1582769>

“Ossada humana descoberta num terreno de cultivo em Gaia”. Publicada em 2013/02/01. Disponível em <http://www.publico.pt/1582952>

“Homem morre atropelado por dois camiões em Esposende”. Publicada em 2013/02/05. Disponível em <http://www.publico.pt/1583350>

“Intoxicação cutânea leva 16 alunos de Fafe ao hospital”. Publicada em 2013/02/05. Disponível em <http://www.publico.pt/1583411>

“Derrame de óleo condiciona circulação na Ponte da Arrábida”. Publicada em 2013/02/07. Disponível em <http://www.publico.pt/1583682>

“Motociclista morre após colisão com automóvel em Famalicão”. Publicada em 2013/02/08. Disponível em <http://www.publico.pt/1583858>

“Neve corta estradas na Serra da Estrela e no Interior Norte”. Publicada em 2013/02/11. Disponível em <http://www.publico.pt/1584097>

“Reabriram várias estradas que a neve tinha cortado ao trânsito”. Publicada em 2013/02/11. Disponível em <http://www.publico.pt/1584162>

“Cinco câmaras do distrito de Setúbal dão compostores aos munícipes”. Publicada em 2013/02/11. Disponível em <http://www.publico.pt/1584173>

“Homem morre em Gaia por inalação de monóxido de carbono”. Publicada em 2013/02/13. Disponível em <http://www.publico.pt/1584336>

“Mulher atropelada na passadeira sofre ferimentos graves em Vila Real”. Publicada em 2013/02/14. Disponível em <http://www.publico.pt/1584486>

“Site do Turismo de Coimbra passa a ter versão em mandarim”. Publicada em 2013/02/22. Disponível em <http://www.publico.pt/1585469#/0>

“Incêndio destrói casa e faz um desalojado no Porto”. Publicada em 2013/02/22. Disponível em <http://www.publico.pt/1585447>

“Mulher morre colhida por comboio na Figueira da Foz”. Publicada em 2013/02/25. Disponível em <http://www.publico.pt/1585708>

“Incêndio destrói parte do telhado de anexo do Círculo Universitário do Porto”. Publicada em 2013/02/25. Disponível em <http://www.publico.pt/1585734>

“Neve fecha escolas e estradas no Interior Norte e Centro”. Publicada em 2013/02/27. Disponível em <http://www.publico.pt/1585941#/0>

### **Peças publicadas no P3 (*p3.publico.pt*)**

“Rato de computador há 44 anos”. Publicada em 2012/12/10. Disponível em <http://p3.publico.pt/vicios/hightech/5753/rato-de-computador-ha-44-anos>

“Aí vem a Sulia, dona das áreas de interesse”. Publicada em 2012/12/15. Disponível em <http://p3.publico.pt/vicios/hightech/5773/ai-vem-sulia-dona-das-areas-de-interesse>

“Daniela Costa escreve biografias por encomenda”. Publicada em 2013/02/02. Disponível em <http://p3.publico.pt/cultura/livros/6424/daniela-costa-escreve-biografias-por-encomenda>

“Vigi, uma “app” para mudar o conceito de fotografia na rede”. Publicada em 2013/02/03. Disponível em <http://p3.publico.pt/vicios/hightech/6455/vigi-uma-app-para-mudar-o-conceito-de-fotografia-na-rede>

“É possível construir um edifício sem emissões?”. Publicada em 2013/02/11. Disponível em <http://p3.publico.pt/cultura/arquitectura/6485/e-possivel-construir-um-edificio-sem-emissoes>

“A moda da escrita por encomenda”. Publicada em 2013/02/13. Disponível em <http://p3.publico.pt/cultura/livros/6759/moda-da-escrita-por-encomenda>

“Quem foi que disse que não se passa nada em Leiria?”. Publicada em 2013/02/17. Disponível em <http://p3.publico.pt/actualidade/media/6512/quem-foi-que-disse-que-nao-se-passa-nada-em-leiria>

“Ecofixe, uma casa portuguesa de pneus, terra e latas”. Publicada em 2013/02/22. Disponível em <http://p3.publico.pt/actualidade/ambiente/6790/ecofixe-uma-casa-portuguesa-de-pneus-terra-e-latas>

“Luís Gomes, o tenor português que vai trabalhar na Royal Opera House de Londres”. Publicada em 2013/02/24. Disponível em <http://p3.publico.pt/cultura/palcos/6664/luis-gomes-o-tenor-portugues-que-vai-trabalhar-na-royal-opera-house-de-londres>

“Vamos passar as férias à procura de dinossauros?”. Publicada em 2013/02/24. Disponível em <http://p3.publico.pt/vicios/em-transito/6781/vamos-passar-ferias-procura-de-dinossauros>



“Jovens criam projecto para promover saúde mental”. Publicada em 2013/02/28. Disponível em <http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/6843/jovens-criam-projecto-para-promover-saude-mental>

“Mafalda Paiva vai ter um escaravelho "nazi" em Veneza”. Publicada em 2013/02/28. Disponível em <http://p3.publico.pt/actualidade/ciencia/6869/mafalda-paiva-vai-ter-um-escaravelho-quotnaziquot-em-veneza>

“Islândia quer proibir a pornografia na Internet”. Publicada em 2013/02/28. Disponível em <http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/6863/islandia-quer-proibir-pornografia-na-internet>